

AGROINDÚSTRIAS E PRODUTORES RURAIS INTEGRADOS : ANÁLISE DAS
RELAÇÕES ECONÔMICAS NA AVICULTURA DO PARANÁ

JORGE SEBASTIÃO DE BEM

1991

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA

AGROINDÚSTRIAS E PRODUTORES RURAIS INTEGRADOS:
ANÁLISE DAS RELAÇÕES ECONÔMICAS NA AVICULTURA DO PARANÁ

JORGE SEBASTIÃO DE BEM

1991

AGROINDÚSTRIAS E PRODUTORES RURAIS INTEGRADOS: ANÁLISE DAS
RELAÇÕES ECONÔMICAS NA AVICULTURA DO PARANÁ

JORGE SEBASTIÃO DE BEM

APROVADO EM 13/09/1991

Prof. NELSON GIORDANO DELGADO_____

Prof. PAULO ROBERTO BESKOW_____

Prof. RENATO JAMIL MALUF_____

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA

AGROINDÚSTRIAS E PRODUTORES RURAIS INTEGRADOS:
ANÁLISE DAS RELAÇÕES ECONÔMICAS NA AVICULTURA DO PARANÁ

JORGE SEBASTIÃO DE BEM

SOB A ORIENTAÇÃO DO PROFESSOR NELSON GIORDANO DELGADO

Tese submetida como requisito
parcial para obtenção do grau de
mestre. Área de concentração em
Estado, Política e Agricultura.

Itaguaí, Rio de Janeiro

Julho, 1991

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação não teria sido possível sem as valiosas contribuições dos agentes envolvidos - as empresas e os produtores rurais integrados, que me permitiram furtar-lhes algumas horas com entrevistas -, caracterizados algumas vezes por um diálogo fácil e outras vezes por constrangimentos (principalmente por parte das empresas) nas discussões de determinados temas, principalmente daqueles que acabam evidenciando o conflito existente na relação de integração.

O Professor Nelson Giordano Delgado, orientou-me deixando-me à vontade na condução do trabalho, sem deixar de acompanhar suas várias fases e de realizar uma crítica apurada dos manuscritos bem como de sugerir mudanças à medida que se tornaram necessárias.

Agradeço aos colegas do IPARDES - Fundação Edison Vieira -, que nas discussões realizadas nos vários trabalhos dos quais participei, influenciaram sobremaneira na visão do objeto de pesquisa e nos aspectos teóricos aqui desenvolvidos. Estendo meus agradecimentos aos colegas dos setores de apoio à pesquisa do IPARDES, particularmente de editoração e reprografia que garantem a confecção dos trabalhos com excelente qualidade gráfica.

Não poderia esquecer de citar e agradecer o amigo Walter Shima, interlocutor ativo desde o início do curso de mestrado o qual realizamos juntos.

Registro o agradecimento ao IPARDES, por ter proporcionado o apoio à tese, ainda que nesses seis meses de liberação, eu e os demais funcionários tenham sofrido o maior arrocho salarial já vivido por esta instituição de pesquisa.

Finalmente dedico esse trabalho à minha esposa e companheira Cleide, que soube partilhar das angústias e compreender a solidão que um trabalho dessa natureza impõe; e ao Vitor e Felipe, meus filhos, porque souberam conviver por menor tempo com o pai.

Jorge Sebastião de Bem, nasceu em Laguna - SC em 1950. Graduou-se em Ciências Sociais na Universidade Federal do Paraná em 1976. Trabalha desde 1977 no Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES - com vários trabalhos publicados na área agrícola - destacando-se a avaliação do setor cooperativo agropecuário, diagnósticos setoriais. Mais recentemente, desenvolve estudos na área do MERCOSUL sobre competitividade da produção agrícola e tributação.

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	vii
LISTA DE MAPAS.....	xii
RESUMO.....	xiii
ABSTRACT.....	xiv
INTRODUÇÃO.....	1
1 ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO COMPLEXO AGROINDUS- TRIAL NO BRASIL E NO MUNDO A QUESTÃO DA INTE- GRAÇÃO AVÍCOLA.....	6
2 CARACTERIZAÇÃO DA AVICULTURA PARANAENSE: agroin- dústria, produtores integrados e as perspectivas do mercado de carne de frango.....	26
2.1 A DINÂMICA INDUSTRIAL DAS EMPRESAS NO ABATE DO FRANGO.....	28
2.2 A RELAÇÃO DA INDÚSTRIA ABATEDOURA COM OS PRODU- TORES RURAIS INTEGRADOS.....	41
2.3 O MERCADO DE CARNE DE FRANGO: evolução e pers- pectivas.....	53
3 ANÁLISE DE DUAS EMPRESAS INTEGRADORAS NO PARANÁ: DAGRANJA E FRIGOBRÁS.....	61
3.1 CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA DAGRANJA AGROINDUS- TRIAL S.A.....	63
3.2 RELAÇÃO DA DAGRANJA COM OS PRODUTORES RURAIS INTEGRADOS.....	74

3.3	ASPECTOS CONCLUSIVOS.....	91
3.4	CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA COMPANHIA BRASILEIRA DE FRIGORÍFICOS - FRIGOBRÁS.....	94
3.5	RELAÇÃO DA FRIGOBRÁS COM OS PRODUTORES RURAIS INTEGRADOS.....	106
3.6	ASPECTOS CONCLUSIVOS.....	119
3.7	ANÁLISE COMPARATIVA DA RECEITA E DESPESA DO PRODUTOR RURAL COM LAVOURAS DE SOJA/TRIGO E AVICULTURA INTEGRADA.....	121
	CONCLUSÃO.....	126
	ANEXOS.....	132
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	142

LISTA DE TABELAS

Capítulo 2

- 1 Número de plantas de abatedouros de frangos, distribuição da capacidade instalada e início das atividades, segundo o nome da empresa, no Paraná - 1975..... 27
- 2 Capacidade instalada dos abatedouros de frangos e início das atividades por tamanho de planta segundo as empresas, no Paraná - 1982 e 1988..... 28
- 3 Disponibilidade de fábrica de rações, incubatório/matriseiro, assistência técnica e produção própria de frango segundo tamanho de planta, no Paraná - 1988..... 31
- 4 Número de plantas abatedouras de frangos e a capacidade instalada do abate/hora segundo origem do capital, no Paraná - 1988..... 32
- 5 Participação percentual na quantidade comercializada de frango por principal destino segundo as grandes, médias e pequenas empresas no Paraná - 1988..... 34
- 6 Participação percentual de cada produto na quantidade produzida de frangos e derivados segundo grandes, médias e pequenas plantas, no Paraná - 1988..... 35
- 7 Distribuição percentual do valor do faturamento dos principais produtos de proteína animal por tipo segundo as grandes, médias e pequenas plantas, no Paraná - 1988..... 37

8	Presença das empresas em outros setores da atividade econômica segundo tamanho da planta, no Paraná - 1988.....	39
9	Presença das empresas na produção de proteínas e outras atividades fora do Estado do Paraná - 1988.....	40
10	Participação percentual dos fornecedores de frangos para os abatedouros por tipo de relação, segundo o porte das empresas, no Paraná - 1988.....	42
11	Número de estabelecimentos especializados e não-especializados, por número de aves produzidas, segundo anos censitários, no Paraná - 1975-80-85.....	50
12	Perfil dos produtores rurais integrados, por principais características, segundo o município e a empresa, no Paraná - 1988.....	52
13	Produção de carnes de aves no Paraná e Brasil - 1978 a 1987.....	54
14	Produção de carne bovina no Paraná e Brasil - 1978 a 1987.....	54
15	Evolução do salário médio até 20 salários mínimos - Piso Nacional - e do consumo de carne bovina - 1980-88 - Brasil.....	57
16	Número de informantes que declararam produzir milho, quantidade colhida e área utilizada, no Paraná - 1980 e 1985.....	59

Capítulo 2

- 1 Grupos de área total por estratos, em número de estabelecimentos e área, segundo municípios onde a DAGRANJA possui produtores integrados e total do Estado, no Paraná - 1970-1980-1985..... 66
- 2 Produção de soja por número de informantes, quantidade e área ocupada, segundo total de municípios onde a DAGRANJA mantém produtores rurais integrados e total do Estado, no Paraná - 1970-1980-1985..... 68
- 3 Produção de trigo por número de informantes, quantidade e área ocupada, segundo total de municípios onde a DAGRANJA mantém produtores rurais integrados e total do Estado, no Paraná - 1970-1980-1985..... 68
- 4 Utilização das terras, segundo o total de municípios onde a DAGRANJA mantém produtores integrados e total do Estado, no Paraná - 1970-1980-1985..... 69
- 5 Produção de aves por número de informantes, total e idade, segundo municípios onde a DAGRANJA possui produtores integrados e total do Estado, no Paraná - 1970-1980-1985..... 70
- 6 Número de produtores integrados à DAGRANJA, número de frangos produzidos e produção média integrado/ano, no Paraná - 1981 a 1990..... 72
- 7 Resultados apurados na criação do frango por nível do produtor integrado à DAGRANJA, segundo principais itens, no Paraná - Dezembro 1990..... 82

8	Principais custos num lote de frango por nível de produtor integrado à DAGRANJA, no Paraná - Dezembro 1990.....	86
9	Número de produtores integrados à FRIGOBRÁS por produção de frangos e produção média integrada/ano, no Paraná - 1980 a 1990.....	95
10	Grupos de área total por estratos, em número de estabelecimentos e área, segundo municípios onde FRIGOBRÁS possui produtores integrados e total do Estado, no Paraná - 1970-1980-1985.....	99
11	Produção de soja por número de informantes, quantidade e área ocupada, segundo total de municípios onde a FRIGOBRÁS mantém produtores integrados e total do Estado, no Paraná - 1970-1980-1985.....	100
12	Produção de trigo por número de informantes, quantidade e área ocupada, segundo total de municípios onde a FRIGOBRÁS mantém produtores integrados e total do Estado, no Paraná - 1970-1980-1985.....	101
13	Utilização das terras por principais usos segundo o total de municípios onde a FRIGOBRÁS mantém produtores integrados e total do Estado, no Paraná - 1970-1980-1985.....	102
14	Produção de aves por número de informantes, total e idade, segundo municípios onde a FRIGOBRÁS tem produtores integrados e total do Estado, no Paraná - 1970-1980-1985.....	104

15	Resultados apurados na criação do frango por produtor integrado à FRIGOBRA S, segundo principais itens, no Paraná - Dezembro 1990.....	107
16	Comparação de resultados econômicos obtidos com um lote de frango entre os avicultores da DAGRANJA e os da FRIGOBRA S, no Paraná - Dezembro 1990.....	108
17	Comparação de custos entre um avicultor da DAGRANJA e um da FRIGOBRA S, segundo resultado final obtido, no Paraná - Dezembro 1990.....	109
18	Percentual do custo médio por quilo de frango na FRIGOBRA S, no Paraná - 1982-1985-1986-1990.....	110
19	Resultados apurados por um avicultor com a criação de frangos por principais itens, segundo datas dos lotes entregues à FRIGOBRA S, na Paraná - 1989-90.....	114
20	Estimativa dos custos variáveis de produção de um hectare de soja e trigo, no Paraná - Dezembro/90.....	123
21	Receita bruta estimada no ano de 1990, para os produtores de soja e trigo e para aqueles com atividade avícola	124

LISTA DE MAPAS

- 1 Municípios do Paraná onde estão localizadas as
plantas de abatedores de frango - 1988..... 30
- 2 Municípios do Paraná onde a DAGRANJA agroin-
dustrial mantém produtores rurais integrados -
1990..... 65
- 3 Municípios do Paraná onde a Companhia Brasileira
de Frigoríficos - FRIGOBRÁS mantém produtores
rurais integrados - 1990..... 98

RESUMO

O estudo tem como objeto a análise de aspectos econômicos do setor avícola no Paraná. Trata-se de uma atividade importante dentro do agroparanaense e vem sendo realizada através do sistema de integração. Essa modalidade de integração é formalizada através de contato de parceria.

A relação entre a indústria e os produtores rurais, todavia, tem gerado conflitos, principalmente pela baixa remuneração que oferece aos integrados.

Na perspectiva da indústria esse fato não ocasiona problemas, uma vez que realiza um processo de acumulação intenso que se reflete no porte de grandes grupos empresariais com atuação no mercado nacional e internacional de carnes.

No sentido de entender essa problemática, realizou-se uma pesquisa de campo em duas grandes indústrias avícolas no Paraná, nas quais investigou-se as estratégias usadas por elas para garantir as margens de lucro e a expansão das suas atividades. Paralelamente, levantou-se junto aos produtores integrados o funcionamento da sua dinâmica investigando-se os ganhos econômicos efetivos que eles obtêm nesta relação.

Além da análise da integração, realiza-se uma abordagem geral do setor avícola no Paraná e a importância da carne de frango no consumo nacional.

ABSTRACT

This study has its main object to analyse the economic purpose of Parana State aviculture sectors. This is an area that deals with one of the activity most important in Parana's agro, and it's been done true the integration system. This modality of integration is formalize by a partnership contact and the relationship between the rural producers and the industries. How ever this has cause conflicts, mainly because of the low remuneration, that it offers to the integraters.

In the industry perspective this fact doesn't cause any problems, once that it realises that the process of its inner accumulation is reflected by the capacity of the largest interprises groups with its activity on the nacional and internacional meat market.

To undertand this problem has being done a field research on the two biggest industries of Parana aviculture an in wich was investigated the stratégies used by them to guarantie their profit and the extension of their activities. along side to this, it was done another research with the integrated producers, about their dinamic functioning and investigating the efective economic profit, that they would obtain with this relationship.

Beyond this analyse, of the integration, it was done a general approach of the aviculture sector int the Parana State and the importance of the chicken meat and its nacional comsumption.

INTRODUÇÃO

As análises sobre a integração dos complexos agroindustriais, feitas em período recente, tornaram mais evidente o grau de subordinação da agricultura à indústria, nas suas inter-relações econômicas e tecnológicas.

No complexo agroindustrial identifica-se as indústrias fornecedoras de insumos, máquinas e equipamentos e aquelas que realizam o processamento de produtos, a maioria delas produtoras de alimentos. Essas indústrias, estão constantemente buscando inovações, que alterem o padrão tecnológico tanto dos produtos e processos da agroindustrialização como da produção agropecuária. Excluem-se, aqui, as indústrias de tratores, colheitadeiras e implementos agrícolas, por estarem estagnadas há algum tempo. As empresas líderes desse setor estão deslocando-se e investindo também na indústria alimentar, como uma forma de compensar os baixos desempenhos obtidos nos últimos anos.

Na agroindústria processadora - tanto no Brasil como no Exterior -, um dos setores que mais avançaram tecnologicamente foi o de produção de frangos, reduzindo o ciclo de sua produção de 50 dias para 40 dias, em média, nos últimos dez anos. A conversão alimentar passou, nesse período, de 2,40 kg de ração para uma média de 2,0 kg por quilo de frango.

O frango, sem dúvida, é o produto que mais incorporou tecnologia nos últimos anos, tendo em vista esse modelo de produção industrial, que racionaliza o tempo de trabalho e o tempo de produção. Utilizando-se da forma integrada de produção - na qual o produtor rural é responsável pelo ciclo biológico - difundiu-se uma produção especializada na agropecuária.

No Brasil, a modernização da agropecuária provocou, nos últimos vinte anos, transformações profundas tanto nas relações de produção como no processo de trabalho, assegurando um padrão de desenvolvimento capitalista para essas atividades. A avicultura industrial - tema desta tese -, assim chamada, no Brasil, para que seja diferenciada da avicultura tradicional, tem aproximadamente 25 anos de existência.

Para o surgimento dessa nova atividade, foi fundamental a introdução de raças híbridas provenientes de países como os Estados Unidos, Canadá, França e Inglaterra. A transferência de tecnologia desses países para o Brasil possibilitou níveis de produtividade semelhantes aos dos lugares de origem, através da seleção das linhagens puras, controladas a partir de bancos genéticos. Nesse aspecto, a estratégia desenvolvida pela avicultura industrial encontra-se consolidada. O pacote tecnológico foi absorvido tanto pelos produtores rurais como pela unidade industrial de processamento e fábrica de rações.

Entretanto, esse modelo de produção, quando colocado em funcionamento, tem gerado alguns conflitos. O principal deles é a baixa remuneração que recebem os produtores rurais integrados. Segundo eles, a atividade não oferece lucros; apenas mantém a unidade funcionando. A indústria, por sua vez, acusa problemas que vão do custo da matéria-prima (o milho) e da integração, até os baixos níveis de renda da população.

Na tentativa de entender essa problemática, pretende-se, nesta dissertação, investigar, por um lado, as estratégias que são adotadas pela indústria para garantir as margens de lucro e a expansão das suas atividades e, por outro, analisar como esses problemas têm se refletido na dinâmica da integração referente aos ganhos econômicos dos produtores rurais integrados.

No capítulo primeiro, com base numa revisão bibliográfica, realiza-se uma discussão sobre o complexo agroindustrial a partir das relações entre indústria e agricultura em que se procura mostrar a generalização do modo de produção capitalista a partir do século passado a toda a produção agropecuária permitindo, um desenvolvimento industrial nas atividades agrárias. A configuração dessa organização do capital no campo permite separar o setor produtor de máquinas, equipamentos e insumos para agricultura do setor da agroindústria, que beneficia a produção agrícola.

Nesse capítulo privilegia-se esse último segmento, procurando-se entender e justificar as formas de desenvolvimento dessas atividades no Brasil e dimensionar os seus impactos sobre os produtores integrados.

No capítulo dois procura-se mostrar as tendências de desenvolvimento do complexo avícola paranaense, apresentando uma visão global do setor no início dos anos 70 e as características de seu notável crescimento nos anos 80.

Os dados utilizados como referência para esta análise foram resultado de uma pesquisa de campo realizada pelo IPARDES, em 1988, na qual se investigou a avicultura num contexto mais amplo, num trabalho intitulado "Complexo de Produção de Proteína Animal: estratégias agroindustriais para as cooperativas". A coleta de informações foi realizada através de formulários, um deles dirigido à indústria abatedoura e o outro ao produtor rural. No relatório de análise dessa pesquisa, esses dados foram trabalhados de forma agregada, porque diziam respeito não só às aves, mas também aos suínos e bovinos. Com o objetivo de aprofundar a análise do setor avícola no Paraná,

foram retabuladas e individualizadas as informações que haviam sido trabalhadas de forma agregada, comparando-se inclusive o nível de industrialização que as empresas haviam atingido e sua integração com os produtores rurais. Para isso, dividiu-se o capítulo em três partes: uma delas apresenta a dinâmica das empresas no abate de frangos no Paraná; uma outra trata da relação da indústria com os produtores rurais integrados e, a última, avalia as perspectivas do setor de produção da carne de frango, explicando o seu crescimento acelerado e os principais problemas que tem enfrentado no mercado de proteínas animais.

O capítulo três é resultado de uma pesquisa de campo realizada em duas indústrias - DAGRANJA e FRIGOBRÁS - através de roteiro que analisa questões de mercado (tanto a venda de produtos como a compra da matéria-prima), com atenção especial à industrialização do frango e aos cortes especiais com osso e sem osso, procurando conhecer a dinâmica dessas empresas. A análise é complementada com dados secundários sobre a região onde atua cada uma dessas indústrias. Tentou-se, apesar das dificuldades, conhecer a trajetória dessas empresas, pela avaliação do seu desempenho econômico e, principalmente, pela sua participação no mercado externo.

O objetivo principal da pesquisa, entretanto, foi conhecer o sistema de integração através de roteiro que orientou a coleta, tanto na indústria como nas entrevistas feitas aos produtores rurais integrados que, no caso das duas empresas analisadas, mostram diferenças significativas no que diz respeito ao retorno econômico que obtêm.

Procurou-se analisar, ainda, a funcionalidade do sistema de integração para a indústria e a forma como esta exerce o

controle da produção, garantindo o pleno funcionamento das suas atividades.

O capítulo é constituído de uma análise individualizada de cada empresa e de seus principais momentos, e procura mostrar - através de cálculos de rendimentos - qual tem sido sua articulação com o mercado e com os produtores integrados. Faz-se, também, uma análise comparativa entre os resultados econômicos obtidos na integração de aves e aqueles obtidos numa pequena parcela de terra que produz soja e trigo.

Pôde-se, assim, constatar o crescimento notável da avicultura no Paraná, tornando-se num curto espaço de tempo no terceiro produtor nacional de frangos e deve continuar ampliando essa produção.

Entretanto, a questão central que ressalta na investigação das duas empresas analisadas é porque apresentam resultados tão diferentes na remuneração dos produtores rurais integrados.

No planejamento estratégico, as empresas consideraram a remuneração da atividade criatória a ser paga aos integrados, como parte integrante e reguladora da taxa de lucro. Esse mecanismo foi verificado em relação as empresas consideradas e pôde-se observar que a remuneração média praticada por elas num produto igual é muito diferente. Enquanto a FRIGOBRÁS mantém uma remuneração média de 4% do valor do lote de frangos na DAGRANJA esse percentual é elevado para 80% mostrando portanto uma remuneração média de 100% maior entre elas.

1 ALGUMAS CARACTERÍSTICAS DO COMPLEXO AGROINDUSTRIAL NO BRASIL E NO MUNDO E A QUESTÃO DA INTEGRAÇÃO AVÍCOLA

O complexo agroindustrial brasileiro é de formação recente, do início da década de 70, e caracteriza-se por uma estrutura de capitais com elevada concentração, ainda que formando oligopólios competitivos¹ na maioria dos ramos agroindustriais.

A dinâmica do complexo agroindustrial no Brasil, através dos vários ramos que o compõem, segundo Müller, é uma tendência dominante e irreversível:

Trata-se, cabe observar, de industrialização no sentido moderno, ou seja, que implica a difusão do atual progresso técnico, elevação das concentrações de capital junto com o avanço de formas oligopólicas de estruturação de mercados, acentuando a distinção entre grandes e pequenos capitais. Essa tendência evidencia que as características dessa industrialização é que regularão a expansão ou o bloqueio dos setores industriais e agrícolas.²

A partir dessas questões, Müller levanta uma hipótese em que sustenta que a regulação da agricultura industrializada já não é mais possível de ser feita pela taxa média de lucro. Essa nova forma de lucro é uma decorrência da atuação das grandes empresas diretamente na produção agropecuária, que, com subsídios do Estado, realizam a expansão da agricultura que se industrializa via esse aporte de capital.

Isso fez com que fosse elevada a concentração de capital, mas não impediu a entrada de novos agentes industriais que, apoiados por créditos governamentais (como é o caso das

¹TAVARES, Maria da Conceição. Estrutura industrial e empresas líderes. s.l. : FINEP, s.d. p.304-310.

²MÜLLER, Geraldo. Agricultura e industrialização do campo no Brasil. Caderno PUC, n.12, p.15-60, mar.1982.

cooperativas agropecuárias), passam a investir em determinados setores industriais, principalmente no sul do país, representando os novos agentes no processo de agroindustrialização do campo.

O aumento da importância da agroindústria cooperativada não foi, necessariamente, um resultado da multiplicação de pequenas plantas agroindustriais disseminadas entre várias cooperativas. Ao contrário, sua presença em muitos setores da indústria agroalimentar é ainda marcada pelas atividades industriais de algumas cooperativas que operam, em geral, plantas de grande porte.³

Nesse sentido, parcelas significativas dos produtores rurais modernizados se integraram a essa agroindústria e passaram, segundo MÜLLER,⁴ a se diferenciar inicialmente pelos volumes de produção entregues.

O aprofundamento da agroindustrialização e o vínculo dos pequenos produtores modernizados a esse processo, SORJ⁵ os qualifica a partir das pressões e interesses derivados da expansão do complexo agroindustrial, embora esses interesses sejam diferentes dos daquelas unidades capitalistas (vigentes pelo lucro médio). Segundo o autor esses produtores privilegiam a reprodução da unidade familiar e, portanto, se constituem numa presa fácil a ser absorvida pela integração com a indústria.

Os produtores familiares, na sua luta pela sobrevivência como tais, são obrigados a se integrar de forma crescente às regras do jogo impostas pelo capital ao nível do próprio processo produtivo. Portanto, embora a produção familiar não seja gerada nem exista na sua especificidade, porque a "lógica do capital" assim o determina, ao mesmo tempo ela não fica alheia à dinâmica envolvente da acumulação capitalista, que vai minando lentamente as especificidades sócio-econômicas e a autonomia que a pequena produção teve anteriormente.⁶

³IPARDES-Fundação Edison Vieira. Agroindústrias e Cooperativas no Paraná. Curitiba, 1985. p.10.

⁴MÜLLER p .

⁵SORJ, Bernardo. Estado e classes sociais na agricultura brasileira. Rio de Janeiro : ZAHAR, 1980.

⁶SORJ, p.65.

O que acontece no Brasil é reflexo da modernização agropecuária a nível mundial, com a incorporação de novas técnicas, fazendo com que a agricultura perdesse parte de sua autonomia. A indústria fornecedora de insumos e meios de produção, por um lado, e a agroindústria de processamento e/ou transformação de produtos agropecuários, por outro, passam a dar a tônica do crescimento agrícola.

Esse fenômeno, no entanto, não deve ser visto isoladamente. Faz parte de um processo histórico e de um contexto mais amplo do desenvolvimento econômico, passando primeiramente por setores mais dinâmicos até chegar à agricultura. O aprimoramento dessas técnicas é inerente ao desenvolvimento das forças produtivas impostas pelo capital, como forma de se reproduzir em escalas cada vez mais ampliadas.

É evidente, também, que a introdução de técnicas modernas de produção e o crescimento da agroindustrialização estão fundamentalmente ligados à penetração do capital externo em países com menor grau de industrialização, como forma de ampliar seu mercado externo. Essa penetração, conseqüentemente, gera hábitos de consumo que fortalecem a demanda por produtos agroindustrializados e atende aos interesses do capital industrial. Desse modo, o problema da articulação entre agricultura e indústria vai se apresentar sob formas distintas, dependendo da fase de industrialização de cada país.

A partir dessas considerações pretende-se entender a dinâmica da agroindústria no complexo agroindustrial, como tendência fundamental e predominante das relações entre agricultura e indústria, identificando a participação dos produtores rurais que se transformam em fornecedores exclusivos e

especializados de matéria-prima alimentar para essas agroindústrias.

Um panorama geral dessas relações apresenta as formas integradas de produção agropecuária como mais uma confirmação da inegável tendência do modo de produção capitalista na agricultura: redução do tempo de trabalho e do tempo de produção.

Essa relação de subordinação ao modo de produção capitalista tem sido objeto de inúmeras pesquisas e debates que, desde o século passado até os dias atuais, têm procurado analisar o grau de perda de autonomia da agricultura, com a modernização dos produtos e processos produtivos.

KAUTSKY⁷ realizou um amplo estudo sobre a problemática agrária, no final do século passado, em que mostra, através dos aspectos evolutivos, o controle da indústria sobre a agricultura, como tendência do modo de produção capitalista.

Seguindo uma trajetória diferente da que foi seguida pela indústria - que incorporou ramos artesanais, transformando-os na produção em escala -, a agricultura se inseriu na produção industrial através de uma especialização mais intensa em alguns ramos da exploração agrícola.

Esse movimento do capital em direção à agricultura vai apresentar particularidades, mas acompanha a organização capitalista que permeia toda a economia. O que ocorre - e KAUTSKY observou muito bem - é que sem essas relações capitalistas torna-se impossível produzir, tanto na grande exploração como na pequena, onde ele reconhece uma certa competição: Existem ramos da agricultura nos quais a pequena produção é, segundo os especialistas, capaz de competir com

⁷KAUTSKY, Karl. A questão agrária. São Paulo : Abril Cultural, 1966.

a grande, como por exemplo a horticultura, a viticultura e o cultivo de plantas comerciais.⁸

As conclusões de KAUTSKY a respeito do processo de desenvolvimento do capitalismo em relação à agricultura coloca em discussão a existência de uma moderna produção rural em grandes e pequenos estabelecimentos. Entretanto, expõe elementos para comprovar a superioridade técnica da grande produção, que teria adequação ao pleno desenvolvimento da agricultura capitalista, ficando a pequena produção sem importância no mercado.

As relações da agroindústria com os produtores rurais sofreram avanços posteriores com os sistemas de integração, que refletiram mais positivamente sobre o desempenho industrial do que sobre os integrados. Mas, se por um lado isso significou uma perda de autonomia por parte do agricultor, por outro permitiu o acesso de maior número de produtores rurais à tecnologia e ao crédito.

Segundo GUIMARÃES,⁹ que entende a integração agroindustrial como uma marcha evolutiva da agricultura, em que as formas tradicionais de reprodução passam a ceder lugar para as formas modernas de produzir:

Colocando-se sob a dependência da força mais dinâmica do progresso econômico - a grande indústria - pôde a agricultura prosseguir no caminho da industrialização, assimilar a mais avançada tecnologia, empregar métodos industriais de gestão compatíveis com o emprego dessa tecnologia, utilizar melhor as possibilidades de crédito e adquirir, em alguns casos, com a ajuda da firma integradora, todos os insumos modernos que estavam fora do seu alcance, aumentando assim sua produção e sua produtividade.¹⁰

Essa forma de integração tomou conta das relações entre

⁸KAUTSKI, p.101.

⁹GUIMARÃES, Alberto Passos. A crise agrária. 2. ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1982.

¹⁰GUIMARÃES, p.124.

a agroindústria e os produtores rurais. A evolução das relações de integração mostram que, nos Estados Unidos, os contratos de integração atingiram, nos anos 70, 90% do setor açucareiro, sementes, fumo e algodão. Na pecuária, 95% dos produtores de frangos de corte estão integrados, assim como 50% dos produtores de perus, além de uma proporção elevada dos produtores de leite, ovos, carnes de boi e suínos. Na França, segundo estimativa apresentada, 80% a 90% dos produtores de frangos de corte estão integrados - apresentando este segmento a maior porcentagem de integração, entre os produtores pecuários.¹¹

Outro estudo a respeito da relação entre agricultura e indústria é exposto por VERGOPOULOS¹² que, ao contrário de Kautsky, vê o papel da pequena produção modernizada como fundamental à manutenção do capitalismo industrial. A reforma agrária, nesse aspecto, teria o mérito de eliminar, por parte dos produtores proprietários de grandes extensões de terra, a possibilidade de especulação da grande produção no mercado. Assim, a quase totalidade das terras seria utilizada, independentemente do preço dos produtos. Esses pequenos produtores não teriam condições de exigir preços superiores pelo uso das terras, nem diminuiriam a produção para esperar modificações no mercado.

Assim, VERGOPOULOS vê vantagens, para o capitalismo industrial, na relação com a pequena produção. Seria uma possibilidade de apropriação do sobrelucro agrícola que, através de certos mecanismos, é deslocado para outros setores, além da

¹¹ GUIMARÃES, p.121.

¹² AMIN, Samir; VERGOPOULOS, Kostas. A questão agrária e o capitalismo. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1977.

agricultura. Para ele, esse pequeno produtor é obrigado a produzir para sobreviver, contenta-se com remuneração equivalente a um salário e não questiona a renda e o lucro obtidos com que o produz.

Em estudo recente, GOODMAN¹³ *et alii* desloca o eixo da discussão sobre as relações entre a indústria e a agricultura, apontando a limitação tecnológica como o fator principal do atraso no tempo necessário à realização do ciclo biológico.

[...] a agricultura confronta o capitalismo com um processo de produção natural.
[...] a agricultura não poderia ser diretamente transformada num ramo de produção industrial. Não havia alternativa industrial à transformação biológica da energia solar em alimento. A industrialização da agricultura tomou caminho decididamente diferente.¹⁴

Para explicar essas relações, GOODMAN introduz um conceito novo denominado "apropriacionismo", mostrando os limites e possibilidades da indústria em transformar as atividades rurais e questionando, com isso, a visão homogênea do complexo agroindustrial.

A tese central é a da incapacidade histórica do capitalismo industrial em transformar o sistema agroalimentício, da produção agrícola até o consumo final do alimento, como um todo unificado. Frações individuais do capital, portanto, intervieram em diferentes pontos do sistema, dando surgimento a estratégias de acumulação e de crescimento específicas e, às vezes, em mútua competição.¹⁵

De fato, observa-se que o complexo agroindustrial é diferenciado naqueles ramos que fornecem máquinas e insumos para a agricultura e naqueles que transformam a produção agrícola. Estes últimos por sua vez, estão sujeitos ainda a diferenças entre si, pelo fato de algumas dessas agroindústrias manterem uma relação de integração direta com o produtor e outras não terem esse tipo de controle.

¹³GOODMAN, David. *et al.* Da lavoura às biotecnologias. São Paulo : Campus, 1990.

¹⁴GOODMAN, p.1.

¹⁵GOODMAN, p.5

Esta dissertação pretende estudar e entender o desempenho da agroindústria, tendo em vista as relações que mantém com o setor agropecuário.

Para a indústria, esse vínculo tem, como finalidade, garantir um certo controle sobre os custos da matéria-prima, mantendo um estreito relacionamento com os fornecedores agrícolas. Mesmo naqueles casos em que não há uma integração, a agroindústria adianta recursos aos produtores, assegurando a compra futura da produção.

Obviamente a maioria das empresas que atuam na agroindústria não mantém os interesses restritos a um produto. Intensificam a verticalização para realizar um maior valor agregado e fugir das pequenas margens de lucros.

Uma outra alternativa de obtenção de maiores lucros, pelas empresas integradoras, é a sua inserção no mercado externo. O frango inteiro congelado é uma *commodities* que tem preço formado no mercado internacional. A participação nesse mercado é seletiva, e está condicionada a uma inspeção dos compradores às empresas. Esse mercado, além das exigências feitas quanto ao padrão de qualidade dos produtos, impõe uma série de exigências quanto ao peso dos frangos, que deve se manter homogêneo, sem grandes variações. Essa exigência de aumento na qualidade da produção significa uma ampliação dos custos que, na maioria das vezes, não é repassada integralmente aos preços dos produtos industrializados, porque as margens de lucro no abatedouro são pequenas, se comparadas ao valor do produto processado. Desse modo, a agroindústria vai controlar a produção no campo via integração e desenvolver uma estratégia de controle, mantendo uma eficiência gerencial através dos principais fatores que influenciam no custo final do produto.

Essa eficiência envolve diversos aspectos operacionais, entre os quais destacam-se a aquisição da matéria-prima a custo o mais reduzido possível, o custo do crédito e a disponibilidade de recursos próprios para capital de giro, nível de utilização da capacidade produtiva, a existência de um sistema de informações sobre tendências do mercado, etc.¹⁶

Para fugir à pressão dos custos crescentes, as empresas - obviamente as grandes empresas, que apresentam estrutura financeira e capacidade técnica - ingressam numa verticalização que implica em investimentos.

O frango, por outro lado, oferece um mercado de cortes especiais (com osso e sem osso), que permite a possibilidade do recurso aos pequenos abatedouros, já que o único investimento necessário para este trabalho é o treinamento de pessoas, sem necessidade de qualquer equipamento. Essa produção agrega um valor bem superior àquele obtido pela venda do frango inteiro.

Nesse sentido é interessante retornar à questão levantada na citação 13 (GOODMAN *et alii*), que apresenta a possibilidade de articulação de frações individuais do capital. Na avicultura existe a produção de frango inteiro-dirigida por um pequeno capital - que se mantém à margem do mercado e é pressionada por custos crescentes que não podem ser repassados aos preços. Por outro lado, cresce o mercado de frangos em pedaços e filés, no qual esse pequeno capital retorna um espaço de produção através desse novo padrão de consumo, garantindo sua inserção no mercado. Assim, a produção de cortes, pedaços e filés explica a permanência, no setor, do pequeno capital, mesmo não sendo esse tipo de produção o *locus* de maior aplicação de capital e de maior lucro, o qual está localizado na industrialização do frango.

¹⁶BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL. Departamento de Estudos. Mudanças estruturais nas atividades agrárias: uma análise das relações interseoriais no complexo agroindustrial brasileiro. Rio de Janeiro, 1988. p.37.

Essa relação de integração entre produtores e agroindústrias não está sendo devidamente considerada nos debates contemporâneos. A visão predominante sobre a categoria dos pequenos produtores é a de que esta representa uma espécie de campesinato (um modo de produção típico do Terceiro Mundo). Assim, esta visão dos produtores parece não atentar para as mudanças ocorridas com esta categoria pela sua inserção na integração agroindustrial.

Por outro lado, a modernização da agricultura da Europa no pós-guerra, com a persistência da fazenda familiar, deixou de lado a tendência à grande propriedade na agricultura. Desse modo, segundo GOODMAN *et alii*, o campesinato e a fazenda familiar da Europa passam a ser os elementos ativos para se conhecer as relações de produção no campo.

Nesse sentido, os produtores rurais integrados podem ser comparados aos camponeses, mesmo considerando-se que a maioria deles trabalha com a perspectiva de obter lucro, isto é, com o objetivo de reprodução ampliada do capital. Essa perspectiva é o que os diferencia daquele produtor camponês, cujas características são as de um produtor pouco mercantil e com níveis de produção muito baixos, principalmente por estar situado nas piores terras e com incorporação tecnológica quase nula.

Com essa visão do campesinato, GOODMAN *et alii* sugere que a questão central desse sistema campesinato está na relação de dependência da terra.

Nesse sentido identifica, nas análises de MURRAY¹⁷ - que estuda a questão do arrendamento de terras e o quanto essa re-

¹⁷MURRAY, R. Value and Theory of rent: part two. Capital and Class, Primavera, 4. 1978. Citado por GOODMAN *et al.*

lação compromete o desempenho do capital industrial -, uma via de enfraquecimento na apropriação dos excedentes pela indústria, em decorrência do monopólio da terra. Mesmo mantendo subordinadas as unidades de produção rural, esse sistema atua em detrimento da acumulação do capital.

Na tentativa de abrandar os impactos da ação do arrendamento, o capital industrial passa a desenvolver ações, junto com a intervenção estatal, para subordinar a produção agrícola moderna que depende de terras.

A primeira tendência desse procedimento é a estratégia de ampliar as fronteiras internas através da ocupação de áreas que estão fora da produção, mediante investimentos do Estado em infra-estrutura, drenagens, etc. A ampliação do estoque de terras cultiváveis vai refletir numa diminuição do valor dos arrendamentos.

A segunda tendência é a de, num primeiro momento, estabelecer uma fusão do proprietário com o produtor, eliminando a possibilidade do arrendamento e a figura do proprietário e, num segundo momento, retirando, deste proprietário, a autonomia de decidir o que produzir e como produzir. Essas decisões passam a ser feitas pela indústria.

A terceira estratégia é a de optar por produtos cuja forma de produção necessita de pouca terra (frangos, suínos e gado confinados, além das fibras sintéticas e da horticultura, por exemplo) em que o capital reduz sua dependência da terra e da natureza.

O ponto principal dessas três estratégias, segundo GOODMAN está no próprio modo de produção capitalista.

É esse obstáculo intratável à produção capitalista, essencialmente técnico, e não a existência do arrendamento e da moderna propriedade de terras, o que explica a

dinâmica de longo prazo da substituição industrial. Portanto, a principal tendência não é a eliminação do arrendamento pelo enfraquecimento de sua base material. É pelo contrário, a de se eliminar a base material da agricultura em si porque ela é incompatível com o processo de produção capitalista.¹⁸

A partir dessas análises das características das relações entre a indústria e a agricultura e da a conformação do complexo agroindustrial, é possível sistematizá-las em dois níveis:

- a) a agricultura deverá intensificar o processo da via industrial de produção dos diversos produtos agropecuários. O limite dessa expansão pode ser encontrado na barreira do ciclo natural que o capital não pode enfrentar;
- b) a agricultura industrializada toma o lugar da agricultura tradicional e vai selecionar e especializar um número pequeno de produtores rurais.

Essas tendências das relações entre a indústria e a agricultura - observadas mundialmente - mostram que o complexo agroindustrial é um tema polêmico, principalmente na base agrícola, ainda que tenha diferenças e características próprias nos diversos países.

A partir da visão geral do complexo agroindustrial é interessante conhecer as relações de produções específicas, nesse caso a da avicultura, e as relações desta com a sua base agrícola - os produtores integrados.

A produção integrada do frango é uma atividade rural que tem ciclos curtos (em média de 40 dias), em que a indústria integradora aplica um volume de capital no processo criatório que pode representar até 90% do valor total da produção. Esta aplicação gera exigências por parte da indústria ao produtor,

¹⁸GOODMAN, p.140

que visam oferecer algumas garantias à empresa de que esta não arriscará a aplicação de seu capital (volume que, na maioria das vezes, ultrapassa os ativos do produtor integrado).

Essa indústria não necessita de um elevado número de produtores, pois através desse sistema intensivo de produção cada integrado produz um volume significativo de frangos (determinado pela indústria).

Analisando o funcionamento de duas agroindústrias abatedouras de frangos localizadas no Sudoeste do Paraná, RIZZI¹⁹ observa aspectos da integração avícola, mostrando em que condições ela se realiza:

- a) a integração deve ser feita apenas com produtores proprietários;
- b) o integrado deve ser um produtor com tradição de produção na região;
- c) o integrado deve dispor de mão-de-obra familiar;
- d) os produtores devem ter aspiração a progressos econômicos;
- e) os produtores não devem apresentar empecilhos ao desenvolvimento do trabalho (como seguidas reivindicações à empresa) ou descontentamento com a atividade;
- f) os produtores devem manter a prática da policultura.

Apesar de orientar a sua análise para uma visão dos integrados sobre a agroindústria, Rizzi coloca como ponto central essas exigências que foram coletadas na época de implantação de uma das agroindústrias analisadas. Elas foram, entretanto, perdendo atualidade, não só por constituírem exigências difíceis

¹⁹RIZZI, Aldair T. O capital industrial e a subordinação da pequena produção agrícola: o complexo avícola no sudoeste paranaense. Curitiba, 1964. Dissertação (Mestrado), UFMG.

de serem cumpridas pelos integrados, como pelo fato de a própria indústria reconhecer a dificuldade em fiscalizar esses procedimentos.

A partir dessas questões referentes à integração agroindustrial e considerando a ausência de estudos mais detalhados sobre o impacto da integração nesse contexto, esta dissertação pretende levantar três questões que consideradas fundamentais para entender as condições de produção e renda que se dão na integração avícola.

- a) por que o capital não entra diretamente na produção de frangos?
- b) por que os estudos sobre a integração do produtor rural na agroindústria processadora de frangos mostram rendimentos negativos para ele?
- c) quais os benefícios que a diversificação de produtos derivados do frango poderiam oferecer ao produtor integrado?

Os motivos mais freqüentes que são apresentados para justificar o não ingresso da indústria na produção direta de frangos, dizem respeito ao montante da aplicação de capital e às dificuldades no controle desse investimento. Normalmente o produtor rural integrado participa da integração agroindustrial através de investimentos em capital fixo - instalações e equipamentos - e em parte dos custos variáveis, que inclui a mão-de-obra. Entretanto, o custo com o produtor por lote de frango não ultrapassa os 11,0% do valor total (ver detalhes do custo no capítulo 3).

Os custos dos investimentos não parecem constituir um obstáculo, portanto, para que a indústria possa assumir a pro-

dução. Todavia, especialistas²⁰ em processos criatórios afirmam ser de alto risco uma criação intensiva de frangos que ultrapasse quatro aviários, sem que se mantenha uma distância não inferior a alguns quilômetros, pois de outro modo as garantias de sanidade do plantel poderiam ficar ameaçadas (no caso de propagação de doenças, por exemplo, todos os aviários ficariam comprometidos). A indústria, desse modo, necessitaria distribuir sua criação em uma área muito maior. Em razão desses fatores, portanto, apresentam-se algumas dificuldades para que a própria indústria possa assumir tal processo. Soma-se a isto o elevado custo da mecanização necessária à substituição das principais tarefas que são realizadas pelo produtor integrado.

Um outro fator que contribuiu na implantação do sistema integrado via produtor rural foi a facilidade de captação de recursos do governo federal para a construção dos aviários e equipamentos, dispensando o integrado desses custos. Como estavam asseguradas taxas negativas de juros associadas a um processo inflacionário crescente, esse sistema não apresentou problemas de desembolso, ao produtor rural, para a cobertura dos custos do financiamento.

Os resultados dessa relação de integração parecem, assim, apontar para um ponto de equilíbrio, em que as vantagens recaem ora sobre as empresas integradoras ora sobre os integrados. ROY²¹ levanta uma série de vantagens e desvantagens da integração, tendo em vista as relações que mantém com os produtores rurais e que são arroladas a seguir:

²⁰ GUIA RURAL. São Paulo : Abril, n.6, jun.1990.

²¹ ROY, Ewell Paul. Contract farming and economic integration. Danville : The Interstate Printers e Publishers, 1962.

As vantagens para o produtor integrado:

- a) o produtor integrado assume poucos riscos financeiros;
- b) a renda do produtor é estipulada e fixada por uma média;
- c) o integrado tem acesso a insumos e tecnologia sem ônus direto;
- d) o integrado recebe treinamento e assistência técnica gratuita da empresa integradora;
- e) os riscos da produção e de mercado são de responsabilidade da empresa, que pode assegurar-lhe maiores lucros ou perdas, dependendo das circunstâncias;
- f) o integrado pode operar unidades de produção maiores do que suas condições objetivas podem permitir e, ao mesmo tempo, especializar-se no ramo;
- g) o integrado diminui suas necessidades de capital de giro para produzir.

As desvantagens:

- a) o lucro do integrado é limitado pela empresa integradora;
- b) os integrados mais habilidosos na gerência de seus negócios sofrem limitações em suas capacidades;
- c) o integrado não determina quando e quanto deve produzir, mesmo que as condições do mercado sejam favoráveis, ficando essas decisões por conta da empresa;
- d) o integrado é responsável pelos investimentos de capital fixo, tais como: terra, construção e equipamentos;

e) o integrado, no caso de especialização num produto, pode perder o contato com outros mercados.

Ainda que estas questões sobre a integração sejam as mais comuns, ocorrem outras, subjacentes a essas, conferindo uma certa complexidade à relação. De qualquer modo, uma avaliação dos fatores que comandam a integração aponta como questão principal o fato de que o controle pelas empresas agroindustriais à pequena produção modernizada, se por um lado eliminou os riscos da produção ao integrado, por outro afastou-o de todas as decisões.

Ou, como mostra Guimarães:

Quando a produção agrícola é suficientemente dominada (caso da avicultura) ela pode ser eficazmente programada (quantidade, qualidade, prazos): a firma integrante desempenha então o papel de centro de programação para o conjunto integrado.²²

Em última instância, o controle do processo produtivo depende do controle do produtor integrado.

A segunda questão refere-se aos baixos rendimentos auferidos pelo produtor rural na integração avícola, que podem ser comparados a um salário mínimo. Esse integrado, portanto, perde a condição de produtor proprietário, passando a fazer parte de uma categoria de trabalhadores que recebe um salário disfarçado de renda.

Um dos argumentos que levam o produtor a aceitar tal condição e a submeter-se à empresa integradora é o receio de ser excluído da integração e de perder os investimentos já realizados por ele e que aguardam retorno por um período longo. Como essas instalações e equipamentos não podem ser usados para a criação de outros animais e os produtores não possuem condições de bancar uma produção por conta própria, só resta aceitar o que a empresa lhes impõe.

²²GUIMARÃES, p.123.

Para se ter uma idéia do custo da mão-de-obra desta produção, na década de 1970, cita-se os dados de uma planilha de custos da CEPA - Santa Catarina, para o ano de 1976, na qual os custos da mão-de-obra com o produtor integrado representam 1,50% em relação à soma dos custos fixos e variáveis de um lote de frango que alcançava 6,48% (o total de gastos com o integrado inclui, além da mão-de-obra, gás, energia elétrica e remuneração do capital investido pelo integrado).

Em 1982, RIZZI,²³ através de informações de pesquisa de campo, formulou duas hipóteses sobre a participação da mão-de-obra, apresentando uma pequena variação em relação aos custos à CEPA. Na hipótese 1, representando um lote de qualidade superior, o custo da mão-de-obra representava 1,55% do valor total, enquanto o do lote avaliado como regular representava 1,42%. Todavia, esse não é o valor bruto que o produtor recebe por lote, que no primeiro caso representou 5,22% e, no segundo, 4,32%, em relação ao valor do lote entregue.

Os exemplos apresentados foram no sentido de mostrar a parcela pequena do custo da mão-de-obra²⁴ em relação ao custo global do lote. Entretanto, os outros custos manejáveis pelo produtor (gás, energia elétrica, maravalha, depreciação, remuneração pelo capital investido), mesmo representando custos, aumentam a renda obtida pelo produtor. Como são custos previstos para serem usados (como é o caso do aquecimento, no qual está previsto um consumo médio por lote), se o produtor conseguir racionalizar seu uso, obtém um diferencial. O mesmo ocorre

²³RIZZI, p.160.

²⁴O custo da mão-de-obra considerado em relação ao percentual apresentado 1,55% do custo de um lote de 12.000 frangos, está estimado para um período de 40 dias, em 4,2 salários mínimos a preços de dezembro de 1990.

com relação à maravalha: após seu uso, obtém-se o esterco, que é vendido ou incorporado à terra, representando um ganho adicional para ele.

A partir desses dados pretende-se afirmar que aqueles valores não representam a remuneração real do produtor. Conforme já citamos anteriormente, para cobrir integralmente os custos e oferecer uma margem de lucro ao produtor, poderia ser elevada a participação do produtor integrado em até 11,0% do valor total do lote (ver maiores detalhes no capítulo 3).

Existe ainda uma tendência, em alguns trabalhos, de inviabilizar o modelo de produção integrada no frango, devido aos baixos rendimentos recebidos pelos produtores agrícolas. Na verdade, o frango é o produto que incorporou o maior progresso técnico colocado pela indústria na agricultura. É, entre os produtos agropecuários, o setor em que se conseguiu avançar mais em termos de redução de tempo de trabalho e tempo de produção. Esperava-se, por isso, resultados acima da média da agricultura. Tal resultado não ocorreu porque essa produção ainda depende da produção de milho que, no caso do Brasil, apresenta uma produtividade muito baixa e não acompanha os progressos conseguidos pela avicultura.

Poder-se-ia afirmar que o produtor rural recebe pouco pela eficiência que obtém na produção do frango e recebe muito pela ineficiência na produção do milho, que deveria estar com o rendimento físico em torno de 5.000 kg/ha. Hoje o produtor de milho produz em média 2.000 kg/ha e recebe um preço médio por essa produção.

A terceira e última questão refere-se à diversificação e verticalização dos derivados do frango. Os avanços dessa agro-

indústria, nos anos 80, em direção à diversificação industrial, foi uma resposta ao processo de estagnação que começava a acontecer na produção do frango inteiro, onde as margens de lucratividade vinham apresentando níveis muito baixos. O mercado de corte de frango e a industrialização têm obtido resultados positivos junto ao novo padrão de consumo, que melhoraram o desempenho dessa agroindústria, como veremos a seguir.

O mesmo não pode ser dito em relação ao produtor integrado. Ao que parece, não tem participado dos resultados econômicos do produto mais elaborado, ficando, assim, à margem desse processo. Existe atualmente uma tendência, por parte dos integrados em geral, de se organizar e começar a pressionar a agroindústria por maiores benefícios na integração.

2 CARACTERIZAÇÃO DA AVICULTURA PARANAENSE: AGROINDÚSTRIA, PRODUTORES INTEGRADOS E AS PERSPECTIVAS DO MERCADO DE CARNE DE FRANGO

Nesse capítulo pretende-se analisar o complexo avícola paranaense* e as relações que se estabelecem entre os diferentes agentes econômicos neste setor e nos setores que com ele se relacionam, procurando mostrar o crescimento e as características da indústria abatedoura e dos seus fornecedores agrícolas. Além disso, será feita uma breve discussão sobre as perspectivas da produção da carne de frango, que encontra no mercado a produção de outras carnes, que lhe são concorrentes.

O dado relevante nessa estrutura agroindustrial é o papel de agente indutor de uma nova atividade na produção agropecuária, uma vez que a avicultura industrial não mantém qualquer semelhança com a forma criatória anterior, que produzia o frango caipira.

Essa indústria abatedoura, que inicia as atividades no Paraná no princípio dos anos 70, não conseguiu naquele momento uma articulação com os seus fornecedores de matéria-prima nem formou uma base de produtores integrados que lhe garantisse um pleno desenvolvimento da atividade.

Naquela época, as dificuldades do setor eram enormes e constantes. A indústria abatedoura possuía uma capacidade instalada pequena (tabela 1) e funcionava sem o sistema de integração, comprando no mercado a produção obtida por alguns pro-

*Maiores detalhes sobre os procedimentos da pesquisa estão no anexo 1.

dutores independentes. Esse esquema não permitia uma regularidade de fornecedores e, conseqüentemente, apresentava irregularidades no funcionamento das plantas abatedouras.

TABELA 1 - NÚMERO DE PLANTAS DE ABATEDOUROS DE FRANGOS, DISTRIBUIÇÃO DA CAPACIDADE INSTALADA E INÍCIO DAS ATIVIDADES, SEGUNDO O NOME DA EMPRESA, NO PARANÁ - 1975

NOME DA EMPRESA	Nº. DE PLANTAS	CAPACIDADE INSTALADA (Nº. de Frangos Abatidos/Hora)	INÍCIO DAS ATIVIDADES
Cooperativa Central Batavo	1	3.000	1971
Comaveç	1	1.000	1971
Outras*	4	2.000	-
TOTAL	6	6.000	

FONTE: Secretaria de Estado da Agricultura do Paraná

*Capacidade instalada aproximada e início das atividades desconhecido

O salto do setor avícola paranaense tem início mais propriamente em 1977, com a empresa DAGRANJA agroindustrial, período em que praticamente dobra a capacidade instalada de abate de frangos no Estado. Em seguida, em 1979, instala-se a FRIGOBRÁS (grupo Sadia). Começa a generalizar-se a prática da integração dos produtores agrícolas às agroindústrias, dentro das condições que funcionam atualmente.

Desse modo, pode-se afirmar que a formação do complexo avícola do Paraná começa a estruturar-se no início dos anos 80, quando a integração com os produtores rurais está organizada, garantindo a regularidade na entrega da matéria-prima (frango) e a qualidade exigida pelo processamento agroindustrial, que ganha o mercado nacional e o mercado externo, como veremos a seguir.

A reestruturação do parque agroalimentar, condicionada pelo grau de internacionalização da economia brasileira e sua dinâmica interna, bem como a existência de uma política deliberada em direção ao incentivo da agroindustrialização do Paraná, fazem com que se conforme um complexo avícola, [sem grifo no original] responsável pela evolução do setor de abates e conservas de carne, destacável no conjunto das atividades ligadas ao setor agropecuário.¹

¹IPARDES-FUNDAÇÃO EDISON VIEIRA. Estratégias técnico-econômicas à indústria de processamento de oleaginosas no Estado do Paraná. Curitiba, 1986. p.20.

2.1 DINÂMICA INDUSTRIAL DAS EMPRESAS NO ABATE DO FRANGO

A evolução da capacidade instalada de abate de frango no Paraná apresentou um crescimento notável na década de 80. De um total de abate em 1982 de 34.100 frangos/hora, passa para uma capacidade de 63.600 frangos/hora em 1988, ou seja, praticamente dobra a capacidade de abate (tabela 2).

TABELA 2 - CAPACIDADE INSTALADA DOS ABATEOUIROS DE FRANGOS E INÍCIO DAS ATIVIDADES POR TAMANHO DE PLANTA SEGUNDO AS EMPRESAS, NO PARANÁ - 1982 E 1988

NOME DAS EMPRESAS	CAPACIDADE INSTALADA N. de Cabeças Abatidas/Hora				INÍCIO DAS ATIVIDADES
	1982	%	1988	%	
Grandes Plantas					
FRIGOBRA'S	8.000		12.000		1979
Moinho da Lapa	6.000		10.000		1981
Batavo	4.000		8.000		1971
DAGRANJA	5.000		7.500		1977
Chapecó	-		7.500		1983
Subtotal	23.000	67,44	45.000	70,76	
Médias Plantas					
Contibrasil	2.500		4.000		1981
Copacol	2.000		3.700		1982
Comaves	2.000		3.500		1971
Big Frango	-		3.000		1983
Subtotal	6.500	19,06	14.200	22,33	
Pequenas Plantas					
Sipal	1.000		1.500		1982
Witmarsum	1.000		1.000		1980
Argus	1.000		1.000		1981
Diplomata	-		900		1988
Outras	1.600		-		-
Subtotal	4.600	13,49	4.400	6,91	
TOTAL	34.100	100,00	63.600	100,00	

FONTE: Secretaria de Estado da Agricultura do Paraná - 1982
Pesquisa de Campo/IPARDES 1988

Esse desenvolvimento está em sintonia com os avanços tecnológicos proporcionados pela matriz do frango e faz parte do processo de acumulação de capital neste setor que, à medida que avança, determina o seu grau de concentração e centralização. Nesse sentido, as grandes plantas vão representar, em 1982, uma participação de 67,44% da capacidade instalada, elevando-se para 70,76% em 1988.

Apesar de ter havido uma expansão e difusão do processo

produtivo por um número maior de empresas, a participação das pequenas plantas está sendo reduzida, como podemos observar pela tabela 2.

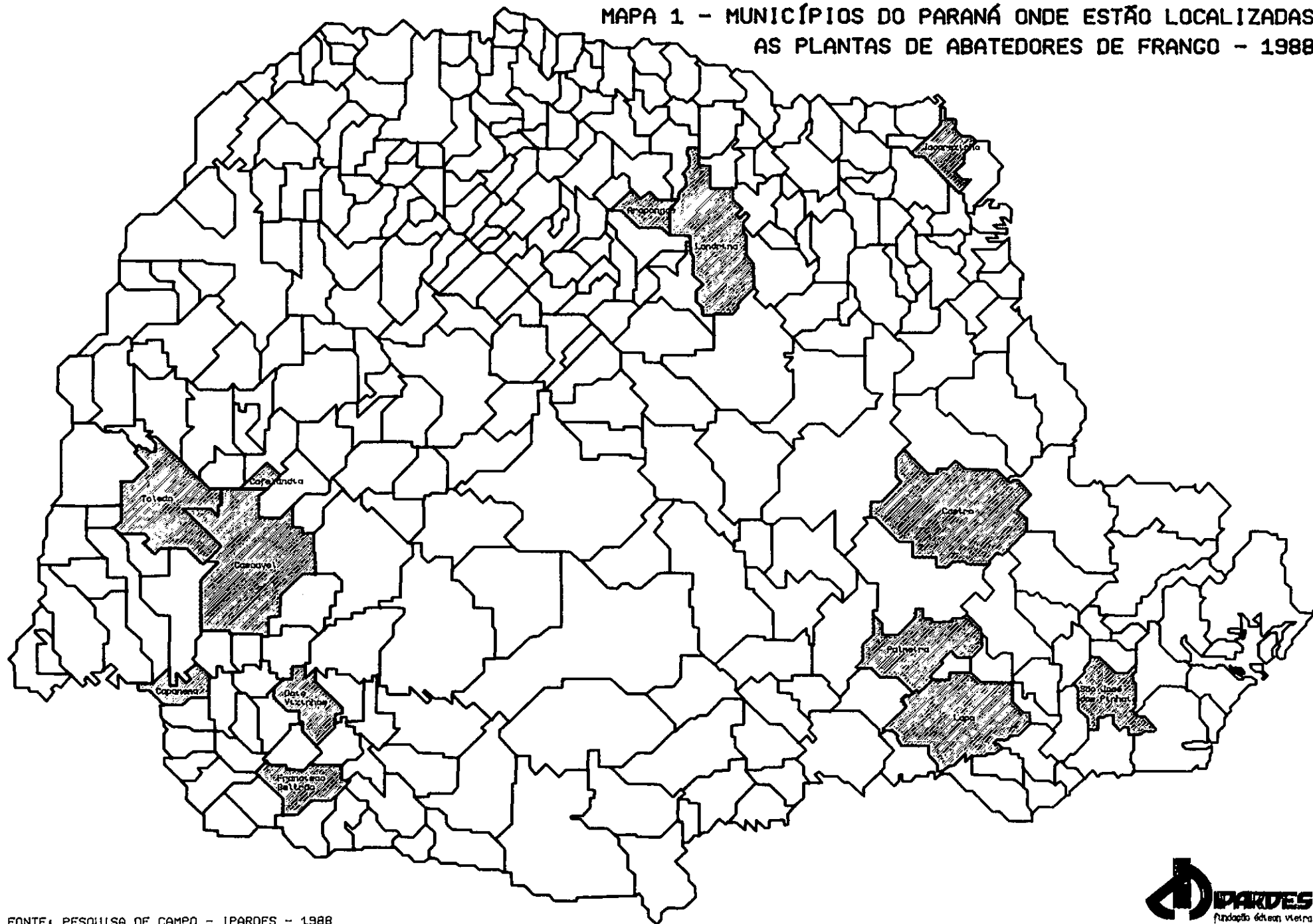
Essas empresas estão distribuídas por vários municípios, nas várias regiões do Estado (ver mapa 1).

O início das atividades industriais e o tamanho das plantas (tabela 2) não parecem ser os fatores que determinam a tendência à expansão de um determinado nível de capacidade instalada. Ou seja, estão se instalando conjuntamente plantas grandes, médias e pequenas. Isso, de certo modo, mostra uma certa abertura à entrada de pequenos capitais, o que acaba indicando, mesmo para esse setor dinâmico da agropecuária - no que diz respeito aos aspectos tecnológicos -, que continuam existindo padrões de concorrência, entre as empresas, muito próximos de uma economia de livre mercado, mesmo que isso implique numa redução relativa da capacidade das pequenas plantas, enquanto as médias ainda estão em crescimento.

A análise da capacidade de abate das plantas nos remete aos elementos de apoio ao processamento industrial. Essa capacidade de produção deriva de uma estrutura de produção complexa, dividida em dois ambientes distintos: a unidade de produção industrial - que exerce controle direto sobre os níveis de produção e produtividade - e as unidades de produção rural que, mesmo não fazendo parte do controle direto da empresa, são de fundamental importância na estratégia da empresa para garantir uma matéria-prima de boa qualidade e com a regularidade de produção exigida pelo processamento industrial.

A indústria, além de oferecer a capacidade dos abatedouros, na integração com os produtores rurais, necessita deter os

MAPA 1 - MUNICÍPIOS DO PARANÁ ONDE ESTÃO LOCALIZADAS
AS PLANTAS DE ABATEDORES DE FRANGO - 1988



FONTE: PESQUISA DE CAMPO - IPARDES - 1988

TABELA 1 - GRUPOS DE ÁREA TOTAL POR ESTRATOS, EM NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E ÁREA, SEGUNDO MUNICÍPIOS* ONDE A DAGRANJA POSSUI PRODUTORES INTEGRADOS E TOTAL DO ESTADO, NO PARANÁ - 1970-1980-1985

TOTAL DE MUNICÍPIOS	TOTAL		MENOS DE 10 HA		10 A MENOS 50 HA		50 A MENOS 200 HA		200 A MENOS 500 HA		MAIS DE 500 HA	
	No. de Estab.	Área em Ha	No. de Estab.	Área Média	No. de Estab.	Área Média	No. de Estab.	Área Média	No. de Estab.	Área Média	No. de Estab.	Área Média
1970												
Municípios c/Integração												
a DAGRANJA	20.423	498.012	10.792	4,74	7.654	22,29	1.303	93,08	182	304,29	87	1.078,39
TOTAL do Estado	554.488	14.625.530	295.272	5,33	218.625	20,75	32.127	90,88	5.792	306,08	2.637	1.449,37
1980												
Municípios c/Integração												
a DAGRANJA	17.105	572.260	8.330	5,20	6.731	23,32	1.598	89,40	251	317,01	99	1.475,97
TOTAL do Estado	454.103	16.380.332	214.995	5,15	189.900	21,63	37.492	92,70	7.720	307,18	3.805	1.396,92
1985												
Municípios c/Integração												
a DAGRANJA	20.324	596.715	10.791	4,31	7.452	22,76	1.603	88,46	276	311,17	127	1.188,09
TOTAL do Estado	466.397	16.698.866	229.015	4,93	186.718	21,72	38.258	93,07	8.232	307,24	4.012	820,30

FONTE: Censo Agropecuário - IBGE

*Inclui os municípios de Balsa Nova, Contenda, Mandirituba, Agudos do Sul, Piên, Quitandinha, Tijucas do Sul, Campo do Tenente, Lapa, Porto Amazonas, Rio Negro, Antonio Olinto, São João do Triunfo, São Mateus do Sul

insumos e os outros serviços, para que essa relação se efetue com o controle direto da empresa. Desse modo, é parte indissociável de uma planta de abate a fábrica de rações, o incubatório/matriseiro (para gerar os pintos de cortes) e o departamento de assistência técnica, que realiza todo o processo de integração.

O resultado da pesquisa de campo nessas atividades, foi pouco preciso. A tabela 3 mostra a distribuição desses serviços e a sua disponibilidade no conjunto das plantas.

TABELA 3 -DISPONIBILIDADE DE FÁBRICA DE RAÇÕES, INCUBATÓRIO/MATRIZEIRO, ASSISTÊNCIA TÉCNICA E PRODUÇÃO PRÓPRIA DE FRANGO SEGUNDO TAMANHO DE PLANTA, NO PARANÁ - 1988

TAMANHO DE PLANTA	UNIDADES DE FÁBRICAS DE RAÇÕES	UNIDADE DE INCUBATÓRIO/MATRIZEIRO	ASSISTÊNCIA TÉCNICA	GRANJAS DE PRODUÇÃO PRÓPRIA
Grandes Plantas	Todas as empresas declararam possuir e a capacidade atende a atual demanda da integração	Todas as empresas possuem e atendem a atual demanda da integração	Todas as empresas possuem e atendem a necessidade da integração	Nenhuma das empresas informou possuir produção própria de frangos
Médias Plantas	Idem	Somente uma empresa declarou não possuir essa atividade	Idem	Somente uma empresa declarou produzir parte dos frangos para o abate
Pequenas Plantas	Idem	Somente uma empresa declarou possuir e atende a sua integração	Idem	Somente uma empresa declarou produzir uma parte dos frangos que abate

FONTE: Pesquisa de Campo, IPARDES - 1988

Desse quadro pode-se deduzir que a maioria das empresas realiza todas as atividades exigidas pela integração, obtendo o controle e racionalização do processo de produção, no sentido de aumentar a qualidade da matéria-prima que irá processar. As indústrias que declararam não possuir alguns desses serviços realizam o processo articulando-se com a produção de fora do Estado, principalmente com a de São Paulo, onde existem as maiores ofertas, devido à não-integração da maior parte da pro-

dução. É o caso, por exemplo, daquelas indústrias que não possuem incubatório/matriseiro, mas contratam esses serviços de outras empresas, para obter a garantia de fornecimento de pintos de um dia.

A agroindústria de frangos no Paraná, apesar de recente, apresentou no período 1980-87 uma taxa média de crescimento, no abate, de 21% ao ano, enquanto a média nacional se manteve em 10% ao ano.² Esse crescimento foi possível a partir de investimentos de grupos privados nacionais, responsáveis pela maior capacidade de abate (tabela 4). É visível, no setor, um movimento em direção à concentração e centralização de capital, envolvendo as grandes plantas instaladas, como já foi observado na tabela 2.

TABELA 4 - NÚMERO DE PLANTAS ABATEDOURAS DE FRANGOS E A CAPACIDADE INSTALADA DO ABATE/HORA SEGUNDO ORIGEM DO CAPITAL, NO PARANÁ - 1988

ORIGEM DO CAPITAL	NÚMERO DE PLANTAS	CAPACIDADE INSTALADA Total de Abate/Hora	CAPACIDADE MÉDIA POR PLANTA
Nacional Privado	3	29.500	9.834
Regional Privado	5	9.900	1.980
Cooperativa	3	12.700	4.234
Estrangeiro	2	11.500	5.760
TOTAL	13	63.600	4.892

FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES - 1988

O grupo de empresas de capital nacional privado, responsável pela maior capacidade de abate, passou a constituir-se num único grupo de empresa (grupo Sadia) a partir de janeiro de 1991,³ quando esta passou a controlar a indústria Chapecó S.A., de Francisco Beltrão, através da sua subsidiária, a empresa

²BANCO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL. Produtos pecuários. Curitiba, 1988. p.17. (Relatório n.15/86).

³FOLHA DE SÃO PAULO, 14 jan. 1991. Economia, p.4.

Moinhos da Lapa, ficando assim as três plantas de capital nacional privado nas mãos da mesma empresa. Outra alteração no controle das empresas ocorreu em relação ao grupo estrangeiro. A planta Contibrasil passou a ser controlada pelo grupo Ceval, ficando assim somente uma empresa na categoria de empresa de capital estrangeiro.

Esse fenômeno de concentração de capital, entretanto, não foi suficiente para alterar a estrutura de mercado vigente, caracterizado como oligopólio competitivo,⁴ no qual coexistem grandes, médias e pequenas empresas, cada uma delas atuando em faixas do mercado e acompanhando a dinâmica da economia com pequenas alterações em seus movimentos de expansão e retração, principalmente em relação às pequenas empresas.

A diferença maior entre as empresas está no modo de participação no mercado externo, no qual estão mais presentes as grandes empresas.

No mercado externo, em 1988, os preços do frango estavam em média US\$ 1.135,00 por tonelada exportada, enquanto no mercado interno essa média representava US\$ 910,00.⁵ Acrescentam-se a isso os incentivos que as grandes empresas recebem para exportar, aumentando sua margem de lucro diferenciada e mantendo, assim, um maior poder de acumulação interna (tabela 5).

⁴Uma estrutura de mercado caracterizada como oligopólio competitivo, as pequenas empresas desempenham um papel relevante do ponto de vista das líderes, seja por permitir a estas manter uma margem de lucros elevada (proporcional à vantagens relativas de custos), seja por possibilitar uma taxa de crescimento maior que a do mercado nos períodos de expansão e pelo menos sustentar a posição nos períodos de depressão. p.305. (TAVARES, Maria da Conceição. Estrutura industrial e empresas líderes. s.l. : FINEP, s.d. p.305).

⁵AVICULTURA INDUSTRIAL, n.63, p.27.

TABELA 5 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL NA QUANTIDADE COMERCIALIZADA DE FRANGO
POR PRINCIPAL DESTINO SEGUNDO AS GRANDES, MÉDIAS E PEQUENAS
EMPRESAS NO PARANÁ - 1988

EMPRESAS	PARANÁ	BRASIL	EXTERIOR
Grandes Plantas			
FRIGOBÉRAS	2,0	58,0	40,0
Meinho da Lapa	5,0	45,0	50,0
Batavo	40,0	40,0	20,0
DAGRANJA	30,0	60,0	10,0
Chapeco	22,0	57,0	21,0
Médias Plantas			
Contibrasil	10,0	90,0	-
Copacol	25,0	68,0	7,0
Comaves	50,0	30,0	20,0
Big Frango	100,0	-	-
Pequenas Plantas			
Sipal	30,0	70,0	-
Witmarsum	100,0	-	-
Argus	100,0	-	-
Diplonata	100,0	-	-

FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES - 1988

Quanto ao desempenho da Comaves (média planta) no mercado externo e o da Sipal (pequena planta), tabela 5, fazem parte do grupo de empresas que, independente do porte e da estrutura de capital, conseguem um nível de produção e articulação com o mercado externo, em condições quase iguais às aquelas desfrutadas pelas grandes empresas.

Segundo pesquisa do IPARDES

No segmento agrícola, [...], a maneira e as etapas controladas por cada empresa no processo produtivo podem determinar diferenciais de custos de produção, que interferem na competitividade do produto, com fortes reflexos em seu desempenho econômico. [...]. Nessas condições, o porte da empresa e mesmo as escalas de produção ficam relativizadas no processo. [...], constatou-se que as empresas, até mesmo as de pequeno porte, conseguem desempenho técnico-operacional equivalente ao das empresas de grande porte [...].⁶

As diferenças na participação das empresas no mercado externo e interno serão dadas ainda pelo tipo de produto que cada empresa pode oferecer. As unidades de abate, por exemplo, permitem uma diferenciação de produtos que vai desde o frango

⁶IPARDES-FUNDAÇÃO ÉDISON VIEIRA. Complexo de produção de proteína animal: documento síntese. Curitiba, 1989. p.6-7.

inteiro - congelado ou resfriado -, passando pelo corte simples e especial, até os produtos mais elaborados, envolvendo a industrialização da carne de frango. Essa linha de produção prevê, além dos produtos de elaboração mais simples, como os hambúrgueres, até produtos mais sofisticados, como os empanados de frango - *nuggets*, na linha dos alimentos congelados e de fácil preparo.

É interessante notar que a entrada das empresas na linha dos industrializados confirma a associação entre a concentração econômica da empresa e a concentração técnica a nível de plantas (tabela 6).

TABELA 6 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DE CADA PRODUTO NA QUANTIDADE PRODUZIDA DE FRANGOS E DERIVADOS SEGUNDO GRANDES, MÉDIAS E PEQUENAS PLANTAS, NO PARANÁ - 1988

EMPRESAS	FRANGO INTEIRO	CORTE SIMPLES DE FRANGO COM OSSO	CORTE ESPECIAL DE FRANGO FILÉ SEM OSSO	INDUSTRIALIZAÇÃO	TOTAL
Grandes Plantas					
FRIGORRÁS	46,0	20,0	24,0	10,0	100,0
Moinho da Lapa	80,0	20,0	-	-	100,0
Batavo	55,0	20,0	20,0	5,0	100,0
DAGRANJA	60,0	15,0	15,0	10,0	100,0
Chapécó	80,0	20,0	-	-	100,0
Médias Plantas					
Contibrasil	80,0	20,0	-	-	100,0
Copacol	80,0	10,0	10,0	-	100,0
Comaves	50,0	50,0	-	-	100,0
Big Frango	80,0	20,0	-	-	100,0
Pequenas Plantas					
Sipal	85,0	15,0	-	-	100,0
Witnarsun	66,0	34,0	-	-	100,0
Argus	100,0	-	-	-	100,0
Diplomata	90,0	10,0	-	-	100,0

FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES - 1988

Nesse sentido, na ordem da escala de produção, o frango inteiro continua sendo o produto principal, independente do tamanho da empresa; o corte simples com osso ocupa o segundo lugar; o corte especial e a industrialização aparecem depois,

estes dois últimos praticados pelas grandes empresas.⁷

Com relação à agregação de valor no produto, é possível uma comparação entre a produção industrializada e os demais subprodutos produzidos pelas unidades de abate. Assim, tomando-se como referência o frango inteiro - representado aqui, a título de exemplo, pelo valor 1 - o corte simples assume um valor 2, o corte especial um valor 3 e, por último, a industrialização, que gera um valor 4, em comparação com o frango inteiro.⁸

Diante desses dados, que evidenciam os resultados vantajosos da industrialização do frango, a questão que se coloca é o porquê das empresas não investirem na expansão de novos cortes e, principalmente, na industrialização?

A industrialização é realizada somente por três grandes empresas do Paraná⁹ que têm encontrado algumas dificuldades na manutenção contínua de uma linha diversificada de industrializados. A industrialização do frango é a atividade que maiores resultados oferece e é altamente favorável para as empresas, pois possibilita um maior aproveitamento das partes menos nobres do frango. Por outro lado, esses produtos vão encontrar, no mercado, um limite maior para a sua expansão, dado o baixo nível de renda da população, que acaba definindo um pequeno mercado de consumo para esses produtos. Em razão disso, as em-

⁷É interessante lembrar que o corte especial, apesar de ser um produto nobre na escala de produção do abatedouro, não envolve qualquer equipamento mecânico para ser realizado. Depende única e exclusivamente do treinamento desta habilidade.

⁸Essa relação tem por base os preços praticados em dezembro de 1990, no atacado, pelas principais indústrias. O quilo de frango inteiro era vendido em média a Cr\$ 135,00; o frango em pedaços (coxa e peito) com osso, pelo preço de Cr\$ 260,00 o quilo; o filé de frango sem osso estava sendo vendido a Cr\$ 490,00 o quilo; o frango industrializado - nuggets - era vendido a Cr\$ 780,00 o quilo.

⁹As outras duas não realizam industrialização no Paraná. A Chapecó concentra a industrialização em Santa Catarina. A outra empresa, Moinho da Lapa, pertence ao grupo Sadia, e a FRIGOBRAS já realiza a industrialização no Paraná.

presas cautelam-se e restringem os investimentos na industrialização. Quanto ao mercado externo, que seria uma alternativa para esses produtos industrializados, as empresas não conseguem competir com a qualidade e os preços exigidos pelos países de capitalismo avançado.

Na verdade, a precária distribuição da renda tem se apresentado, a nível geral, como um limite à expansão do mercado interno de frangos e derivados, em período mais recente.

Por outro lado, o desempenho econômico e a acumulação de capital dessas empresas não podem ser vistos apenas dentro dos limites dessa atividade, uma vez que as indústrias envolvidas não atuam unicamente na produção de frangos mas também na industrialização de outros produtos agropecuários, o que amplia consideravelmente o campo de atuação dessas empresas.

Na tentativa de avaliar a capacidade financeira das empresas considerou-se o valor gerado, isolando-se as plantas de abate e dos outros produtos com origem na proteína animal (tabela 7).

TABELA 7 - DISTRIBUIÇÃO PERCENTUAL DO VALOR DO FATURAMENTO DOS PRINCIPAIS PRODUTOS DE PROTEÍNA ANIMAL POR TIPO SEGUNDO AS GRANDES, MÉDIAS E PEQUENAS PLANTAS, NO PARANÁ - 1988

EMPRESA	PRODUTOS DE PROTEÍNAS ANIMAL NO ESTADO				
	Frango	Suíno	Laticínio	Bovino	TOTAL
Grandes Plantas					
FRIGOBRA'S	41,0	50,0	-	9,0	100,0
Moinho da Lapa	100,0	-	-	-	100,0
Batavo	24,0	19,0	46,0	11,0	100,0
DAGRAMJA	100,0	-	-	-	100,0
Chapeco	100,0	-	-	-	100,0
Médias Plantas					
Contibrasil	100,0	-	-	-	100,0
Copacol	100,0	-	-	-	100,0
Comaves	100,0	-	-	-	100,0
Big Frango	100,0	-	-	-	100,0
Pequenas Plantas					
Sipal	100,0	-	-	-	100,0
Witmarsum	30,0	-	70,0	-	100,0
Argus	100,0	-	-	-	100,0
Diplomata	100,0	-	-	-	100,0

FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES - 1988

Nas três empresas do Paraná onde há diversificação de produtos de proteína animal, o frango não é o principal produto. Todavia, nos últimos dez anos, foi o produto que apresentou o maior crescimento relativo. Ressalte-se que essas empresas não tiveram sua origem na avicultura. A FRIGOBRÁS, por exemplo, cujas atividades tiveram origem na produção de suínos, apresentou, em 1988, uma parcela significativa do faturamento, 41,0%, com a produção de frangos.

As outras empresas são cooperativas e iniciaram suas atividades na pecuária de leite, na década de 50. É somente no início dos anos 70 que a Batavo ingressa no abate do frango, com uma pequena planta. A Witmarsum, a outra cooperativa, iniciou as atividades nos anos 80, com a aquisição de um pequeno abatedouro de frango, e vem ampliando suas atividades na tentativa de diversificação de produtos pecuários. Nas demais empresas que se constituíram com a finalidade do abate de frangos, não houve diversificação para outros produtos pecuários dentro do Estado.

Na tentativa de investigar em que outras atividades essas empresas atuam no Estado, foram levantadas suas principais atividades, agrupadas, então, em três grandes setores. Essas informações não possuíam um detalhamento maior e foram reunidas em função das respostas positivas ou negativas dos representantes das empresas para cada atividade (tabela 8).

É interessante observar que as médias e pequenas empresas participam também das atividades agropecuárias através da propriedade de imóveis rurais (tabela 8). Pode-se sugerir que o capital aplicado no abate de frango tem sido transferido para essas unidades industriais - já que a maioria dessas empresas

são familiares - através dos excedentes gerados pelas atividades agropecuárias.

TABELA 8 - PRESENÇA DAS EMPRESAS EM OUTROS SETORES DA ATIVIDADE ECONÔMICA
SEGUNDO TAMANHO DA PLANTA, NO PARANÁ - 1988

EMPRESAS	OUTROS SETORES NO ESTADO		
	Exploração Agropecuária	Outras Indústrias	Prestação de Serviços*
Grandes Plantas			
FRIGOBRRAS	Não	Sim	Sim
Moinho da Lapa	Não	Sim	Sim
Batavo	Não	Sim	Sim
DAGRANJA	Não	Não	Não
Chapécó	Não	Não	Não
Médias Plantas			
Contibrasil	Não	Sim	Sim
Copacol	Não	Sim	Sim
Comaves	Sim	Não	Não
Big Frango	Sim	Não	Não
Pequenas Plantas			
Sipal	Sim	Não	Não
Witarsum	-	Sim	Não
Argus	Sim	Não	Não
Diplomata	Sim	Não	Não

FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES - 1988

*Prestação de serviços inclui, postos de compra de cereais, armazenagem, transporte de carga, etc.

O controle de outras indústrias no Paraná, indicado na referida tabela, mostra que três grandes plantas informaram ter outras atividades industriais e estão, em sua maioria, relacionadas a plantas de esmagamento de soja para obtenção de óleo e principalmente farelo, usado como insumo na criação de aves e suínos.

O comportamento dessas indústrias no Paraná reflete o que ocorre com as três grandes plantas a nível nacional - FRIGOBRRAS, Moinhos da Lapa e Chapécó - que mantêm um nível de

diversificação amplo,¹⁰ além dos investimentos diretos na agropecuária, como mostra a tabela 9. Procura-se mostrar que as empresas que atuam no Paraná - principalmente as grandes empresas - e que possuem outros interesses fora do Estado, extrapolam o próprio complexo agroindustrial.

TABELA 9 - PRESENÇA DAS EMPRESAS NA PRODUÇÃO DE PROTEÍNAS E OUTRAS ATIVIDADES FORA DO ESTADO DO PARANÁ - 1988

EMPRESA	PRODUTOS DE PROTEÍNA ANIMAL E OUTROS SETORES FORA DO PARANÁ				
	Abatedouro de Frango e Fábrica de Rações	Abatedouro de Suínos e Industrialização	Exploração Agropecuária	Outras Indústrias	Prestação de Serviços
Grandes Plantas					
FRIGOBRA	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Moinho da Lapa	Sim	Sim	Não	Sim	Sim
Batavo	Não	Não	Não	Não	Sim
DAGRANJA	Não	Não	Não	Não	Não
Chapécó	Sim	Sim	Não	Não	Não
Médias Plantas					
Contibrasil	Não	Não	Não	Sim	Sim
Copacol	Não	Não	Não	Não	Não
Comaves	Não	Não	Não	Não	Sim
Big Frango	Não	Não	Sim	Não	Sim
Pequenas Plantas					
Sipal	Não	Não	Sim	Não	Não
Witmarsum	Não	Não	Não	Não	Não
Argus	Não	Não	Não	Não	Não
Diplonata	Não	Não	Sim	Não	Não

FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES - 1988

Conclui-se, desse modo, que esse nível de diversificação das indústrias e sua presença no mercado nacional e internacional é que lhes assegura a condição de empresas líderes no mercado de frangos.

¹⁰ Esse tem sido o comportamento das grandes empresas. A título de exemplo arrolam-se as principais do Grupo Sadia: Agroindústrias - Sadia Concórdia; FRIGOBRA; Moinho da Lapa; Sadia Oeste; Sudamisa Cia. Industrial de Alimentos; Sadia Agroavícola, Indústrias Mouran. Serviços: Sadia Trading - exportação e importações; Sadia - corretora de seguros; Polipar Comércio e participações: Diasa Transportes; Metalgráfica Andradina; Concórdia Táxi Aéreo; CCV Concórdia S.A., Corretora Mobiliária Câmbio Corretora S.A.

2.2 A RELAÇÃO DA INDÚSTRIA ABATEDOURA COM OS PRODUTORES RURAIS INTEGRADOS

A partir da caracterização dos abatedouros de frangos e das respectivas empresas, pretende-se analisar a outra ponta do setor avícola: o produtor proprietário rural integrado e a sua articulação com a indústria, uma vez que o integrado constitui um elemento fundamental nesse processo de produção.

O tipo dominante de relação entre os produtores rurais e a indústria abatedoura é a integração formal, realizada através de um contrato de parceria, no qual os produtores assumem a responsabilidade de criar os frangos que serão, após um período médio de 40 dias, absorvidos pelo abatedouro. Essa relação prevê que o custeio - pintos, vacinas e ração - deve ser bancado pela indústria, enquanto o produtor fica responsável pelo investimento no aviário e pela mão-de-obra utilizada no processo produtivo.

Existem apenas duas empresas, no setor avícola do Paraná, que não acompanham essa regra geral da integração: uma empresa média, a Big Frango, e outra pequena, a Argus (ta-bela 10).

A primeira empresa declarou usar 70% de produção própria no abate. Esse é um exemplo típico de empresa que ainda está muito próxima da origem agrária do capital, na qual o proprietário responde por parte significativa da produção. A segunda desfruta de uma situação especial, dada a sua localização.¹¹

¹¹Essa unidade industrial de abate de frango está localizada próximo ao município de Curitiba, onde existem muitos descartes de galinhas de postura e frangos. Mesmo assim, sofre uma sazonalidade no abate, devido a essa irregularidade de oferta de matéria-prima.

TABELA 10 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DOS FORNECEDORES DE FRANGOS PARA OS ABATEDOUROS POR TIPO DE RELAÇÃO, SEGUNDO O PORTE DAS EMPRESAS, NO PARANÁ - 1988

EMPRESA	FORNECEDORES DA MATÉRIA-PRIMA - FRANGO			
	Produtos Integrados	Produtos Não-Integrados	Produção Própria	Outros
Grandes Plantas				
FRIGORÍAS	100,0	-	-	-
Moinho da Lapa	100,0	-	-	-
Satavo	100,0	-	-	-
DAGRANJA	100,0	-	-	-
Chapecó	100,0	-	-	-
Médias Plantas				
Contibrasil	100,0	-	-	-
Copacol	100,0	-	-	-
Comaves	100,0	-	-	-
Big Frango	30,0	-	70,0	-
Pequenas Plantas				
Sipal	100,0	-	-	-
Witmarsum	100,0	-	-	-
Argus	-	-	-	100,0
Diplomata	100,0	-	-	-

FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES - 1988

Os dois casos apresentados, no entanto, não refletem qualquer tendência de, num futuro próximo, as empresas virem a assumir a atividade criatória ou disputar a matéria-prima (frango) num mercado sem o sistema de integração. Na verdade, a tendência que tem se mostrado dominante é a de manutenção do sistema de integração, ou seja, a de que os produtores integrados continuem garantindo o fornecimento de frango.

A padronização da produção de frangos é realizada independentemente do tamanho do lote. Na pesquisa de campo, as empresas informaram que o limite inferior ou o menor lote é de 2.000 frangos e o limite superior encontrado foi de 88.000 frangos por lote. Essa diferença entre os produtores, dada pelo tamanho de seus lotes, no entanto, não é um fator considerado pela empresa, na seleção dos integrados. A maioria das empresas não reconhece essa diferenciação e trabalham com diferentes tamanhos de lotes indistintamente, uma vez que os critérios de

seleção dos produtores são realizados no início da atividade de integração e estão apoiados, principalmente, na preferência pelos pequenos e médios produtores, com capacidade produtiva comprovada na região.

A indústria não interessa somente a quantidade de lotes entregues. É importante também que esses lotes apresentem qualidade de produção que permita margens de lucros maiores, como se pode observar na análise das empresas, no capítulo 3. O tamanho médio dos aviários encontrado é de 6.000 a 12.000 frangos.

Confrontando-se os limites inferior e superior dos lotes pelo nível dos produtores integrados, segundo a classificação de algumas empresas, obtém-se a seguinte distribuição:

(Por lote de frango)

	PEQUENO INTEGRADO	MÉDIO INTEGRADO	GRANDE INTEGRADO
Grandes Plantas	2.500 - 7.000	8.000 - 24.000	25.000 - 88.000
Médias Plantas	2.000 - 6.000	7.000 - 24.000	25.000 - 44.000
Pequenas Plantas	Até 6.000	7.000 - 24.000	25.000 - 44.000

FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES - 1988

Por estas informações verifica-se que não existem grandes diferenças na classificação dos produtores por tamanho de empresa, revelando a participação de produtores rurais integrados com diferentes níveis de capitalização. Obviamente existe uma diferença entre aquele o que produz 2 000 frangos e o que produz 88 000, mas pode-se dizer que ambos participam igualmente dos resultados. Contudo, com o decorrer do tempo de integração, as grandes empresas terminam por dar preferência aos lotes maiores, de boa qualidade, em função da padronização exigida pelo mercado externo e pela redução nos custos da integra-

ção: racionalização no número das visitas às propriedades, realizadas pelos técnicos da integradora e no transporte de ração e frangos, entre outros.

Essa necessidade das empresas de facultar a entrada de pequenos integrados acontece no início das suas atividades. Posteriormente, começa a ser dificultada a renovação de contratos com produtores de aviários pequenos, principalmente pela elevação dos custos de um lote fora dos padrões.

A padronização¹² de lotes é um instrumento que as empresas têm adotado para racionalizar os custos com a integração e comparar resultados com menores graus de variação. Esse critério acarreta um processo de exclusão dos pequenos produtores integrados e a preferência por produtores com aviários maiores e capacidade de ampliação e/ou construção de novos aviários. Tal situação foi constatada por SORJ, na integração avícola de Santa Catarina em 1978:

Evidentemente a produção industrial de aves é altamente excludente por sua própria seletividade estratégica, elegendo um determinado grupo de produtores e impondo suas exigências tecnológicas. Porém, para explicar o violento processo de exclusão social da maior parte dos produtores tradicionais no sul e, inclusive, seu cunho crescentemente mais tenso pela maior seletividade da fronteira agrícola, faz-se necessário tomar o conjunto das linhas de produção modernas. Isso porque a avicultura industrial é recente demais e, embora seja intrinsecamente excludente e seletiva, ainda não se consolidou a ponto de a exclusão dos antigos produtores dessa linha de produção ser maior que a incorporação de novos produtores. p.42.¹³

A partir das informações de padronização e ampliação dos aviários é possível constatar a existência de capacidade ociosa

¹²A padronização permite, segundo técnicos das empresas, comparar os resultados dos lotes iguais e está delimitada pelo tamanho do aviário. Isso funciona inclusive como referência ao integrado, que normalmente compara resultados dos lotes de frangos criados por ele com os dos vizinhos. O tamanho ideal de um aviário abriga 12.000 frangos. Entretanto, há aqueles produtores que iniciam a atividade com menor aporte de capital e reduzem esse tamanho para 6.000 frangos, obviamente com a concordância da integradora.

¹³SORJ, Bernardo, POMPERMAYER, Marlon J.; CORADINI, Odacir Luiz. Camponeses e Agroindústria: transformação social e representação política na aventura brasileira. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1982. p.42

nas unidades já instaladas de produção rural, capacidade da qual se beneficiam as indústrias. Vejamos como isso ocorre.

A indústria é quem fornece todas as condições (pintos, rações e vacinas) para os produtores iniciarem o ciclo produtivo. Nesse sentido não é o produtor quem controla quantos lotes lhe serão entregues ao ano. A cada retirada de um lote o produtor prepara um aviário para receber o novo e comunica à integradora. A decisão sobre o tamanho do novo lote cabe à indústria, sem qualquer consulta ao integrado.

Com as informações obtidas durante a pesquisa foi possível estimar qual foi a produção média, em número de frangos, que cada integrado ligado aos abatedouros paranaenses entregou no ano de 1987. Para desenvolver o cálculo foi necessário compatibilizar o padrão técnico médio de permanência do frango no aviário em 40 dias, com a entrega de 5 lotes ao ano, que está compatibilizada com os 270 dias de funcionamento dos abatedouros/ano. A mortalidade de frangos obedeceu a média de 2% em relação à capacidade do aviário.

Tendo como base esses parâmetros, estima-se que os integrados ligados às grandes plantas tinham a capacidade de produzir 171 milhões de frangos/ano, totalizando 256.575 toneladas de frangos abatidos e limpos. Aqueles produtores ligados às médias plantas seriam responsáveis por 36,95 milhões de frangos, somando 55.425 toneladas de frangos. Por fim, os produtores integrados às pequenas plantas teriam capacidade de produzir 7 milhões de frangos, o que representa 10.665 toneladas do produto (memória de cálculo - ver anexo 2).

Essa estimativa de produção, com base na produção dos aviários integrados, ultrapassa em 17,80% àquela apresentada em

1987 pelas estatísticas do setor, que foi de 265.315 toneladas/ano de frangos. Havia então uma capacidade ociosa de aproximadamente 17,80% nos aviários paranaenses, em 1987.

A capacidade ociosa dos aviários, todavia, poderia ser maior se a programação criatória fosse de 6 lotes de frangos/ano e não de 5 lotes, ditados pelo padrão técnico dominante. O intervalo entre um lote e outro - para descanso do aviário e execução da desinfecção dos equipamentos e do piso - é de 14 dias. Já existem, no entanto, estudos técnicos que reduzem esse tempo pela metade, sugerindo a introdução de mais 1 lote de frango, aumentando a capacidade ociosa dos aviários em 31,50%, ou seja, estariam produzindo quase um terço a menos do seu potencial de produção.

Chama a atenção o pequeno número de produtores envolvidos nessa atividade no Paraná. Em 1988 eram 2.747 produtores integrados, representando, em relação ao número de estabelecimentos agropecuários, apenas 0,60% do total. Apesar do pequeno número, a capacidade de produção de cada produtor é em média de 75 toneladas de frango/ano.¹⁴ Essa produção corresponde a um aviário com 10.000 frangos, com 5 lotes/ano, ocupando uma área de 1.000 m². Em condições normais esse produtor deveria receber 84,87 salários mínimos/ano. O que representava, em dezembro de 1990, o equivalente a Cr\$ 750.000,00 ou uma renda mensal de Cr\$ 62.498,40.

¹⁴ Os cálculos de renda do produtor integrado levaram em consideração as seguintes médias:

- . 1 aviário de 10.000 frangos x 5 lotes/ano = 50.000 frangos
- . 50.000 x 1,5 kg/frango = 75 toneladas de carnes
- . 75 t x Cr\$ 10,00 kg = Cr\$ 50.000,00
(preço em dezembro de 1990)
- . Cr\$ 750.000,00 : Cr\$ 8.836,82 = 84,87 salários mínimos
(Salário mínimo de dezembro/1990)

Esses dados foram calculados pela média, existindo produtores acima ou abaixo dela. Essa questão será detalhada no capítulo 3, quando serão analisados os produtores de frangos em relação ao tamanho dos lotes.

O importante, até aqui, foi mostrar que está sendo gerado um rendimento ao produtor, num período de tempo curto. Normalmente, os rendimentos de um produtor rural ocorrem em períodos de tempo mais longos, coincidindo com os períodos das safras agrícolas. Nesse momento, pretende-se discutir o que isto significa em termos de especialização de produtores, atraídos pelos rendimentos constantes da atividade agropecuária.

A especialização dos produtores é um estágio posterior ao processo de seleção, já estudado em trabalhos anteriores¹⁵ sobre a integração avícola, nos quais era fundamental explicar a diferenciação interna, ou seja, uma seleção de poucos produtores, na sua maioria pequenos produtores. A preocupação principal daqueles estudos era entender como a integração facilitava a expropriação da maior parte de uma jornada de trabalho longa, que diziam estar embutida na atividade criatória do frango. Este era um dos principais motivos alegados pela indústria para não realizar tal atividade.

Desse modo, criou-se a ilusão de um sobretrabalho, na criação de frangos, como uma exigência do próprio processo de trabalho imposto pela indústria ao integrado. Na verdade, a carga de trabalho aumentava por deficiências do próprio aviário, que é de responsabilidade do produtor rural.

A maior dificuldade do produtor era manter o nível de

¹⁵SORJ, POMPERMAYER; CORADINI

temperatura nas campânulas, nos cinco dias iniciais da atividade criatória, nos casos em que o aquecimento era realizado através de queima de lenha, método que durante todo o tempo e principalmente à noite exige vigília permanente, para assegurar uma temperatura média estável no aquecimento dos pintos. Não haveria essa dificuldade se esse aquecimento fosse realizado através de gás (GPL), método que mantém constante a temperatura e por muito mais tempo. O custo do gás não chega a ultrapassar em 10% o custo da lenha.

Outra atividade que consome muito tempo de trabalho no aviário é a lavagem dos bebedouros, que deve ser realizada duas vezes ao dia. Quando não há infra-estrutura para a realização dessa atividade, o transporte é feito com baldes, o que toma muito tempo. Esse tempo é reduzido nos casos em que há água encanada no aviário, sistema quase obrigatório, dada a necessidade de água clorada.

A ração usada na alimentação deve ser em abundância e servida diariamente. Além dessas atividades, há o trabalho de apanha dos frangos, para enviá-los ao abatedouro, no final do ciclo, que consome o trabalho de um maior número de pessoas. Normalmente os vizinhos são chamados para auxiliarem na tarefa ou contrata-se pessoal.

Excluindo-se essa última atividade (apanha), os cálculos de utilização de mão-de-obra¹⁶ na atividade envolvem um homem/dia para um aviário com 10.000 frangos. O tempo médio de permanência de um lote de frango num aviário é de 40 dias.

Parece evidente, assim, que continua sendo mais rentá-

¹⁶ PARANÁ. Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento do Paraná. Custo de produção da avicultura no Paraná. Curitiba, 1990.

vel, para a indústria, diante dos custos atuais, entregar essa tarefa de criação ao produtor rural.

Três motivos podem ser citados para ilustrar as dificuldades da agroindústria em assumir a produção. O primeiro refere-se à subordinação da produção pecuária à indústria e ao capital financeiro, o que colocaria o capital industrial em desvantagem, caso assumisse diretamente essa tarefa. Nesses casos, a indústria é impelida a diminuir as taxas de lucros. Conseqüentemente, não existe interesse do capital industrial em investir nessa atividade. O terceiro pode ser atribuído aos custos do investimento inicial na terra e no aviário, que acabam sendo bancados pelo produtor rural. Este último pode ser considerado o motivo principal pelo qual a indústria não assume o trabalho de produção.

A maioria dos aviários foi financiada com recursos do crédito agrícola, no item investimento, com taxas de juros subsidiadas e prazos longos para pagamento, barateando os custos para o produtor rural e dispensando a indústria de fazê-los. A dispensabilidade do investimento no processo criatório representou, sem dúvida, um ganho para a indústria, muito maior do que um pequeno diferencial de lucro extraído via mão-de-obra, utilizada pelo produtor rural na atividade.

Pode-se afirmar que o crédito rural tem sido, talvez, o indutor principal na especialização do produtor rural na atividade avícola. Além disso ocorre um reconhecimento, por parte do produtor, de que a atividade lhe fornece uma renda monetária a cada 50 dias, dispensando o investimento de custeio que deveria realizar caso se dedicasse a outras atividades agropecuárias.

O crescimento da atividade avícola especializada vem

sendo captado pelo censo agropecuário que mostra, no caso do Paraná, uma elevação significativa no número de estabelecimentos especializados no ano de 1980, quando comparado ao de 1975 (tabela 11).

TABELA 11 - NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS ESPECIALIZADOS* E NÃO-ESPECIALIZADOS, POR NÚMERO DE AVES PRODUZIDAS, SEGUNDO ANOS CENSITÁRIOS, NO PARANÁ - 1975-80-85

ANO	INFORMANTES DE AVES (A)	ESTABELECIMENTOS ESPECIALIZADOS AVES (B)	CABEÇAS DE AVES PARA CORTE (TOTAL) (C)	CABEÇAS DE AVES PARA CORTE NOS ESTAB. ESP. (D)	CABEÇAS DE AVES PARA CORTE NOS ESTABELECIMENTOS NÃO ESPECIALIZADOS (E)	RELAÇÃO ENTRE ESTABELECIMENTOS ESPECIALIZADOS E NÃO-ESPECIALIZADOS	
						TOTAL DE AVES/ANO NÃO-ESPECIAL. E/A	TOTAL DE AVES/ANO ESPECIALIZADO D/B
1975	381.710	853	29.362.608	7.370.766	21.991.842	57	8.640
1980	331.595	3.223	45.910.417	26.110.895	19.799.522	60	8.101
1985	316.254	3.991	57.489.776	34.195.316	23.294.460	74	8.568

FONTE: Censo Agropecuário - IBGE

* A especialização é considerada quando a renda do estabelecimento, num só produto, ultrapassa 50% a dos outros produtos ali produzidos

Essas informações, além de mostrarem os avanços substanciais da produção especializada, indicam ainda que esta vem sendo concentrada nas mãos de um número pequeno de estabelecimentos. Comparando-se a produção dos estabelecimentos especializados com a dos não-especializados tem-se, para os primeiros, um plantel médio de aves no ano de 1985 de 8.568 aves, enquanto os outros ficam com uma média de 74 aves/ano (tabela 11).

Observando-se tal situação em relação à produção integrada do frango, infere-se que há tendência a um crescimento no número de produtores integrados à medida em que há uma ampliação horizontal da atividade, ou seja, à medida em que surgem novas plantas. Quando, ao contrário, ocorre uma paralisação no investimento industrial, a indústria inicia um processo de especialização dos produtores integrados ainda maior, com a exclusão dos pequenos integrados, como já afirmamos anterior-

mente. Isto está ocorrendo, por exemplo, em Santa Catarina, e começa a ser constatado pela Emater.

[...] as agroindústrias de Santa Catarina em função da dinâmica de funcionamento do mercado, obtêm a produção de suínos e aves de um número relativamente pequeno de produtores, número que tende a se reduzir ainda mais.¹⁷

No Paraná, esse movimento em direção à exclusão de produtores ainda não adquiriu expressão. Isto pode estar associado à possibilidade da seleção inicial dos produtores ter sido feita sob outros critérios, excludentes, desde o princípio, dos produtores que pudessem apresentar dificuldades.

Do total de 2.747 produtores integrados na agroindústria abatedoura avícola do Paraná, levantados pela pesquisa do IPARDES em 1988, 2.154 estão vinculados às grandes plantas. As médias plantas dispunham de 485 produtores, enquanto as pequenas possuíam 108 integrados. Esses dados indicam que 78,00% dos produtores integrados na avicultura estão vinculados a grandes plantas.

Através da pesquisa,¹⁸ foram entrevistados alguns desses produtores integrados. A síntese dos principais itens da pesquisa estão na tabela 12, que mostra o perfil dos produtores pesquisados, evidenciando suas relações com a indústria abatedoura.

Vale, entretanto, destacar três informações na análise da referida tabela. A primeira diz respeito à área dos estabelecimentos que, em função do tamanho, coloca todos os produtores na condição de pequenos proprietários. A segunda, sem dú-

¹⁷SANTA Catarina busca novo planejamento. Jornal do Sítiante, N.12, dez.90/jan.1991. p.16.

¹⁸O importante da pesquisa, apesar de ter sido realizada uma amostra pequena - somente oito produtores foram entrevistados - consiste no caráter aleatório adotado na escolha dos integrados, garantindo um alto grau de confiabilidade, tendo-se em conta que abrangeu a área de atuação de quatro empresas, em diferentes regiões do Estado.

vida a mais importante da pesquisa; diz respeito ao número significativo de produtores que declararam ter 100% de sua renda, no estabelecimento, proveniente da atividade avícola, o que os coloca como produtores especializados nessa atividade. Mesmo o grupo de produtores que declarou não ter a especialização da produção, tem na integração a fonte da maior parte de sua renda. A última analisa os rendimentos auferidos pelos produtores. Obtém-se uma aproximação da renda média dos entrevistados, atualizando esses valores para dezembro de 1990 e projetando-se os resultados apresentados em salários mínimos/ano. Pode-se afirmar que essa atividade tem apresentado um nível de rendimento médio aos produtores, levando-se em conta que é uma renda monetária bimensal, que o produtor realiza sem a necessidade do custeio, garantido pela indústria a cada novo ciclo produtivo.

TABELA 12 - PERFIL DOS PRODUTORES RURAIS INTEGRADOS, POR PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS, SEGUNDO O MUNICÍPIO E A EMPRESA, NO PARANÁ - 1988

MUNICÍPIOS	EMPRESAS	ÁREA DOS ESTABEL. INTEG. (ha)	ANO DO INÍCIO ATIV. INTEG.	% VENDAS DE FRANGO EM REL. AO TOTAL VENDAS DO ESTAB.	CAP. INSTALADA DO AVIÁRIO		NÚMERO DE LOTES ENTREGUES/ANO	MÃO-DE-OBRA UTILIZADA (Nº Pessoas)	RENDA APROX. ATIV. AVÍCOLA EM SALÁRIOS MÍNIMOS/ANO Preços de Dez./90**
					N.	TOTAL Capacid.			
Castro	Batavo	1,0	1983	42,0*	1	12.000	5,2	1	115,24
Franc. Beltrão	Chapecó	8,8	1984	100,0	2	24.000	4,0	2	170,41
Franc. Beltrão	Chapecó	8,0	1987	49,0	1	12.000	5,0	1	106,50
Jacarezinho	Contibrasil	7,5	1986	59,0	1	6.000	5,0	1	53,25
Jacarezinho	Contibrasil	1,5	1984	100,0	1	12.000	4,0	1	85,20
Lapa	OAGRANJA	2,4	1987	100,0	1	14.000	5,0	2	124,25
Lapa	OAGRANJA	9,6	1978	100,0	1	15.000	5,5	2	146,44
Lapa	OAGRANJA	36,0	1986	100,0	2	28.000	6,0	3	298,21

FONTE: Pesquisa de Campo - IPARDES - 1988

*A outra fonte de renda do produtor são duas pocilgas da integração de suínos na mesma área

**Salário Mínimo de dezembro de 1990: Cr\$ 8.836,82

Esses rendimentos apresentados pelos integrados são na verdade ganhos médios, obtidos em situações normais - princi-

palmente de conversão alimentar baixa (quantidade de ração consumida por quilo de frango) e de baixa taxa de mortalidade dos frangos. Nesses casos, o produtor tem resultados positivos na entrega de cada lote à integradora. Quando, ao contrário, esses resultados não são inteiramente positivos, surgem alguns conflitos entre produtor e integradora, que resultam principalmente na redução do número de lotes/ano entregue pela indústria ao produtor integrado e pelo baixo preço pago por quilo de frango. Essas são algumas das penalidades impostas ao produtor pela integradora.

2.3 O MERCADO DE CARNE DE FRANGO: EVOLUÇÃO E PERSPECTIVAS

O desenvolvimento genético do frango nos últimos 40 anos foi enorme. A produção, que convertia 4,5 kg de ração em 1 kg de frango vivo, com frangos de abate de 100 dias, transforma atualmente 2 kg de ração em 1 kg de frango, reduzindo o prazo de abate para 40 dias. A redução do tempo no criatório não resultou em diminuição no peso do frango que, pelo contrário, teve uma elevação no peso de 1,2 kg para 1,6 kg, depois de abatidos e limpos. Isso confere à produção de frangos o maior progresso já conseguido com uma espécie animal nos aspectos do melhoramento genético, da alimentação, do manejo e controle de doenças.

Nesse sentido, o aumento de produção de carne de frango a nível nacional e mundial foi significativo. Segundo a tabela 13, só nos últimos 10 anos a produção aumentou em mais de 60% no Brasil. O Paraná, que iniciou a avicultura industrial nos anos 80, aumentou a sua produção em quase 10 vezes nos últimos 10 anos, colocando-se em 3º lugar na produção nacional.

TABELA 13 - PRODUÇÃO DE CARNES DE AVES NO PARANÁ E BRASIL - 1978 A 1987

ANO	PARANÁ		BRASIL	
	Quantidade (Em t)	%	Quantidade (Em t)	%
1978	28.010	3,40	807.000	100,00
1979	45.860	4,50	1.014.000	100,00
1980	69.739	5,30	1.306.000	100,00
1981	106.246	7,13	1.490.000	100,00
1982	133.971	8,35	1.604.000	100,00
1983	176.286	11,12	1.584.000	100,00
1984	207.171	14,45	1.433.000	100,00
1985	231.141	14,65	1.577.000	100,00
1986	257.141	14,93	1.722.000	100,00
1987	265.315	13,52	1.961.000	100,00

FONTE: ETAC - Mercado de Carnes; BRDE

Esse quadro favorável da avicultura encontrou no mercado nacional uma oferta estabilizada de carne bovina, como se pode observar na tabela 14. Isso nos leva de imediato a pensar que o crescimento da avicultura tenha ocupado o mercado da carne bovina. Outras considerações, porém, podem ser sugeridas a título de explicação para o crescimento do mercado de carne de frangos.

A alteração nos padrões alimentares pode ser uma delas. Observa-se, hoje, a presença de hábitos de consumo que tentam diminuir as carnes vermelhas, dando preferência às carnes brancas, com baixo teor de gordura.

TABELA 14 - PRODUÇÃO DE CARNE BOVINA NO PARANÁ E BRASIL - 1978 A 1987

ANO	PRODUÇÃO EM 1.000 t.			
	Paraná	%	Brasil	%
1980	783,0	37,57	2.084	100,0
1981	774,3	36,60	2.115	100,0
1982	796,4	33,22	2.397	100,0
1983	830,6	35,12	2.365	100,0
1984	627,4	29,93	2.096	100,0
1985	664,5	29,89	2.223	100,0
1986	550,9	29,44	1.871	100,0
1987	555,4	24,55	2.262	100,0

FONTE: IBGE - Anuário Estatístico do Brasil - 1986

Um outro fator que deve ser considerado é o preço. Cálculos realizados para uma média histórica mostram que o preço da carne de frango se mantém sempre abaixo do preço da carne bovina.

Existe, entre os representantes do setor avícola, um consenso de que todos esses fatores contribuíram para a ampliação do mercado. Acreditam que o espetacular desenvolvimento da avicultura é a expressão de uma tendência, futura que aponta o frango como a saída para a produção de proteína animal, que se dá num curto período de tempo e a baixo custo.

A questão, no entanto, não é tão simples como se apresenta. Na verdade o problema central parece estar vinculado a uma disputa de mercado com a carne bovina, via preços mais baixos por quilo de carne de frango. Por outro lado, é complexa a situação de produção da carne bovina e a determinação de seu preço, dada a escassez de sua produção - pressionada pela entressafra e pelo não-uso de tecnologia ou manejo adequado com a maior parte do rebanho.

A produção de carne bovina não é determinada por padrões industriais de produção. Os seus preços são fixados pelos proprietários rurais, que dispõem de pastagens abundantes extraem uma renda da terra muito próxima da renda absoluta. Na verdade, fixam u'ma remuneração pela condição da propriedade da terra, sem levar em conta a não-existência de investimentos - é o caso da maioria dos pecuaristas - que justifiquem uma taxa de lucro pela aplicação de capital na propriedade ou no próprio rebanho bovino.

Para avaliarmos a força dos pecuaristas, na formação do preço, é necessário considerar algumas peculiaridades dessa atividade. A terra apresenta um duplo caráter: é meio de produção e reserva de valor, funcionando como ativo financeiro.

Os animais, em qualquer fase do processo produtivo, podem ser colocados no mercado, ou seja, são matérias-primas e produto final. p.¹⁹

Segundo os dados do IBGE, a pecuária bovina é uma atividade econômica importante na agropecuária brasileira, com um rebanho estimado de 140 milhões de cabeças em 1985, ocupando o 4º lugar no rebanho mundial. No entanto, em relação à taxa de desfrute, que mostra como a tecnologia está sendo usada na atividade, constata-se para o Brasil uma taxa de 12% ao ano, enquanto a Argentina dobra esse índice para 24% ao ano, a França apresenta 32% e os Estados Unidos 35%.

Os dados não oficiais mostram um outro quadro dessa realidade. Os cortumes chegam a manipular 50% a mais de couros do que aqueles levantados pelos dados oficiais. Pode-se afirmar, assim, que há um número alto de abates clandestinos sendo desconsiderado nos cálculos da taxa de desfrute do rebanho e um mercado de carnes paralelo que não está sendo considerado nos cálculos oficiais.

As duas pecuárias - frangos e bovinos - se relacionam não só pelo fato de oferecem proteínas para o consumo humano. Na esfera da comercialização, elas se aproximam para permitir uma comparação no mercado, obtida através do uso da paridade de preços entre ambas, reforçada pelos hábitos alimentares da população brasileira, que indicam uma preferência pela carne bovina. Isto é, se os preços estiverem iguais, o consumo dirige-se para a carne bovina.

O estudo do Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul confirma a preferência do consumidor brasileiro pela carne bovina:

¹⁹LIBARDI, Diócles. As condições de produção na pecuária de corte brasileira e suas implicações. Curitiba : IPARDES, 1990. p.5. Texto preliminar para discussão.

No Brasil, dentre as proteínas de origem animal é a carne bovina que ainda goza da preferência do consumidor. [...] com efeito, esta preferência do consumidor pelas carnes vermelhas é tão arraigada que, somente quando o diferencial de preço relativamente à carne de aves, por exemplo, excede a 50%, é que o consumidor opta por adquirir esta última.²⁰

Na verdade a paridade de preços coloca a carne de aves em posição desfavorável no mercado, em determinados momentos. É o que ocorre, por exemplo, quando há quedas na massa salarial. Segundo os dados da tabela 15, o consumo da carne bovina mantém estreita relação com o nível salarial da população. Nos momentos de achatamento salarial, a pecuária bovina tem seus preços reduzidos a níveis muito baixos, fazendo com que os preços da carne de frango tendam a baixar, mesmo mantendo os custos de produção no mesmo patamar.

TABELA 15 - EVOLUÇÃO DO SALÁRIO MÉDIO ATÉ 20 SALÁRIOS MÍNIMOS - PISO NACIONAL - E DO CONSUMO DE CARNE BOVINA - 1980-88 - BRASIL

ANO	SALÁRIO MÉDIO ATÉ 20 SALÁRIOS MÍNIMOS (Piso Nacional Salários)	CONSUMO DE CARNE BOVINA Kg/hab/ano
1980	6,25	17,20
1981	6,23	15,40
1982	6,24	16,00
1983	6,23	14,70
1984	6,13	12,40
1985	5,63	12,30
1986	4,42	11,90
1987	4,90	12,20
1988	4,66	11,70

FONTE DOS DADOS: RAIS, IBGE, CACEX, SEAB/DERAL

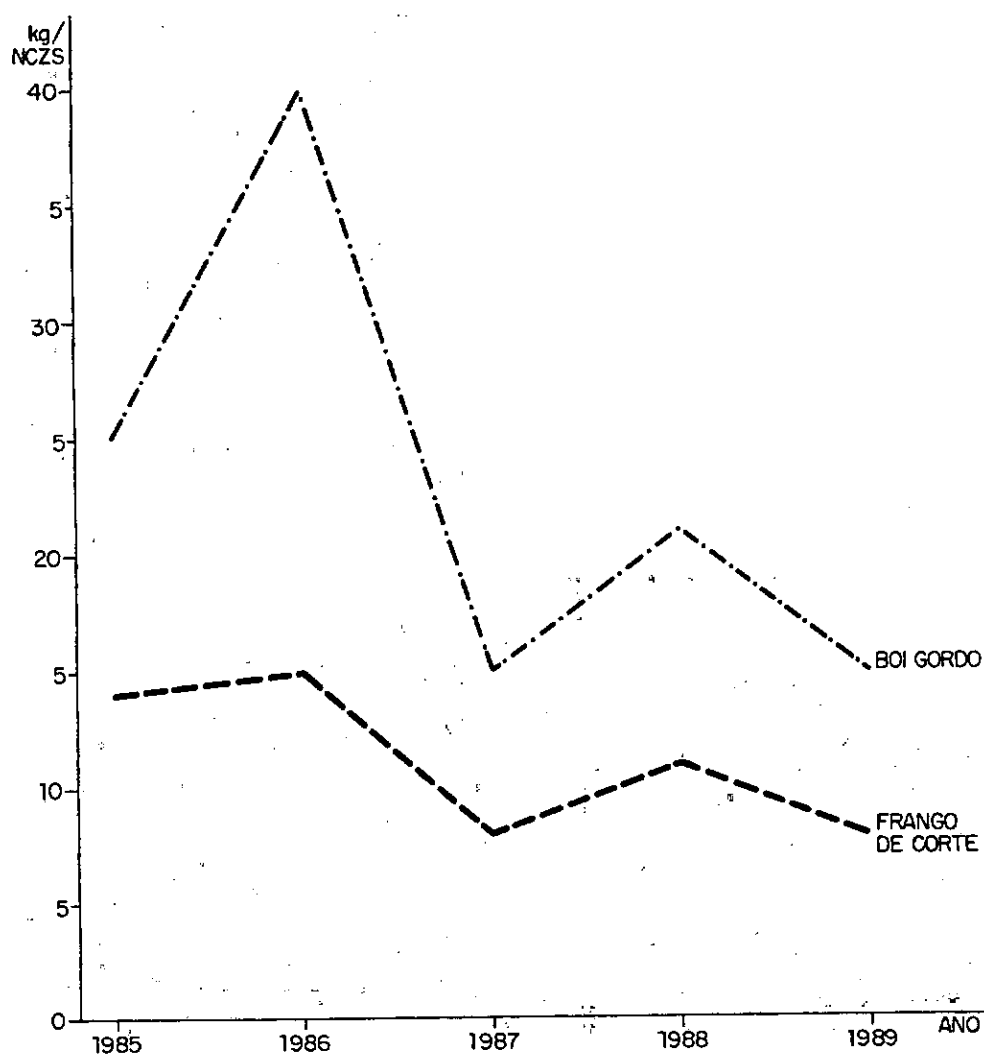
NOTA: Estimativas realizadas, segundo a função consumo = $1,767 + 2,126$ salários. Programa SAEG (Sistema para Análises Estatísticas)

Consumo = $1,767 + 2,126$ salários - equivale dizer que a cada unidade de salário mínimo (piso nacional) que cresce no ano representa um incremento no consumo de 2,12 kg de carne bovina/ano

Nessas ocasiões em que a demanda é pouca, o mercado do frango, que já mantém um preço médio por quilo abaixo do da carne bovina - como pode-se observar pelo gráfico 1 -, sofre

²⁰BANCO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL. Produtos pecuários. Curitiba, 1988. p.10 (Relatório n.12/87).

GRÁFICO 1 - PREÇOS MÉDIOS* RECEBIDOS PELOS PRODUTORES RURAIS DE FRANGOS DE CORTE E BOI GORDO, EM SÃO PAULO** 1985-89



FONTE : INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA DE SÃO PAULO.

* ATUALIZADOS PARA DEZEMBRO DE 1989 - IGP - COLUNA 2 - FGV.

** ADOTOU-SE OS PREÇOS MÉDIOS DE SÃO PAULO POR APRESENTAREM A MENOR SAZONALIDADE DEVIDO A UM MAIOR EQUILÍBRIO ENTRE A OFERTA E A DEMANDA DESSES PRODUTOS.

uma queda nas margens de lucro, mergulhando numa crise. Essa situação persiste até que a carne bovina eleve os preços e a paridade volte a ser mantida.

Nesse sentido, pode-se confirmar a afirmação de alguns pecuaristas: o preço das carnes está sempre amarrado ao rabo do boi.

Apesar da intensificação do processo criatório e do desempenho no processamento industrial, o frango enfrenta ainda uma outra barreira: o preço da matéria-prima milho, usada na composição da ração.

O milho é o produto agrícola principal na composição da ração, na qual participa com 67% dos custos. A ração, por sua vez, vai representar o maior custo na produção do frango, em média 61,0%. Isso significa um comprometimento elevado para a atividade criatória, que não consegue, desse modo, uma independência em relação aos custos da agricultura. O nível baixo de produtividade do milho (tabela 16) não permite elevar os ganhos diferenciais na atividade avícola, frente às demais carnes.

TABELA 16 - NÚMERO DE INFORMANTES QUE DECLARARAM PRODUZIR MILHO, QUANTIDADE COLHIDA E ÁREA UTILIZADA, NO PARANÁ - 1980 E 1985

	1980 (A)	1985 (B)	% B/A
Número de Informantes	335.539	326.442	(2,71)
Quantidade Produzida (t)	3.908.144	4.150.534	1,06
Área Utilizada (ha)	1.862.670	1.940.642	1,04
Rendimento Médio (Kg/ha)	2.098	2.138	1,01
Rendimento Médio Brasil (kg/ha)	1.779	1.866	1,04
Rendimento Médio EUA (kg/ha)	-	7.480	-

FONTE: Censo Agropecuário - IBGE
Anuário Estatístico do Brasil - IBGE, FAO

Como pode-se observar, o milho apresenta, no Brasil, uma média de rendimento muito inferior à dos Estados Unidos da América.

Todavia, quando a matriz tecnológica de criação de frangos dos dois países é comparada, constata-se que ela é praticamente a mesma, apenas que o valor da matéria-prima agrícola, naquele país, é menor. Isto tem influência direta sobre o preço final do produto, que na paridade com os custos da carne bovina é significativamente mais baixo.

São esses impedimentos - baixa renda da população e baixa produtividade agrícola do milho - os principais obstáculos, a curto prazo, para o desenvolvimento da pecuária do frango no Brasil.

3 ANÁLISE DE DUAS EMPRESAS INTEGRADORAS NO PARANÁ: DAGRANJA E FRIGOBRÁS

A escolha dessas duas empresas se deve ao seu ingresso na industrialização do frango e ao desenvolvimento de uma linha de sub-produtos que representa a tendência atual do setor, a nível nacional. Juntou-se, a isso, as particularidades da trajetória de cada uma delas. As duas empresas iniciaram suas atividades com a produção do frango inteiro e com o corte simples (coxa, asa, peito). Posteriormente promoveram uma diversificação através dos cortes especiais (filés) e da recente industrialização, com subprodutos que permitem uma maior expansão das atividades industriais.

Conforme foi possível observar pelo capítulo 2, somente três empresas no Paraná realizam tal diversificação. Com a industrialização, entretanto, somente as duas empresas selecionadas ampliaram a pauta de industrializados, chegando à ponta do mercado com produtos mais elaborados - como chiquinitos, *nuggets*, defumados, etc.

Tendo em vista esta particularidade, optou-se por analisar as duas empresas - DAGRANJA Agroindustrial S.A, localizada no município da Lapa, e a Companhia Brasileira de Frigoríficos - FRIGOBRÁS, no município de Toledo.

A análise do nível da estrutura industrial dessas empresas tem como objetivo entender os resultados obtidos em relação ao seu crescimento, como também a influência desses resultados nos rendimentos recebidos pelos produtores integrados. Ou seja, obtendo-se uma maior agregação de valor na produção, analisa-se

a possibilidade de um repasse maior aos integrados, via preços de frangos entregues.

As pesquisas foram realizadas com o objetivo de aprofundar os conhecimentos sobre essas agroindústrias e suas relações de integração e obter informações que possibilitem a realização de cálculos econômicos no sentido de identificar custos e margens de lucros, tanto da indústria como do produtor rural integrado (anexo 3).

Na escolha dos produtores rurais integrados, levou-se em consideração, no caso da DAGRANJA, a classificação segundo resultados obtidos pelo integrado, realizada através de uma média anual por lotes de frangos entregues à empresa, pela qual é classificado como integrado ótimo, bom ou regular. Foram contemplados, nas entrevistas, dois de cada um desses segmentos.

Com relação à FRIGOBRÁS não houve uma classificação formal da empresa: a escolha dos entrevistados levou em conta aqueles produtores que dispunham da planilha de acerto de conta,¹ e que mostraram os resultados dos lotes de frangos entregues à integradora. Além disso, considerou-se a média de produção dos integrados, constatando-se que a maioria possui dois aviários.² Sobre esses incidiu a escolha para ser aplicado o roteiro de entrevistas a seis produtores.

Além das questões relacionadas com a industrialização, cujas características colocam as duas empresas como as mais dinâmicas do setor do Paraná, levou-se em consideração, ainda,

¹Esse procedimento foi adotado em função da empresa não liberar o cadastro nem as planilhas para que fossem entrevistados produtores integrados, com lotes e número de aviários semelhantes.

²Informação coletada na EMATER/PR, no escritório local, levando-se em consideração somente o município de Toledo.

alguns fatores. A DAGRANJA possui uma única planta, sem diversificação para outros produtos pecuários e foi a primeira empresa no Paraná a desenvolver um processo de industrialização do frango, com lançamento de produtos novos no mercado. Apesar de estar localizada numa região de baixo dinamismo da agricultura paranaense, isso não constitui um problema para a agroindústria, com relação à disponibilidade de matéria-prima. A empresa FRIGOBRAS (grupo Sadia), por constituir, desde a implantação, em 1979, a maior planta de abate de aves do Estado, e por ter, no mesmo período da DAGRANJA, organizado a integração avícola com os produtores rurais. Ao contrário da região onde a DAGRANJA atua, a localização da FRIGOBRAS é numa área de grande dinamismo da agricultura paranaense. A empresa realiza, nessa unidade, além do abate e cortes especiais, a industrialização de ponta do frango, através dos empanados, na linha de comidas pré-cozidas e congeladas.

A partir dessas informações iniciais é possível ampliar o conhecimento de cada uma das empresas, no sentido de detectar as vantagens e desvantagens na relação de integração com os produtores agrícolas.

Desse modo, pretende-se mostrar a caracterização de cada empresa e suas relações com os produtores integrados, bem como os aspectos agropecuários da região onde estão instaladas.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA DAGRANJA AGROINDUSTRIAL S.A

Esta empresa foi criada em 1975 e iniciou suas atividades em 1977. O capital social da empresa é estrangeiro (argentino), e foi investido, no Brasil, após a venda de uma unidade semelhante naquele país.

Apoiada por incentivos municipais e estaduais, que influenciaram nos aspectos locacionais, inicia suas atividades na avicultura industrial na região da Lapa, inserida numa área de baixo dinamismo agrícola.

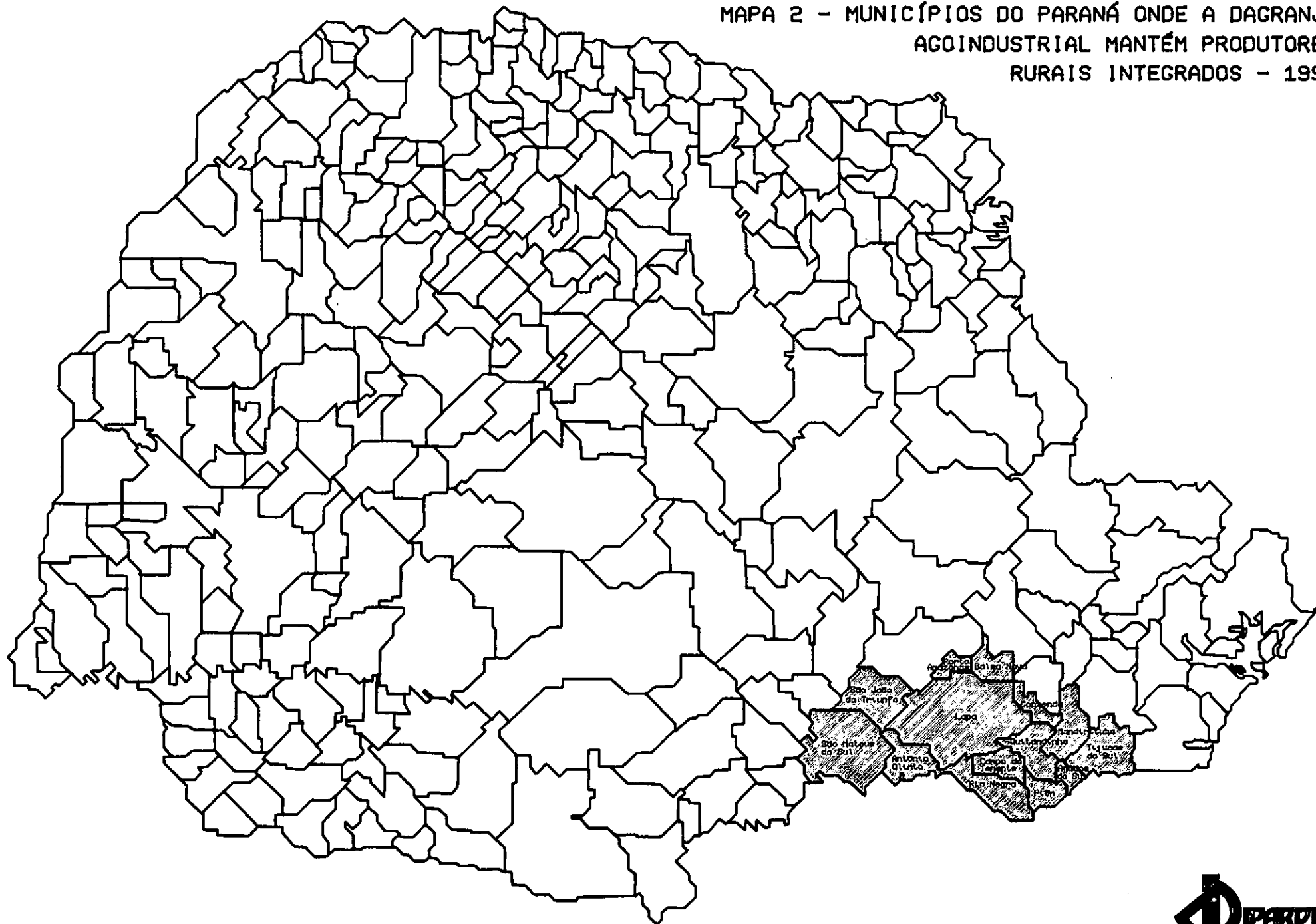
As características básicas desse baixo dinamismo estão associadas aos solos de baixa fertilidade e topografia acidentada, convivendo com uma pecuária bovina tradicional nos grandes estabelecimentos, ao lado de uma pequena produção de milho e feijão, nas áreas dos pequenos estabelecimentos agrícolas.

Desse modo, não existe na área uma estrutura produtiva que responda pelo processo de modernização da agricultura no Paraná. Pelo contrário, convivem estruturas produtivas de baixo dinamismo, tanto na grande como na pequena propriedade.

Os dados secundários sobre a estrutura fundiária dos municípios (mapa 2), onde a DAGRANJA mantém produtores integrados, mostram uma situação diferente daquela observada no Paraná, no período analisado entre 1970 e 1985 (tabela 1). Segundo essa tabela tem-se, para a década de 70, um período de grandes transformações na agropecuária do Paraná, com alterações profundas na estrutura fundiária, o que resultou numa redução de 100 mil estabelecimentos agropecuários.

Nos municípios analisados, houve também redução no número de estabelecimentos nos estratos menores e um crescimento nos maiores, aumentando a concentração da terra nos grandes estratos. Entretanto, para 1985, os dados da tabela 1 apresentam uma reversão desse quadro de redução do número de estabelecimentos na região, indicando que o número total de estabelecimentos volta a crescer, mantendo-se muito próximo do número apontado em 1970.

MAPA 2 - MUNICÍPIOS DO PARANÁ ONDE A DAGRANJA
AGROINDUSTRIAL MANTÉM PRODUTORES
RURAIS INTEGRADOS - 1990



FONTE: DAGRANJA AGROINDUSTRIAL S. A.

Tudo indica que essa região - onde estão concentrados os solos rasos de baixa fertilidade e declividade acentuada - não tem acompanhado a velocidade de modernização do Estado,³ criando espaços para uma fronteira agrícola interna e recebendo, inclusive, produtores de outras regiões mais dinâmicas. Sem condições de acompanhar o padrão técnico da área de origem, esses produtores migram para essa região, onde é possível praticar uma policultura com as lavouras consorciadas de milho e feijão e, assim, garantem um espaço para a pequena produção diversificada, em processo de desaparecimento nas áreas de agricultura dinâmica do Estado.

No sentido de mostrar o baixo dinamismo dos municípios analisados, foram isoladas as duas principais lavouras temporárias - soja e trigo - por terem sido a esteira da modernização agrícola do Estado. Em termos de produção, área utilizada e número de informantes, esses produtos apresentam, na área analisada, resultados inexpressivos (tabelas 2 e 3). Com relação ao trigo, chamam a atenção o número de produtores em 1970 e sua redução significativa que acontece para o ano de 1980. Isso ocorreu pelo fato de esta produção de trigo ser beneficiada nos moinhos coloniais da região. Após o fechamento dos moinhos e a obrigatoriedade de venda do trigo *in natura* pelos produtores, e ainda o surgimento de novos padrões de produção e classificação - tornando obrigatório o uso de sementes selecionadas e

³Segundo FLEISCHFRESSER, "o comportamento dessa região pode, em grande medida, ser creditado às características de seu meio ambiente físico: solos de menor fertilidade natural, em grande parte pedregosos e com relevo acidentado, impeditivo das práticas mecânicas. Nela se localiza também o litoral e a Serra do Mar. Além disso, não houve uma atividade produtiva, durante suas fases de ocupação e mesmo em período mais recente, que desse impulso ao processo de acumulação no campo, e sua integração à economia nacional é débil." (FLEISCHFRESSER, Vanessa. O capitalismo revela a sua face mais perversa na crise: análise dos dados do Censo Agropecuário 1985. Análise Conjuntural. Curitiba : IPARDES, v.9, n.12, p.9, dez.1987.

adubos, e visando, uma produção exclusiva para o mercado - os produtores abandonaram essa lavoura.

TABELA 2 - PRODUÇÃO DE SOJA POR NÚMERO DE INFORMANTES, QUANTIDADE E ÁREA OCUPADA, SEGUNDO TOTAL DE MUNICÍPIOS* ONDE A DAGRANJA MANTÉM PRODUTORES RURAIS INTEGRADOS E TOTAL DO ESTADO, NO PARANÁ - 1970-1980-1985

TOTAL DOS MUNICÍPIOS	NÚMERO DE INFORMANTES			QUANTIDADE EM TONELADA			ÁREA OCUPADA EM HA		
	1970	1980	1985	1970	1980	1985	1970	1985	1985
Municípios com Integração à DAGRANJA	65	200	184	228	17.121	20.393	208	17.515	10.803
TOTAL do Estado	112.022	97.965	85.624	411.642	4.408.495	4.161.322	395.484	2.075.657	2.079.973
Participação em Relação ao Estado	,05	,20	,21	,05	,39	,49	,05	,84	,51

FONTE: Censo Agropecuário do Paraná - IBGE

*Inclui os municípios de Balsa Nova, Contenda, Mandirituba, Agudos do Sul, Piên, Quitandinha, Tijucas do Sul, Campo do Tenente, Lapa, Porto Amazonas, Rio Negro, Antonio Olinto, São João do Triunfo, São Mateus do Sul

TABELA 3 - PRODUÇÃO DE TRIGO POR NÚMERO DE INFORMANTES, QUANTIDADE E ÁREA OCUPADA, SEGUNDO TOTAL DE MUNICÍPIOS* ONDE A DAGRANJA MANTÉM PRODUTORES RURAIS INTEGRADOS E TOTAL DO ESTADO, NO PARANÁ - 1970-1980-1985

TOTAL DOS MUNICÍPIOS	NÚMERO DE INFORMANTES			QUANTIDADE EM TONELADA			ÁREA OCUPADA EM HA		
	1970	1980	1985	1970	1980	1985	1970	1980	1985
Municípios com Integração à DAGRANJA	5.776	291	478	6.795	2.075	2.248	8.879	2.058	1.571
TOTAL do Estado	82.477	37.169	46.142	205.359	1.231.077	2.361.000	250.213	1.135.263	1.228.742
Participação em Relação ao Estado	7,00	,78	1,03	3,30	,16	,09	3,54	,18	,12

FONTE: Censo Agropecuário do Paraná - IBGE

*Inclui os municípios de Balsa Nova, Contenda, Mandirituba, Agudos do Sul, Piên, Quitandinha, Tijucas do Sul, Campo do Tenente, Lapa, Porto Amazonas, Rio Negro, Antonio Olinto, São João do Triunfo, São Mateus do Sul

Pode-se observar, assim, que a produção de trigo, à medida que exige padrões determinados pela modernização intensiva da agricultura, eleva o padrão técnico e, por consequência, o nível de capitalização, deixando de constituir um produto da pequena produção da região.

A soja, por ter sido introduzida num patamar técnico de produção elevado, não conseguiu entrar nessa pequena produção da região. Os produtores maiores, que poderiam tê-la introdu-

zido, apresentavam a maior parte das suas terras em condições desfavoráveis ao cultivo. Esses dois produtos dinâmicos na agricultura paranaense, por si só fornecem indicações do baixo dinamismo da agricultura na região.

O nível de utilização das terras é outro indicador de modo como estão sendo aproveitadas as áreas com os principais usos (tabela 4). Observa-se que o uso das lavouras temporárias ocorre bem abaixo da média do Estado. O mesmo se dá em relação às pastagens plantadas, mostrando que a prática da pecuária extensiva aparece em piores condições, certamente com um rebanho bovino de poucas melhorias genéticas.

TABELA 4 - UTILIZAÇÃO DAS TERRAS, SEGUNDO O TOTAL DE MUNICÍPIOS* ONDE A DAGRANJA MANTÉM PRODUTORES INTEGRADOS E TOTAL DO ESTADO, NO PARANÁ - 1970-1980 -1985

TOTAL DOS MUNICÍPIOS	MUNICÍPIOS COM INTEGRAÇÃO COM A DAGRANJA						TOTAL DO ESTADO					
	1970		1980		1985		1970		1980		1985	
	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%	Abs.	%
Lavouras Permanentes	559	,12	2.865	,55	3.604	,69	1.306.223	9,32	952.320	6,15	628.074	3,95
Lavouras Temporárias	112.218	24,50	123.574	23,70	146.622	28,05	3.412.383	24,37	513.701	33,10	5.434.485	34,15
Pastagens Naturais	134.909	29,45	129.195	24,79	121.107	23,18	1.809.429	12,92	1.534.151	,10	1.422.884	8,94
Pastagens Plantadas	4.626	1,01	16.021	3,07	18.207	3,48	2.700.281	19,29	3.986.067	25,71	4.576.720	28,76
Outros Usos**	205.699	44,92	249.589	47,89	243.039	46,50	4.774.288	34,10	3.898.540	25,15	3.851.577	24,20

FONTE: Censo Agropecuário do Paraná - IBGE

*Inclui os municípios de Balsa Nova, Contenda, Mandirituba, Agudos do Sul, Pien, Quitandinha, Tijucas do Sul, Campo do Tenente, Lapa, Porto Amazonas, Rio Negro, Antonio Olinto, São João do Triunfo, São Mateus do Sul

**São áreas com matas florestas plantadas e produtivas não-utilizadas

Quanto à produção de aves, o Censo Agropecuário de 1985 não traz as informações referentes a municípios e microrregiões, mostrando, porém, um crescimento maior, na produção nos municípios da região que no Estado, entre os anos de 1970 e 1980 (ver tabela 5). O fundamental na análise dessa produção - ainda que não exista uma separação entre a avicultura industrial e aquela de autoconsumo nas unidades rurais - é

TABELA 5 - PRODUÇÃO DE AVES POR NÚMERO DE INFORMANTES, TOTAL E IDADE, SEGUNDO MUNICÍPIOS ONDE A DAGRANJA POSSUI PRODUTORES INTEGRADOS E TOTAL DO ESTADO, NO PARANÁ - 1970-1980-1985

MUNICÍPIO	INFORMANTES			TOTAL GALINHAS E FRANGOS			MENORES DE 2 MESES			DE 2 MESES E MAIS		
	1970	1980	1985*	1970	1980	1985*	1970	1980	1985*	1970	1980	1985*
Balsa Nova	296	340	-	15.592	25.826	-	4.084	2.722	-	11.508	23.104	-
Contenda	814	601	-	37.798	26.903	-	11.001	8.362	-	26.797	18.541	-
Mandirituba	1.106	1.114	-	98.118	104.505	-	35.519	21.332	-	62.599	83.173	-
Agudos do Sul	331	766	-	18.832	39.819	-	9.800	16.128	-	9.032	23.691	-
Piên	433	715	-	24.821	43.545	-	8.235	20.777	-	16.586	22.768	-
Quitandinha	1.102	1.628	-	44.986	80.899	-	19.311	18.777	-	25.675	62.122	-
Tijucas do Sul	861	578	-	42.726	74.285	-	13.510	49.900	-	29.216	24.385	-
Campo do Tenente	366	250	-	18.582	12.233	-	3.316	3.087	-	15.266	9.146	-
Lapa	2.676	2.737	-	128.033	912.853	-	46.247	772.853	-	81.786	140.000	-
Porto Amazonas	68	71	-	17.772	7.309	-	304	1.524	-	17.468	5.785	-
Rio Negro	586	743	-	134.656	80.900	-	56.975	27.906	-	77.681	52.994	-
Antonio Olinto	1.009	984	-	39.094	35.829	-	11.470	8.662	-	27.624	27.167	-
São J. Triunfo	755	1.129	-	42.122	82.203	-	16.487	50.195	-	25.635	32.008	-
São M. do Sul	1.489	1.773	-	86.803	86.397	-	32.954	26.439	-	53.849	59.958	-
TOTAL do Munic.	11.892	13.393	-	739.845	2.281.506	-	269.213	1.047.441	-	480.722	584.842	-
TOTAL do Estado	433.932	331.595	316.254	26.254.246	45.910.417	57.489.776	10.736.640	21.101.273	34.195.316	15.517.606	24.809.144	23.294.460

FONTE: Censo Agropecuário do Paraná - IBGE

*Não foi divulgado essa informação por município

mostrar o crescimento no número de aves menores de dois meses, o que indica que a maior parte da produção é realizada pela integração. Os dados mostram essa tendência entre 1970 e 1980.

Nesse sentido, é expressivo o crescimento, no município da Lapa, das aves menores de dois meses, o que mostra o crescimento das atividades da DAGRANJA na região, em 1980.

A partir da confirmação através dos dados secundários sobre os avanços da avicultura na região da DAGRANJA, é possível deduzir que essa atividade, da forma como está organizada, independe das condições gerais de produção da área. Ou seja, a empresa integradora é responsável tanto pela compra da matéria-prima (milho), que pode ser realizada na região ou fora dela, como pela sua transformação em ração, assim como pelos demais insumos usados na integração do frango.

Nesse sentido, pode-se afirmar que a avicultura é antes um produto da indústria do que do produtor integrado, que assume essa atividade como simples criador, recebendo da empresa a maior parte do custeio de produção.

Assim, essas condições da integração podem ser responsáveis pelo avanço da atividade avícola na região, maior do que em qualquer outra atividade.

As atividades da DAGRANJA, na região, foram iniciadas por 50 produtores selecionados para a integração e não ficaram limitadas ao próprio município (Lapa) onde está instalado o abatedouro. Isso parece fazer parte da estratégia da empresa de não concentrar um número grande de integrados numa mesma área, ou no mesmo município. Atualmente atuam em 14 municípios, com uma média de 20 a 30 integrados em cada um, com a distância máxima de 100 km do abatedouro. Essa estratégia de distribuição

dos integrados vem atender a dois objetivos: evitar uma organização dos produtores em associação que possibilite sua reivindicação por melhores preços e por outras condições não previstas no contrato de integração e criar barreiras à entrada de novos abatedouros nessa área.

A tabela 6 demonstra uma evolução do número de associados e a quantidade de frangos produzida a partir de 1981.

TABELA 6 - NÚMERO DE PRODUTORES INTEGRADOS À DAGRANJA, NÚMERO DE FRANGOS PRODUZIDOS E PRODUÇÃO MÉDIA INTEGRADO/ANO, NO PARANÁ - 1981 A 1990

ANO	NÚMERO DE PRODUTORES INTEGRADOS	NÚMERO DE FRANGOS PRODUZIDOS	PRODUÇÃO MÉDIA/ANO DE FRANGOS P/ PROD. INTEGRADO
1981	120	4.905.697	40.880
1982	150	8.142.565	54.284
1983	180	7.669.322	42.607
1984	200	8.391.054	41.955
1985	205	11.605.853	56.614
1986	280	14.108.293	50.387
1987	300	16.810.670	56.036
1988	330	15.875.306	48.107
1989	335	15.699.138	46.863
1990	350	20.421.000	58.346

FONTE: DAGRANJA Industrial S.A

Observa-se que a produção tem apresentado variações, com quedas em alguns anos no período analisado. O mesmo não ocorre com o número de produtores rurais integrados, que apresenta um crescimento em todo o período. A produção média de frango, no entanto, se mantém.

Na perspectiva da indústria, não causa problema um aumento no número de integrados. Os investimentos em aviários e equipamentos são bancados pelo produtor rural e os contratos de integração não determinam o número de lotes de frangos ou o intervalo entre um lote e outro. Isso se traduz num benefício para a indústria, pois ela intensifica a produção em momentos

de expansão, usando plenamente a capacidade instalada dos aviários, podendo reduzir a produção no declínio das vendas.

Conforme foi verificado no capítulo 2, a existência de uma capacidade ociosa média dos aviários no Paraná é de 50%, em relação ao número de frangos que poderiam ser criados. No caso da DAGRANJA essa média se confirma, representando assim um encargo para o produtor rural integrado.

A produção controlada pela integradora vai ser processada na unidade industrial, sendo a capacidade atual de abate da DAGRANJA de 8.000 frangos/hora em dois turnos de trabalho. É a terceira empresa em capacidade instalada, no Paraná. A transformação industrial da produção está dividida em frangos congelados (75,0%) e frangos resfriados (5,0%). Os cortes especiais com osso e sem osso respondem com 15,0%, e os 5,0% restantes são destinados à industrialização do frango. A capacidade de abate apresenta um nível de ociosidade na ordem de 22,0% em relação à produção efetivada em 1990. Isso ocorreu em função dos aumentos da capacidade instalada após o Plano Cruzado, não havendo o correspondente crescimento no consumo de frango.

Relacionando-se os valores equivalentes à produção de 1990 e as quantidades produzidas, tem-se que os 80,0% de frangos congelados e resfriados que são comercializados representam 60,0% do faturamento da empresa, enquanto os 15% de cortes especiais têm uma participação de 22,0%. Os 5,0% dos industrializados participam com 18,0% do faturamento.

A planta de abate, a industrialização e a fábrica de rações da DAGRANJA são unidades modernas,⁴ dispondo de todos os

⁴As características modernas dessas unidades foram constatadas na pesquisa: IPARDES-FUNDAÇÃO EDISON VIEIRA. Complexo de produção de proteína animal do Paraná : documento síntese. Curitiba, 1989.

equipamentos, operando com um grau de verticalizaçã⁵ em idênticas condições às demais grandes indústrias do setor.

A partir dessas informações, considera-se que essa unidade industrial não possui defasagens tecnológicas que possam estar interferindo no lucro da empresa e que possam justificar uma remuneração menor aos integrados.

3.2 RELAÇÃO DA DAGRANJA COM OS PRODUTORES RURAIS INTEGRADOS

No conjunto das grandes plantas que atuam no Paraná e participam do mercado do frango, a DAGRANJA é a única que não tem outras empresas ou outros investimentos no Brasil. Nesse caso, a empresa coincide com a unidade de abate e as atividades complementares, como a fábrica de rações, incubatório/matrizeiro, que respondem às necessidades dessa unidade industrial.

Deve-se ressaltar a importância do crédito agrícola, farto e barato, permitindo o financiamento⁶ das instalações (aviário e equipamentos) dos produtores rurais integrados até 1984. A partir daí, encerram-se esses benefícios.

Atualmente o custo de um aviário com equipamentos para alojar 6.000 frangos, no modelo mais simples, está custando 18.000 dólares, a preço de dezembro de 1990, o que representava Cr\$ 3.000.000,00.

Esse valor pode ser considerado um desembolso alto para o nível de capitalização da maioria dos pequenos agricultores

⁵Essa unidade industrial dispõe ainda de um alto grau de racionalidade no processo de aproveitamento dos resíduos do frango - sangue, penas, carcaças, das quais são extraídos os filés. Tudo isso é processado numa unidade industrial e obtém-se uma farinha de resíduos que, posteriormente, é misturada na ração que alimenta os frangos.

⁶Informação obtida junto ao departamento de fomento da DAGRANJA S.A. Até 1983 tinham sido financiados 225 aviários do Sistema Nacional de Crédito Agrícola.

da região.⁷ Entretanto, a empresa parece desfrutar de uma posição muito tranqüila. No final de 1990, ao criar cinco vagas para novos integrados, o número de inscrições de interessados atingiu 50 produtores, ultrapassando em muito as necessidades da empresa que não oferecia qualquer ajuda, tanto financeira como de intermediação para o financiamento bancário. Isso pode indicar uma mudança no perfil do produtor integrado na região. Ou seja, estão sendo atraídos produtores rurais que possuem um nível de capitalização e podem pagar tais custos, ao contrário daquele integrado que ingressou antes de 1984, quando foi possível utilizar o crédito agrícola subsidiado.

No meio rural, a procura por novas atividades nas quais onde o tempo de trabalho é reduzido e a renda é proporcionada num período menor de tempo, têm criado expectativas nos produtores rurais, por tratar-se de atividades que requerem somente o investimento inicial. Mesmo representando, na maioria dos casos, um custo inicial alto, principalmente para aqueles produtores com nível baixo de capitalização, essas atividades de integração se apresentam como novas opções de investimento. Como se observou no caso da DAGRANJA, os produtores têm mostrado interesse e financiado com capital próprio os investimentos iniciais, que são: construção do aviário e compra dos equipamentos usados na criação do frango.

O aporte de capital bancado pelo integrado, no caso, está estimado para um aviário de 6.000 frangos, o que a indústria gasta no custeio de três lotes de frangos prontos para o abate de igual magnitude. Ou seja, em dezembro de 1990, um

⁷Segundo diagnóstico preliminar do Programa Paraná Rural - Sub-Programa de Apoio ao Produtor Rural, os estabelecimentos da região com menos de 50 ha não conseguem obter uma renda líquida suficiente para a intensificação ou ampliação da produção rural.

aviário abrigando essa quantidade de frangos custava 18.000 dólares, que é o preço também de três lotes de 6.000 frangos no atacado.

Nesse sentido, o custeio do lote de frango, bancado pela integradora, acaba sendo o elemento principal de atração do investimento inicial do produtor rural, que tem, ainda, a perspectiva de obter uma renda num menor tempo, quando comparado ao tempo médio de retorno que as demais atividades da agricultura oferecem (tempo vinculado às safras, isto é, de em média 150 dias).

Vale observar, entretanto, que o custo da mão-de-obra não é adiantado pela integradora junto com o custeio da ração, pintos, vacinas, etc. Esses custos são de responsabilidade do integrado, mesmo quando este usa trabalho assalariado.

A atividade maior do produtor integrado é administrar o ciclo biológico. A partir do lote de frangos entregue pela integradora, um custo de criação (ração + pintos + vacinas + mão-de-obra) representa, em média, 70% do preço entregue pela indústria no atacado.

Comparando-se a atividade avícola com outros produtos que mantêm uma relação de integração, principalmente sericicultura (bicho-da-seda) e citricultura, a diferença maior está em relação ao investimento inicial, que nessas atividades tem maior peso do que na criação de aves. Assim, na atividade avícola, o custeio é que assume a maior fatia, quando comparado aos gastos com investimentos realizados.

Outra consideração em relação à procura de nova atividade é o uso, pelo produtor, de uma pequena área onde vai estar localizado o aviário, no máximo 1.000 m² por aviário, para

abrigar 12.000 frangos. Pode, além disso, fazer o aproveitamento do esterco gerado pela cama do frango que, ao ser incorporado à terra, permite maiores rendimentos dos produtos agrícolas que cultiva ou, ainda, a possibilidade de vendê-lo como adubo orgânico.

A análise da integração dos produtores à indústria exige, entretanto, uma reflexão sobre o que está ocorrendo nessa relação.

A questão principal que permeia a relação de integração diz respeito à baixa remuneração⁸ que o integrado recebe, tanto pelo trabalho realizado na atividade como pela participação enquanto um pequeno investidor (em aviários e equipamentos).

A proposta inicial que orienta a análise da indústria é de mostrar em que medida a verticalização da unidade industrial - gerando subprodutos do frango, com os respectivos aumentos na geração de valor - reflete sobre os rendimentos recebidos pelo produtor rural, com a integração.

Analisando-se o caso da DAGRANJA, observa-se que a situação apresentada é diferente da hipótese indicada. A trajetória da empresa inicia-se com as atividades no abate e comercialização do frango inteiro. Atualmente, além dos cortes simples e filés, mantém uma industrialização diversificada de subprodutos, ampliando assim as atividades e as margens de lucros. Isso, no entanto, não significou repasse aos preços pagos pela matéria-prima frango. O que ocorreu na DAGRANJA foi um processo de diferenciação dos produtores integrados, segundo a qualidade

⁸Segundo resultado de pesquisa, com base nas planilhas de custos de uma associação de produtores integrados e da Secretaria da Agricultura e Abastecimento do Paraná, realizada pelo IPARDES, em 1989, os produtores integrados participam com 5% dos custos, recebendo como remuneração apenas 0,09% em relação ao valor do lote de frango entregue à indústria. (IPARDES, p.17).

do lote entregue, oferecendo rendimentos superiores para aquela parcela de produtores considerada como bem sucedida na atividade, representando um benefício que atinge menos de 10% do total de integrados.⁹

Entretanto, os produtores integrados entrevistados não parecem estar cientes de que pelo processo de diversificação industrial do frango haveria a possibilidade de receberem resultados melhores. Para eles, a referência que serve como comparação dos ganhos, nessa integração, é o montante do valor gerado por lote de frango destinado à empresa e o que recebem como parceiro dos resultados. Esse ainda é o ponto central do conflito.

O diretor superintendente da DAGRANJA, ao se referir à relação entre os produtores e a integradora, expressa a seguinte preocupação: é necessário rever os conceitos da integração. Até o momento, as decisões ficaram muito com a empresa. É preciso envolver mais o produtor integrado. Tem que haver um repasse maior de lucros para o produtor.¹⁰

O discurso da integradora, favorável a um maior entendimento com os produtores integrados, parece não se sustentar quando estes decidem iniciar um movimento para a formação de uma associação, com vistas à defesa dos interesses comuns. Além das dificuldades práticas em se reunirem, devido à atomização tanto no município como fora dele, sofrem ainda um boicote por parte da integradora, principalmente no caso das lideranças, pela redução dos lotes de frangos. A visão da empresa, ao que parece, é assegurar um sistema de remuneração individual, se-

⁹Maiores detalhes análise dos produtores integrados serão apresentados na sequência do capítulo.

¹⁰Entrevista realizada em dezembro de 1990, com o sr. Gilberto Luiz Koppe - Diretor Superintendente da DAGRANJA.

gundo os resultados obtidos com a criação do frango.

Esse sistema de remuneração individual substitui uma outra forma de remuneração, adotada no início da atividade da DAGRANJA. Naqueles anos de implantação e consolidação da produção integrada, a indústria realizava a socialização das perdas e dos ganhos com a atividade, com vistas a diminuir o impacto sobre os integrados. Assim, a indústria remunerava a produção integrada pela média de lotes de frangos entregues por semana. Aqueles produtores que haviam obtido melhores resultados no processo criatório dividiam os lucros com aqueles produtores que tivessem obtido resultados insatisfatórios. Esse sistema se manteve por um período de três anos consecutivos.

A partir de então, passa a vigorar a remuneração individual por lote de frango entregue, e o integrado passa a ser penalizado pela baixa qualidade do lote criado, sem ter o direito de questionar ou atribuir qualquer falha à empresa integradora.

Nas entrevistas realizadas, os integrados da DAGRANJA, levantam uma série de dúvidas quanto aos critérios usados pela indústria - taxa de conversão alimentar, tempo de permanência do lote no aviário, mortalidade dos frangos - para determinar o preço pago aos produtores por quilo de frango. Afirmaram que tais critérios não são os ideais para avaliar a qualidade do lote. Dizem, por exemplo, que o desempenho de um lote criado no verão é muito melhor do daquele criado no inverno, por apresentar pouca mortalidade, e que muito pouco podem fazer para que a mortalidade não ocorra, em alguns casos.

Um segundo problema apontado por eles está na qualidade da ração usada na integração, que parece oferecer resultados diferentes em lotes criados em condições idênticas. Constatou-

se que a indústria, em determinados momentos, altera a composição da ração em função dos custos de determinadas matérias-primas. A ração, composta por uma mistura químico-farmacêutica chamada "premix", adequada à genética do frango e estimuladora do crescimento, representa 5% dos custos; os produtos de origem agrícola são responsáveis pelo maior custo. Entre eles, o milho, o mais importante, representa 70%; em segundo lugar, o farelo de soja, 20%; o trigo, triguilho ou outros disponíveis e, em menor proporção, as farinhas de ossos, carnes, etc. representam 5%.

Entretanto, é possível manejar a composição da ração em função dos preços dos insumos. Na entrevista realizada com o gerente do fomento industrial da unidade, ele mencionou que estavam crescendo, à ração, farelos de outros produtos e as farinhas de carne e sangue, reduzindo a quantidade de milho, cujos preços estavam muito acima do previsto por eles.

A indústria não mantém aviários próprios para teste de desempenho de determinada composição de ração e de possíveis alterações pelo uso de novas rações. Isso é realizado nas unidades integradoras, sem o conhecimento prévio ou posterior do produtor. Assim, os resultados obtidos, positivos ou negativos, são conhecidos apenas pela indústria.

A partir dessas informações, pode-se deduzir que a integradora tem um grau de autonomia que lhe permite realizar o que lhe convier, frente ao produtor integrado. Este dificilmente exerce qualquer controle sobre a quantidade e a qualidade dos insumos que recebe e do produto que entrega, dependendo, portanto, dos resultados apurados pela empresa.

A integradora, por sua vez, dispõe de todas as informa-

ções sobre a produção entregue. Estas são coletadas na forma de relatórios de acompanhamento da produção, pelos técnicos de campo, feitos no mínimo uma vez por semana. Os produtores integrados, nessas ocasiões, têm pleno conhecimento do que está sendo relatado. A partir desses dados antecipados, a integradora e mesmo os integrados já têm um indicativo da qualidade do lote de frangos entregues.

Além disso, a integradora fornece aos integrados uma planilha com todos os detalhes suficientes para prestação de contas que realiza através do Resultado de Produção de Aves (RPA), reproduzido na tabela 7. Evidentemente que a maioria dos produtores não domina os cálculos, principalmente os índices de rendimento que, segundo seu depoimento, envolvem "mistérios" que eles não entendem.

Com o objetivo de comparar resultados, foram selecionados três produtores integrados, que receberam pintos de um mesmo lote, ração com a mesma composição e tempo idêntico de permanência dos frangos no aviário.

Através da tabela 7, procura-se mostrar os principais itens que compõem a planilha de custos e os resultados apresentados de três produtores integrados nos diferentes níveis de classificação da DAGRANJA. A questão que se coloca é: por que lotes em iguais condições apresentam resultados econômicos tão diferentes?

Pela visão da empresa, os resultados diferentes para o mesmo tipo de lote de frangos são de responsabilidade do produtor e indicariam descuidos com a água ou comida, com o controle da temperatura do aviário nos primeiros dias, com as campânulas de aquecimento e com as cortinas que regulam a ventilação e a temperatura do aviário.

TABELA 7 -RESULTADOS APURADOS NA CRIAÇÃO DO FRANGO POR NÍVEL DO PRODUTOR INTEGRADO À DAGRANJA, SEGUNDO PRINCIPAIS ITENS, NO PARANÁ - DEZEMBRO 1990

PRINCIPAIS ITENS	PRODUTOR		
	Integrado 1 - Nível Regular	Integrado 2 - Nível Bom	Integrado 3 - Nível Ótimo
Data de ingresso do frango no galpão	08.11.90	09.11.90	09.11.90
Sexo do frango	Misto-Macho/Fêmea	Macho	Macho
Pintos recebidos	7.398	7.452	6.485
Ração: inicial	8.810kg	9.020kg	8.850kg
final	11.970kg	12.140kg	11.890kg
TOTAL	20.780kg	21.160kg	20.740kg
Ração total por frango	2,988kg	3,006kg	3,122kg
Aves mortas durante o ciclo criatório	443	413	201
Aves prontas p/ abate	6.975	7.050	6.650
Aves mortas no transporte	20	21	6
Data do abate	18.12.90	18.12.90	18.12.90
Idade	39 dias	38 dias	38 dias
Peso total abatedouro	10.140kg	10.900kg	11.520kg
Conversão alimentar	2,05kg	1,94kg	1,80kg
Peso médio por frango	1,458kg	1,549kg	1,734kg
Índice de mortalidade(1)	5,99%	5,54%	2,94%
Índice de viabilidade(2)	94,01%	94,46%	97,06%
Índice de crescimento(3)	37,38%	40,75%	45,63%
EEF (Efficiency European Food)* (4)	1.720	1.980	2.460
Índice de relação à conversão(5)	1,543	2,023	2,720
Preço base(6)	Cr\$ 6,00	Cr\$ 5,90	Cr\$ 5,90
Preço por quilo(7)	Cr\$ 9,26	Cr\$ 11,92	Cr\$ 16,05
TOTAL recebido pelo produtor por lote de frango entregue	Cr\$ 110.101,40	Cr\$ 129.928,00	Cr\$ 190.154,40

FONTE: Faturas de prestação de contas - Resultado de Produção de Aves - RPA - DAGRANJA Agroindustrial S.A

* Índice de Eficiência Europeu

(1) Índice de mortalidade = n° de aves mortas : n° de pintos recebidos

(2) Índice de viabilidade = n° de aves para o abate : n° de pintos recebidos

(3) Índice de crescimento = Peso médio do frango : idade do abate

(4) EEF = índice de crescimento x índice de viabilidade : Taxa de conversão alimentar

(5) Tabela de cálculo da empresa, que não permite sua divulgação

(6) O preço base é estipulado pela empresa, sendo reajustado pelo índice de inflação oficial. A empresa o coloca como referência, pois é o menor preço. O integrado que não atinge esse preço mínimo, tem prejuízo no lote de frango que está sendo entregue

(7) O preço por quilo é determinado pelo índice em relação à conversão e este é multiplicado pelo preço base

Os produtores integrados, entretanto, dizem que costumam cumprir todas as tarefas determinadas pela empresa e colocam a responsabilidade pelos maus resultados do lote de frangos na baixa qualidade da ração usada. Na realidade o que se constatou em campo foi que os produtores considerados ótimos raramente têm um desempenho apenas regular, segundo a empresa; os que são considerados regulares não conseguem sair dessa condição, e os produtores considerados bons tendem mais a apresentar um desempenho regular do que alcançar o nível ótimo.

A empresa, ao que parece, não tem conseguido aumentar o número de produtores de nível ótimo, que seriam para ela os produtores ideais, por responderem ao padrão técnico adequado.

A produção de frangos exige cuidados especiais, que na maioria das vezes são ignorados pelo produtor integrado habituado a modos de produção tradicionais. A atividade exige, por exemplo, bastante disciplina no trabalho - imposta por esse processo intensivo de criação - que vai refletir no resultado dos índices de eficiência dos lotes. A maioria dos integrados, contudo, oferece uma resposta pequena a esses mecanismos de controle e avaliação, porque não conseguem ter o domínio de como funcionam.

As informações da tabela 7 mostram o quanto é importante obter bons resultados em todas as etapas do processo criatório, pois os índices que vão definir o resultado econômico do lote serão definidos no decorrer de todo o processo, para compor o índice maior EEF (Índice de Eficiência Europeu). Esse índice vai apontar o grau de conversão alimentar, que será multipli-

cado pelo preço base,¹¹ resultando, assim, no preço por quilo de frango que a integradora pagará ao integrado.

Alguns trabalhos sobre avicultura¹² indicam uma tendência à especialização da atividade avícola, na qual todos sofrem um processo de exploração intenso. Nesse sentido, o movimento do capital em direção à avicultura industrial tem contribuído para o aparecimento do trabalhador especializado em domicílio, obtendo assim uma remuneração pelo trabalho muito próxima do salário mínimo. Essa remuneração era entendida pelos autores como um assalariamento disfarçado, devido aos baixos rendimentos ganhos com essa atividade. Os valores apresentados na tabela 7 indicam resultados bem diferentes dos obtidos naqueles trabalhos, e que estavam próximos ou até abaixo do salário mínimo. Isso não ocorre entre os integrados da DAGRANJA, como se pode ver. É preciso, evidentemente, descontar dos valores considerados como mão-de-obra alguns outros custos que estão aí incluídos. Em números percentuais, os custos médios,¹³ segundo planilha simplificada da Organização das Cooperativas do Estado do Paraná, estariam distribuídos da seguinte forma: mão-de-obra e remuneração do capital investido - 55%; depreciação e seguro - 20%; energia elétrica - 10%, gás (GLP) - 10%; eventuais - 5%. A dúvida persiste. Como explicar resultados tão diferentes para lotes de frangos semelhantes?

¹¹A diferença em relação ao preço básico de Cr\$ 0,10 é regulado para cobrir o diferencial de frete pela distância acima de 50 km do abatedouro.

¹²SORJ, Bernardo, POMPERMAYER, Marlon J.; CORADINI, Odacir Luiz. Camponeses e Agroindústria: transformação social e representação política na avicultura brasileira. Rio de Janeiro. Zahar, 1982. RIZZI, Aldair T. O capital industrial e a subordinação da pequena produção agrícola: o complexo avícola no sudoeste Paranaense. Curitiba, 1984. 200p. Dissertação (Mestrado) UFMG.

¹³Tanto a empresa como os produtores entrevistados foram pouco precisos ao darem informações sobre outros custos, além da mão-de-obra.

Pode-se afirmar, a partir das informações obtidas neste estudo, que os três produtores integrados aqui comparados são avicultores especializados, embora apresentem um grau de diferenciação interna, na apropriação dos rendimentos da avicultura, que não é explicado por uma maior capacidade financeira, pois os três são pequenos produtores com um nível semelhante de condições produtivas.

O que distingue esses avicultores podem ser os diferentes graus de disciplina em seus trabalhos. Desse modo, a indústria estaria induzindo, além da especialização no produto frango, uma disciplina, no trabalho, até aqui ignorada na maioria das atividades agrárias. Essa nova atividade, com o nível de concentração exigido, estaria promovendo um desenvolvimento de habilidades parciais, reduzindo ou sufocando um universo amplo de atividades que são realizadas normalmente pelo produtor agrícola, que é obrigado, para obter bons resultados, a concentrar todos os esforços na produção do frango.

Essa disciplina no trabalho avícola está representada, na indústria DAGRANJA, no segmento de produtores classificados como de nível "ótimo" e que atualmente representam 15,0% no total dos produtores integrados. No nível médio estavam 75,0% e os restantes 10,0% são os integrados de nível regular.

As vantagens, para a indústria, em ter um produtor classificado como "ótimo", podem ser observadas na tabela 8. O integrado de nível "ótimo", mesmo recebendo uma remuneração maior, produz um lote com custo menor, se comparado com os custos de produção de outros níveis. Em relação aos produtores com níveis "bom" e "regular" ocorre um comportamento diferente. Embora apresentem um menor custo da mão-de-obra, têm o custo

global do lote maior. Em qualquer um dos casos, todavia, os custos apresentam-se acima do custo médio previsto pela empresa.

TABELA 8 - PRINCIPAIS CUSTOS NUM LOTE DE FRANGO POR NÍVEL DE PRODUTOR INTEGRADO À DAGRANJA, NO PARANÁ - DEZEMBRO 1990

ITENS SELECIONADOS	PRODUTOR INTEGRADO					
	Nível Ótimo		Nível Bom		Nível Regular	
	Quantidade (kg)	Valor* (Cr\$)	Quantidade (kg)	Valor (Cr\$)	Quantidade (kg)	Valor (Cr\$)
Ração inicial	8.850	311.431,50	9.020	317.413,80	8.810	310.023,90
Ração final	11.890	414.723,20	12.140	423.443,20	11.970	417.513,60
Pintainhos	6.845	136.900,00	7.452	149.040,00	7.398	147.960,00
Mão-de-obra	-	190.154,40	-	129.928,00	-	110.101,40
Custo do lote	-	1.053.209,10	-	1.019.825,00	-	985.598,90
Valor do lote	-	1.555.200,00	-	1.471.500,00	-	1.368.900,00
Percentual do custo de mão-de-obra		12,22		8,82		8,04
Percentual do custo do lote		67,72		69,30		72,00

FONTE: Resultado de produção de aves - RPA - DAGRANJA Agroindustrial - Dezembro 1990

*Custo por quilograma de ração inicial Cr\$ 35,19, ração final de Cr\$ 34,88, os pintos Cr\$ 20,00 a unidade. O preço do quilo do frango no atacado era de Cr\$ 135,00 o quilo

OBS.: O período de tempo do lote de nível regular foi de 39 dias; para o nível bom e ótimo foi de 38 dias
 - O valor do lote é resultado da quantidade em toneladas obtida por lote nos três níveis e multiplicada pelo preço por quilo de frango no atacado
 - O percentual do custo de mão-de-obra por lote de frango é resultado da divisão do item mão-de-obra pelo valor do lote
 - O percentual do custo do lote é resultado da divisão do custo do lote pelo valor do lote

A integradora admite um custo médio por lote, em termos percentuais, de no máximo 65,0% em relação ao custo total. Obviamente inclui a mão-de-obra, que deve permanecer com um custo variável entre um mínimo de 6,0% e um máximo 10,0% por lote de frango.

Em relação ao custo da mão-de-obra, cabe observar que esses valores variam bastante. Esta é a questão mais polêmica, quando discutida com os técnicos da integradora. Entretanto, foi possível captar, através das entrevistas, que o custo ótimo para a indústria, por lote de frango, seria aquele que atingisse 60% em relação ao quilo do frango congelado comercializado, incluindo a mão-de-obra.

Todavia, os resultados apresentados na tabela 8 mostram

que a empresa está tendo dificuldades em cumprir inclusive o limite de 65%. As condições que poderiam promover uma redução nesses custos não são identificadas.

A preocupação da empresa, por outro lado, parece não caminhar nesse sentido. Observa-se que o custo percentual da remuneração do integrado de nível "ótimo" (12,22%) está acima do coeficiente máximo admitido para esse item dos custos, que é de 11%.¹⁴ Portanto, contrariando a intenção explicitada acima, podem esses preços estar servindo como estímulo para melhorar a qualidade dos lotes de frangos, o que obviamente beneficiaria a empresa, mas não da maneira desejada pelos técnicos, que objetivam, melhor qualidade com custos mais baixos.

Diante disso, como se comportam as margens brutas de lucro da empresa? É necessário, para tanto, apurar quais as margens de lucro dos produtores integrados e dos abatedouros. A DAGRANJA não forneceu os custos industriais, mas, segundo os técnicos¹⁵ da área, uma planta grande tem como parâmetro de custo o preço do quilo do milho no atacado - que deve representar, no máximo, 5,6kg de milho por quilo de frango abatido. Numa planta média e pequena este custo representa 7,0 kg de milho por quilo de frango.

Entretanto, nem sempre o milho influencia diretamente os preços.¹⁶ Em outubro de 1990, o quilo do frango custava Cr\$ 145,13; em dezembro caiu para Cr\$ 135,00 o quilo. O milho, o principal insumo da avicultura, não apresentou queda no ataca-

¹⁴Ver página 28.

¹⁵Informações levantadas junto aos técnicos da Secretaria da Agricultura do Paraná e do Banco de Desenvolvimento do Extremo-Sul - BRDE (fevereiro de 1991).

¹⁶Os preços considerados são extraídos de uma média de preços para o Estado do Paraná, divulgados pela Secretaria de Estado da Agricultura - dezembro de 1990.

do. Ao contrário, o quilo custava, em outubro, Cr\$ 13,36, e em dezembro passou a custar Cr\$ 21,85.

Conforme já se observou no capítulo 2, com relação à paridade dos preços das carnes, a queda dos preços na carne bovina pressionou para baixo o preço da carne de frango. No mesmo período mencionado no parágrafo anterior, a carne bovina apresentou queda, no atacado, de Cr\$ 256,18 para Cr\$ 253,66 por quilo.

A evolução do preço do milho vai representar para a avicultura uma elevação de custos, deixando margens muito pequenas ou até mesmo prejuízos para os pequenos e médios abatedouros, enquanto os grandes já não sofrem o impacto direto desses custos devido à formação de estoques de insumos que, no caso da DAGRANJA, são antecipados em 60 dias.

Apesar das dificuldades de previsão, típicas das atividades agropecuárias - no caso particular da avicultura relacionada aos custos do principal insumo, o milho -, levantou-se uma estimativa de custo da atividade, tendo em vista a elaboração de um padrão de custo.

Considerou-se para tanto a estrutura de custo de duas cooperativas que mantêm abatedouros, o custo da integração avícola das duas empresas pesquisadas - DAGRANJA e FRIGOBRÁS -, os custos estimados pela Organização das Cooperativas do Paraná e pela Secretaria de Agricultura do Paraná, constituindo-se, a partir deles, uma estrutura-padrão de custos do frango de corte, considerando valores de dezembro de 1990 em cruzeiros, para um quilo de frango:

- a) custo da indústria no abatedouro: salários 50,0%, energia elétrica 7,0%; encargos financeiros 5,0%; depreciações 8,0%, outros custos 30,0%, total = 100%;

b) custo da indústria na produção rural: pintos de 1 dias 25,0%; ração balanceada 70,0%; vacinas 1,0%, assistência técnica 4,0%; total = 100,0%.

c) custo do produtor rural integrado: depreciações 16,0%, remuneração do capital investido 36,0%; seguro 2,0%, aquecimento 13,0%, energia elétrica 12,0%; mão-de obra 21,0%; total = 100,0%.

No conjunto, o custo global da indústria, representado nos itens a, b e c, explicitados acima, vão estar distribuídos em: 29,0% no abatedouro, 60% na produção rural e 11,0% com o produtor rural.

Essa composição de custos, em dezembro de 1990, indicava que um quilo de frango abatido e limpo tinha um custo de Cr\$ 112,40,¹⁷ enquanto os cálculos pelo custo do milho (5,6 kg de milho por quilo de frango x Cr\$ 21,85 preço do milho no atacado) se elevaria para Cr\$ 122,36 o quilo do frango. O preço médio do frango vendido no atacado no Paraná era de Cr\$ 135,00.

As oscilações que ocorrem, tanto nos preços como nos custos, e a falta de informações sobre os custos reais da integradora, impõem uma comparação do custo padrão com os custos efetivos registrados e pagos através do acerto na produção de aves. Como se observou pela tabela 8, o percentual de custo da mão-de-obra (12,22%) ultrapassou o limite indicado na produção (11,0%) considerada ótima.

Nos dois outros tipos de classificação dos avicultores, os custos de mão-de-obra mantiveram-se abaixo desse limite. Em relação ao custo do lote de frango na DAGRANJA, está bem acima do limite estimado no custo padrão.

¹⁷Esse custo médio por quilo de frango tem por base os seguintes custos: o consumo de ração, vacinas e assistência técnica, Cr\$ 67,44, custo do abatedouro Cr\$ 32,60; custo com o produtor integrado Cr\$ 12,36.

Pode-se, assim, constatar um desequilíbrio entre a estrutura de custo atual da DAGRANJA com aquele baseado no custo padrão médio levantado para os três grandes itens propostos - abatedouro, produção rural e produtor integrado -, os quais mostram que está sendo ultrapassado esse limite em relação à produção rural nos três lotes analisados (tabela 8). Com isso, há uma redução nas margens de lucro da indústria no abatedouro e possivelmente há também uma interferência nos rendimentos do produtor rural integrado.

A indústria, entretanto, dispõe de vários instrumentos e estratégias para superar essas circunstâncias adversas. O primeiro diz respeito ao barateamento dos insumos, principalmente do milho, reduzindo esse custo através de compras antecipadas da safra do produto. Trabalha-se, assim, com um estoque maior, evitando-se, assim as especulações que possam influir nos custos.

Uma outra estratégia está em aprimorar uma composição de ração que reduza os custos, ainda que isso seja feito com um percentual pequeno de substituição de milho e farelo de soja por outros produtos que estejam com preços inferiores no período.

Além desses elementos que podem reduzir custos da produção rural, a indústria dispõe da verticalização dos subprodutos do frango através dos cortes especiais e da industrialização, incorporando uma maior agregação de valor ao produto e diluindo os custos da matéria-prima rural.

Normalmente, no custo padrão do abatedouro apresentado não são incluídos os ganhos nem os custos dessa produção industrializada. Apesar de não se dispor dos custos em relação a

essa produção, são conhecidos os multiplicadores de ganhos por quilo de frango para cada uma dessas etapas. Assim, a indústria, num determinado momento, até pode apresentar resultados negativos no abatedouro e compensá-los com a industrialização e os cortes especiais que são exportados.

O produtor integrado não recebe um diferencial no frango pela industrialização. O preço é determinado pela indústria, que leva em consideração apenas o frango inteiro. Entretanto, o preço por quilo pago aos integrados não é o mesmo nos vários abatedouros do Estado. Os preços pagos pela DAGRANJA são maiores do que aqueles pagos pela FRIGOBRÁS (Sadia) no mesmo período e com resultados de produção quase iguais, como veremos posteriormente.

3.3 ASPECTOS CONCLUSIVOS

A questão central da análise da integração do produtor rural à agroindústria está ligada aos resultados obtidos pelo integrado nessa relação.

Desde a implantação da avicultura industrial no Brasil, alguns trabalhos de pesquisa têm mostrado que os baixos rendimentos recebidos pelo produtor rural têm sido o ponto de conflito e insatisfação com a atividade.

Levando-se em consideração tal diagnóstico, procurou-se evidenciar, pela pesquisa na DAGRANJA, quais têm sido as principais alterações nesse procedimento de remuneração do integrado, tendo em vista que essas unidades industriais realizaram um amplo processo de diversificação de produtos, através da verticalização da atividade, e que isso poderia melhorar o preço pago pela integradora ao produtor.

Foi possível, num primeiro momento, verificar que a remuneração do produtor integrado à DAGRANJA é satisfatória. Entretanto, quando tocamos o item mão-de-obra, que inclui outros custos, verifica-se que a remuneração do integrado cai. De qualquer modo, no conjunto dos custos alguns são mais flexíveis, possibilitando compensações.

A indústria, por sua vez, realiza uma remuneração diferenciada, segundo o padrão de qualidade obtido por lote de frango. Isso impede o produtor integrado de sonegar determinadas práticas de manejo necessárias à criação e custos essenciais ao bom desempenho da avicultura.

Numa perspectiva mais ampla, a indústria visa especializar a produção para obter resultados melhores, incentivando com uma remuneração maior aqueles produtores que atingem o nível "ótimo" proposto como meta.

O direcionamento imposto a tal processo de racionalização pode implicar numa redução do número de integrados, aumentando o número de aviários daqueles considerados eficientes.

Os impedimentos contrários seriam, de um lado, os riscos de grandes produções concentradas numa mesma unidade agrícola e, de outro, uma organização de poucos produtores, que tenderiam a pressionar a integradora por melhores condições na integração.

A DAGRANJA está situada numa região de pouco dinamismo na agricultura. A avicultura tem atraído um número de produtores rurais maior do que a agroindústria tem absorvido normalmente. A criação de frangos representa, portanto, para os produtores selecionados, a fonte principal de rendimentos.

A questão é como conciliar uma tendência à especialização, determinada pelo processo de racionalização da indústria - que implica redução do número de integrados -, com a necessidade de gerar, no campo, atividades adequadas aos pequenos produtores. Esse novo modelo produtivo, delineado pela avicultura, pelo fato de necessitar de pequena disponibilidade de terra e ter o custeio do ciclo produtivo financiado pela indústria, facilitaria a inserção do pequeno produtor e lhe ofereceria uma renda monetária regular.

3.4 CARACTERIZAÇÃO DA EMPRESA COMPANHIA BRASILEIRA DE FRIGORÍFICOS - FRIGOBRÁS

A empresa faz parte do grupo Sadia e iniciou suas atividades no Paraná com a pecuária de suínos, em 1964, adquirindo o controle acionário do Frigorífico Pioneiro, localizado em Toledo, no Paraná, naquela época denominando-se Sadia - Concórdia Ltda. A partir de 1971, a razão social é mudada para FRIGOBRÁS e, depois de 1988, por mudança estatutária, passou a ser a matriz do grupo FRIGOBRÁS.

O grupo Sadia é líder no mercado nacional de carnes e derivados de suínos e aves. A FRIGOBRÁS ocupa o segundo lugar, depois da Sadia-Concórdia. Sua área de atuação se estende por São Paulo, com unidade industrial de embutidos; possui plantas de esmagamento e refino de óleo de soja, no Paraná; posto de compra de cereais no Paraná, Mato Grosso do Sul e Mato Grosso, e fábrica de rações e terminal portuário em Paranaguá.

Iniciou a integração de produção do frango com 200 produtores, em 1979, e com uma capacidade instalada de abate de 8.000 frangos hora. Em dezembro de 1990 era o maior abatedouro do Paraná com capacidade de abate de 13.000 frangos/hora, em dois turnos.

Em 1990 o número de integrados era de 585, sendo entretanto menor que em 1987 quando atingiu o número máximo, crescimento motivado pela euforia do Plano Cruzado em 1986 (tabela 9). Mesmo tendo sofrido redução no número de integrados, a produção cresceu, no ano de 1990.

Ainda que essa queda no número de produtores possa revelar uma tendência à especialização no processo criatório, a FRIGOBRA'S apresenta particularidades, nessa relação de integração, que acabam sendo mais definidoras que aquela tendência.

TABELA 9 - NÚMERO DE PRODUTORES INTEGRADOS À FRIGOBRA'S
POR PRODUÇÃO DE FRANGOS E PRODUÇÃO MÉDIA IN-
TEGRADO/ANO, NO PARANÁ - 1980 A 1990

ANO	NÚMERO DE PRODUTORES INTEGRADOS	NÚMERO DE FRANGOS PRODUZIDOS	PRODUÇÃO MÉDIA/ ANO DE FRANGOS P/ PROD. INTEGRADO
1980	289	17.400.000	60.207
1981	347	21.000.000	60.518
1982	373	25.000.000	67.024
1983	374	29.000.000	77.540
1984	386	31.000.000	80.310
1985	409	33.200.000	81.173
1986	419	36.080.000	86.109
1987	588	41.200.000	70.068
1988	588	39.670.000	67.465
1989	586	41.560.000	70.680
1990	585	42.000.000	71.795

FONTE: Pesquisa de Campo

A redução do quadro de integrados da FRIGOBRA'S pode estar refletindo um grau de insatisfação muito grande dos integrados, constatado na pesquisa de campo, com relação aos rendimentos obtidos ao final de cada ciclo. Esses rendimentos são em média 50% inferiores, se comparados aos oferecidos pela DAGRANJA, por um mesmo lote de frango.

Constatou-se, ainda, que o Banco do Brasil - agência Toledo estava propondo um financiamento de 100 novos aviários

na região, com aval da FRIGOBRÁS. A sondagem realizada com alguns produtores expressa o desinteresse de sua maioria, devido ao baixo nível de remuneração da atividade e à ausência de qualquer subsídio para essa implantação.

Mesmo sem a construção desses novos aviários, existe uma capacidade ociosa nos já existentes. Atualmente existem 585 produtores integrados e 790 aviários funcionando. A maioria dos produtores possui um único aviário, mas há integrados com dois, três e até quatro, podendo produzir até 47.000.000 frangos/ano, ou seja, 11,4% acima da atual produção. A construção dos novos aviários aumentará a capacidade instalada para a produção de 6.000.000 de frangos/ano, estimados em 5 lotes/anos por novo aviário, ampliando assim a capacidade ociosa dos mesmos.

Na perspectiva da indústria essa expansão da capacidade ociosa é satisfatória, pois os custos de instalação não são bancados por ela. Além disso, quando há declínio da produção, como se observa atualmente, utiliza-se dessa capacidade para aumentar ou intensificar a produção daqueles integrados interessados, o que é usado como instrumento de pressão sobre os produtores que deixaram de produzir, por imaginarem que numa situação de escassez a indústria negociaria melhores preços.

É interessante observar que a FRIGOBRÁS não trabalha no sentido de especializar o produtor em avicultura ou suinocultura, já que as condições gerais de produção da área onde está localizado o aviário são altamente favoráveis para a produção de produtos agrícolas e outros produtos pecuários. É comum encontrar o integrado à criação do frango também integrado à do

suíno, já que os integrados à suinocultura são em número superior aos do frango. Há, ainda, integrados ligados à pecuária de leite ou com lavouras de soja e trigo.

Os municípios de atuação da FRIGOBRAS, na integração do frango, estão localizados numa das microrregiões mais dinâmicas do Estado, o Extremo Oeste Paranaense (mapa 3). Nesta área concentram-se as melhores terras do Estado, tanto em fertilidade como em topografia, áreas propícias ao desenvolvimento agrícola.

Nesse sentido, essas regiões possuem todas as condições para um crescimento acelerado das áreas de lavouras temporárias dinâmicas, através do uso da mecanização e insumos químicos. Esse movimento de modernização agrícola, entretanto, reduzir o número de estabelecimentos agrícolas, principalmente os pequenos, provocando um aumento no número das áreas médias e dos estabelecimentos maiores (tabela 10).

Essa tendência, apresentada na tabela 10, evidencia uma situação diferente daquela apresentada na área da DAGRANJA, onde existe uma reversão do quadro observado na década de 70, apresentando para 1985 um número de estabelecimentos e áreas médias muito próximo ao de 1970. Na área da FRIGOBRAS, ao contrário, a redução no número de estabelecimentos continua em 1985, no estrato menor de 10 ha. Essa região é favorecida pelas condições de produção - fertilidade, topografia, intensiva mecanização proporcionada pela concentração fundiária - e vem sofrendo transformações permanentes na base técnica da agricultura, refletindo sobre a produção agrícola dinâmica, expressa principalmente em dois produtos - soja e trigo.

**MAPA 3 - MUNICÍPIOS DO PARANÁ ONDE A COMPANHIA
BRASILEIRA DE FRIGORÍFICOS-FRIGOBRÁS MANTÉM
PRODUTORES RURAIS INTEGRADOS - 1990**

The map displays the outline of the state of Paraná, Brazil, divided into its constituent municipalities. A specific cluster of municipalities in the western part of the state is highlighted with a cross-hatched pattern. These municipalities are labeled as follows:

- Terra Roxa
- Palotina
- Santa Rosa
- Marechal Cândido Rondon
- Rio Negro
- Santa Helena
- Toledo
- Cafelândia
- Maralva
- Repinha

At the bottom left corner, there is a source attribution: "FONTE: CIA BRASILEIRA DE FRIGORÍFICOS-FRIGOBRÁS". At the bottom right corner, there is a logo consisting of a stylized letter 'D' followed by the word "PARQUES" in capital letters.

FONTE: CIA. BRASILEIRA DE FRIGORÍFICOS-FRICOBRÁS
BASE CARTOGRÁFICA - 1980

TABELA 10 - GRUPOS DE ÁREA TOTAL POR ESTRATOS, EM NÚMERO DE ESTABELECIMENTOS E ÁREA, SEGUNDO MUNICÍPIOS* ONDE A FRIGOBRAS POSSUI PRODUTORES INTEGRADOS E TOTAL DO ESTADO, NO PARANÁ - 1970-1980-1985

TOTAL DOS MUNICÍPIOS	TOTAL		MENOS DE 10 HA		10 A MENOS DE 50 HA		50 A MENOS 200 HA		200 A MENOS 500 HA		MAIS DE 500 HA	
	No. Estab.	Área ha	No. Estab.	Área Média	No. Estab.	Área Média	No. Estab.	Área Média	No. Estab.	Área Média	No. Estab.	Área Média
1970												
Municípios c/integração da FRIGOBRAS	43.411	734.632	22.115	4,22	20.871	19,63	1.271	79,81	107	291,35	54	1.355,85
TOTAL do Estado	554.488	14.625.530	295.272	5,33	218.625	20,75	32.127	90,88	5.792	306,08	2.637	1.449,37
1980												
Municípios c/integração da FRIGOBRAS	39.276	886.010	16.770	5,43	13.242	30,39	2.506	85,50	255	289,22	75	1.390,74
TOTAL do Estado	454.103	16.380.332	214.995	5,15	189.900	21,63	37.492	92,70	7.720	307,18	3.805	1.396,92
1985												
Municípios c/integração da FRIGOBRAS	31.682	777.936	13.023	5,03	15.950	21,23	2.204	87,10	260	290,08	90	1.008,33
TOTAL do Estado	466.397	16.698.866	229.015	4,93	186.718	21,72	38.258	93,07	8.232	307,24	4.012	820,30

FONTE: Censo Agropecuário - IBGE

*Inclui os municípios de Assis Chateaubriand, Céu Azul, Mal Cândido Rondon, Matelândia, Medianeira, Nova Santa Rosa, Palotina, Santa Helena, Terra Roxa, Toledo

A capacidade produtiva dessa região é expressiva. Os dez municípios analisados respondiam, em 1980, por quase 25,0% do total da produção de soja do Estado (tabela 11).

TABELA 11 - PRODUÇÃO DE SOJA POR NÚMERO DE INFORMANTES, QUANTIDADE E ÁREA OCUPADA, SEGUNDO TOTAL DE MUNICÍPIOS* ONDE A FRIGOBÉRAS MANTÉM PRODUTORES INTEGRADOS E TOTAL DO ESTADO, NO PARANÁ - 1970-1980-1985

TOTAL DE MUNICÍPIOS	NÚMERO DE INFORMANTES			QUANTIDADE EM t			ÁREA OCUPADA EM HA		
	1970	1980	1985	1970	1980	1985	1970	1980	1985
Municípios c/integração da FRIGOBÉRAS	29.536	25.687	18.441	104.207	1.070.013	707.746	111.434	447.583	353.915
TOTAL do Estado	112.022	97.965	85.624	411.642	4.408.495	4.161.322	395.484	2.075.657	2.079.973
Participação em relação ao Estado	26,36	26,22	21,53	25,31	24,27	17,00	28,17	21,56	17,01

FONTE: Censo Agropecuário - IBGE

NOTA: Os municípios são os mesmos da tabela 10

Apesar dessa participação ter caído, em 1985 ainda é significativa, produzindo 17,0% da produção total do Estado. Essa queda de produção e área de lavoura nas áreas dinâmicas deve-se à queda nos preços desse produto, levando os produtores a substituir esse plantio principalmente pelo plantio do milho, que usa o mesmo padrão técnico. O milho é uma das matérias-primas vinculadas à agroindústria que mais tem se beneficiado por políticas de melhoria de preços,¹⁸ nesse período.

Com relação ao trigo, os municípios analisados mostram uma participação significativa na produção, chegando a representar 31,67% em 1980, em relação à produção total do Estado (tabela 12). A soja mantém a oscilação, caindo sua participação em 1985 para 23,70% mas mantendo, uma porcentagem expressiva.

¹⁸ PARANÁ. Secretaria de Estado da Agricultura. Prognóstico da produção agrícola do Estado do Paraná - 1985. Curitiba, 1985.

TABELA 12 - PRODUÇÃO DE TRIGO POR NÚMERO DE INFORMANTES, QUANTIDADE E ÁREA OCUPADA, SEGUNDO TOTAL DE MUNICÍPIOS ONDE A FRIGOBRA S MANTÉM PRODUTORES INTEGRADOS E TOTAL DO ESTADO, NO PARANÁ - 1970-1980-1985

TOTAL DE MUNICÍPIOS	NÚMERO DE INFORMANTES			QUANTIDADE EM T			ÁREA OCUPADA EM HA		
	1970	1980	1985	1970	1980	1985	1970	1980	1985
Municípios c/integração da FRIGOBRA S	11.204	16.530	12.225	18.028	389.934	559.610	24.167	350.968	258.983
TOTAL do Estado	82.477	37.169	46.142	205.359	1.231.077	2.361.000	250.213	1.135.263	1.228.742
Participação em relação ao Estado	13,58	44,47	26,49	8,77	31,67	23,70	9,65	30,91	21,07

FONTE: Censo Agropecuário - 1986

*Os municípios são os mesmos da tabela 8

O trigo é um produto de inverno, e como tal ocupa áreas da soja. Apesar de condições climáticas favoráveis, que vão influir no rendimento físico do produto, está sujeito às sinalizações de preço do governo, o que explica as variações na produção e na área utilizada.

Em relação à utilização das terras, a agregação de municípios em que atua a FRIGOBRA S mantém uma participação alta das áreas de lavouras temporárias, que em 1980 chegaram a representar 11,90% das áreas de lavouras temporárias no Estado (tabela 13). Outro dado importante se refere às pastagens plantadas, indicando uma intensificação da criação pecuária. Essas características permitem a esses municípios um quase total aproveitamento das áreas na atividade agropecuária, ficando as terras sem uso com um percentual inferior a 10,0% da área total dos estabelecimentos.

O uso agrícola das terras não impediu o surgimento de uma pecuária de pequeno porte com fins industriais, inicialmente de suínos e posteriormente de aves, com expressão na região.

TABELA 13 - UTILIZAÇÃO DAS TERRAS POR PRINCIPAIS USOS SEGUNDO O TOTAL DE MUNICÍPIOS ONDE A FRIGOBRAS MANTÉM PRODUTORES INTEGRADOS ETOTAL DO ESTADO, NO PARANÁ - 1970-1980-1985

TOTAL DE MUNICÍPIOS	LAVOURAS PERMANENTES			LAVOURAS TEMPORARIAS			PASTAGENS NATURAIS			PASTAGENS PLANTADAS			OUTROS USOS*		
	Área em ha			Área em ha			Área em ha			Área em ha			Área em ha		
	1970	1980	1985	1970	1980	1985	1970	1980	1985	1970	1980	1985	1970	1980	1985
Municípios com integração da FRIGOBRAS	29.052	22.094	7.869	312.202	610.928	606.502	6.975	11.557	8.971	100.051	135.714	168.034	252.731	68.619	58.859
TOTAL do Estado	1.306.223	952.320	628.074	3.412.383	5.132.701	5.434.485	1.809.429	1.534.151	1.422.884	2.700.281	3.986.067	4.576.720	4.774.288	3.898.540	3.851.577
Participação em relação ao Estado	2,22	2,32	1,25	9,14	11,90	11,16	,38	,75	,63	3,70	3,40	3,67	5,29	1,76	1,52

FONTE: IBGE - Censo Agropecuário do Paraná - 1970, 80 e 85

*Os municípios são os mesmos da tabela 8

Segundo FLEISCHFRESSER:

O desempenho da avicultura no Extremo-Oeste e Sudeste está diretamente relacionado à agroindústria. Nessa região está instalado um dos maiores complexos agroindustriais produtor de rações e exportador de aves, além de uma cooperativa agrícola de instalação mais recente. O dinamismo dessa agroindústria e sua integração com os produtores agrícolas é fator impulsionador da avicultura.¹⁹

A produção de frango, na área da FRIGOBRÁS, pressionada pela indústria a partir dos anos 80, deixa de ser uma produção de auto consumo para se constituir numa produção avícola industrial. O plantel até então predominante era de aves acima de 2 meses. Nos anos 80 a produção passa a ser especializada. O indicador dessa transformação é a constatação de que a maior parte das aves é criada com prazos inferiores a dois meses (tabela 14), em regime de integração.

A FRIGOBRÁS não permitiu uma pesquisa ampla sobre a unidade industrial, restringindo a entrevista ao setor de fomento agropecuário.²⁰

A unidade industrial é moderna nos vários segmentos que a compõem - abatedouro, fábrica de rações, incubatório-matrizeiro, processo industrial (*nuggets* - carne de frango empanada). Foi uma das primeiras empresas a colocar no mercado nacional um novo produto - empanados de frangos - considerado, a nível industrial, como uma tecnologia de ponta do setor.

¹⁹FLEISCHFRESSER, Vanessa. O capitalismo revela a sua face mais perversa na crise: análise dos dados do Censo Agropecuário 1985. Análise Conjuntural. Curitiba : IPARDES, v.9, n.12, p.9, dez. 1987.

²⁰A empresa colocou uma série de obstáculos realização das visitas. Entre eles a exigência de solicitação formal da visita, conseguida via IPARDES - Fundação Edison Vieira; impedimento de visitas nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro que, segundo a empresa, por serem meses de férias, reduziria o quadro de pessoal disponível da indústria, no acompanhamento da pesquisa; problemas com a inspeção federal, que constituíram o motivo da não-autorização da visita à fábrica e aos outros departamentos.

TABELA 14 - PRODUÇÃO DE AVES POR NÚMERO DE INFORMANTES, TOTAL E IDADE, SEGUNDO MUNICÍPIOS ONDE A FRIGOBRRAS TEM PRODUTORES INTEGRADOS E TOTAL DO ESTADO, NO PARANÁ - 1970-1980-1985

MUNICÍPIOS	GALINHAS E FRANGOS											
	Informantes			TOTAL			Menores de 2 Meses			De 2 Meses e Mais		
	1970	1980	1985*	1970	1980	1985*	1970	1980	1985*	1970	1980	1985*
Assis Chateaubriand	7.249	3.668		338.177	231.852		153.553	96.123		184.624	135.729	
Céu Azul	1.611	1.757		101.971	205.216		42.149	102.427		59.822	102.729	
Mal. Cândido Rondon	5.513	4.888		445.334	1.153.751		155.607	629.059		289.727	524.692	
Matelândia	2.417	2.632		139.951	295.655		57.250	195.229		82.701	100.426	
Medianeira	3.783	3.670		235.072	1.045.372		85.662	794.074		149.410	251.298	
Nova Santa Rosa	-	869		-	310.563		-	250.883		-	59.680	
Palotina	4.158	2.077		304.597	871.963		131.219	686.740		173.378	185.223	
Santa Helena	3.212	3.155		299.071	248.137		117.009	109.888		182.062	138.249	
Terra Roxa	3.121	1.699		171.627	95.276		83.891	29.177		87.736	66.099	
Toledo	6.497	4.490		435.337	2.651.830		174.883	1.910.013		260.454	741.817	
TOTAL Municípios	37.561	28.905		2.471.137	7.109.615		1.001.223	4.803.613		1.469.914	2.306.002	
TOTAL do Estado	433.932	331.595	316.254	26.254.246	45.910.417	57.489.776	10.736.640	21.101.273	34.195.316	15.517.606	24.809.144	23.294.460

FONTE: IBGE

*Não foi divulgado essa informação por município

A industrialização dos subprodutos de frangos representa uma agregação de valor. Como já vimos, o preço do quilo de frango multiplica-se por quatro. Isso, no entanto, não representou ganhos adicionais aos produtores integrados, ou seja, os preços pagos aos produtores não foram alterados em decorrência do acréscimo de valor agregado, representado pelos subprodutos.

Observa-se que, como na DAGRANJA, a empresa FRIGOBRÁS ainda não conseguiu resolver a questão dos rendimentos dos produtores rurais integrados, mesmo tendo desenvolvido todo um processo de agregação de valor através dos subprodutos de frango e da industrialização. Essa é uma questão que deve ser analisada, portanto.

Da produção de frangos obtida com a integração avícola em 1990, (42 milhões) 60% foi transformada em frango congelado, 10% em frango resfriado, 25% em cortes especiais com osso e sem osso e os restantes 5% em empanados - *nuggets* de frango.

O frango congelado continua sendo o carro chefe da empresa - a *commodity*, negociada no mercado interno e externo. Devido à conservação a frio, pode ser comercializado por um longo período de tempo, sem haver problemas de deterioração. O volume de exportação atinge 40% da produção, para os países do Golfo Pérsico, Arábia Saudita, Kuwait e Iraque. Os cortes especiais sem osso surgem como uma demanda do mercado externo, principalmente de países como Suíça, Alemanha, Bélgica, Itália e Japão, sendo exportados 80% do que é produzido pela empresa.

A industrialização do frango, surgida em 1987, destina-se basicamente ao mercado interno. A empresa está procurando novos mercados externos, através de venda de pequenos lotes a esses mercados para teste, mas não tem uma previsão maior de como irá comportar-se esse mercado, nos próximos anos.

A industrialização é, sem dúvida, o setor que tem merecido a maior parte da atenção da empresa, não só pela maior agregação de valor resultante como também pela possibilidade de aproveitamento das partes menos nobres do frango.

A maior agregação de valor é representada pelo melhor aproveitamento do frango (existe nessa empresa equipamentos para extrair as carnes de pescoço, coxa, carcaça, asa, etc., que vão compor através de mistura com amido, novos produtos). Há, e ainda, o reaproveitamento dos produtos vindos do abate-douro, que vão compor a farinha que será incorporada à ração. Como se vê, esse processo de racionalidade das unidades de processamento elevam o diferencial de produtividade. Apesar de não se dispor de dados que informou sobre os preços praticados pela integradora em outros períodos, soube-se, através de alguns integrados entrevistados que já houve um período em que havia uma remuneração melhor, por parte da integradora, mas não souberam precisar o quanto isso representava e quando isso ocorreu.

Algumas discussões sobre a situação dos preços atuais serão feitas no próximo item.

3.5 RELAÇÃO DA FRIGOBRÁS COM OS PRODUTORES RURAIS INTEGRADOS

O produtor integrado à FRIGOBRÁS não possui uma única fonte de renda. Não é, assim, um produtor especializado, como são os integrados da DAGRANJA. Isso que aparentemente poderia ser considerado uma vantagem para ele, pois lhe permitiria soma de rendimentos, é, na verdade, uma condição que o penaliza. A integradora parece aproveitar-se dessa situação para mantê-lo com baixos rendimentos na atividade avícola.

Essa afirmação sobre os rendimentos desses produtores tem como referência o preço pago pela DAGRANJA e o custo pa-

drão, no qual se prevê que o produtor deve obter uma participação de 11% no valor do lote entregue à integradora. Esse índice representava, em dezembro de 1990, o valor de Cr\$ 12,00 por quilo de frango entregue pelo produtor integrado. Entretanto, os preços praticados estavam abaixo de Cr\$ 5,00, como é possível observar na sequência do texto.

Os integrados à FRIGOBRA'S são, em sua maioria, pequenos produtores, situados num estrato de área de até 30 hectares, num solo fértil e plano, mas numa situação de renda da avicultura muito inferior aos integrados da DAGRANJA.

Examinando os borderô²¹s de acerto do lote de frango que a FRIGOBRA'S fornece aos avicultores, constata-se que o rendimento do lote de frango é muito baixo para o valor do lote (tabela 15).

TABELA 15 - RESULTADOS APURADOS NA CRIAÇÃO DO FRANGO POR PRODUTOR INTEGRADO A FRIGOBRA'S, SEGUNDO PRINCIPAIS ITENS, NO PARANÁ - DEZEMBRO 1990

PRINCIPAIS ITENS	PRODUTOR INTEGRADO 1	PRODUTOR INTEGRADO 2
Data do abate	27.12.90	28.12.90
Aves enviadas	26.000	26.000
Aves recebidas	25.312	25.191
Sobras de aves	81	50
Ração consumida	72.637kg	72.300
Peso recebido	35.175kg	36.995
Sexo	Fêmea	Misto
Peso médio	1,389kg	1,468kg
Mortalidade	2,64%	3,11%
Conversão alimentar	2,065kg	1,954kg
Idade média	41 dias	38 dias
EEF	1.596	1.915
Valor aproximado do lote	Cr\$ 4.748.625,00	Cr\$ 4.994.325,00
TOTAL recebido pelo avicultor	Cr\$ 164.303,10	Cr\$ 169.103,03

FONTE: Borderô Acerto Lote - FRIGOBRA'S - Dezembro de 1990

²¹Borderô de acerto do lote é uma nota fiscal, emitida pela integradora, contendo informações sobre o lote de frango entregue, apontando os custos e os resultados obtidos pelo produtor integrado.

Apesar da forma simplificada, reproduz-se integralmente nessa tabela uma nota emitida por computador. Esse borderô de prestação de contas fornece as informações principais para uma comparação com os avicultores da DAGRANJA, nos principais itens (tabela 16).

TABELA 16 - COMPARAÇÃO DE RESULTADOS ECONÔMICOS OBTIDOS COM UM LOTE DE FRANGO ENTRE OS AVICULTORES DA DAGRANJA E OS DA FRIGOBRAÁS, NO PARANÁ - DEZEMBRO 1990

PRINCIPAIS ITENS	AVICULTOR DA DAGRANJA (Nível Regular)	AVICULTOR DA SADIA* 1	AVICULTOR DA DAGRANJA (Nível Bom)	AVICULTOR DA SADIA 2
TOTAL de aves	6.955	25.312	7.039	25.191
Ração balanceada	20.780kg	72.637kg	21.160kg	72.300kg
Idade	39 dias	41 dias	38 dias	38 dias
Conversão alimentar	2,05kg	2,06kg	1,94kg	1,95kg
Peso no abatedouro	10.140kg	35.175kg	10.900kg	36.995kg
TOTAL recebido pelo avicultor	Cr\$ 110.101,40	Cr\$ 164.303,10	Cr\$ 129.928,00	Cr\$ 169.103,03
Preço por kg de frango pago pela integradora	Cr\$ 10,85	Cr\$ 4,67	Cr\$11,92	Cr\$ 4,57

FONTE: DAGRANJA e FRIGOBRAÁS

*A SADIA não classifica seus produtores integrados

Nesse sentido, os produtores integrados entrevistados são taxativos em afirmar, no caso da FRIGOBRAÁS, que o frango não dá lucro. Analisando os resultados apresentados por eles e confrontando-os com a relação dos custos ótimos, levantados pela Organização das Cooperativas do Paraná e apresentados na tabela 17, conclui-se que tanto o avicultor regular da DAGRANJA como o avicultor da FRIGOBRAÁS têm prejuízos, que se mostram maiores, entretanto, para os integrados a esta última empresa.

A questão que se coloca por que os avicultores da FRIGOBRAÁS continuam a criar frangos, apesar dos rendimentos tão baixos? Na realidade, existe a possibilidade de remanejamento de alguns custos, como é o caso dos 45% referentes ao gás, energia elétrica e à cama do frango, que, racionalizados, significam um ganho diferencial.

TABELA 17 - COMPARAÇÃO DE CUSTOS ENTRE UM AVICULTOR DA DAGRANJA E UM DA FRIGOBRRÁS, SEGUNDO RESULTADO FINAL OBTIDO, NO PARANÁ - DEZEMBRO 1990

PRINCIPAIS ITENS	AVICULTOR DA DAGRANJA (Nível Regular)	AVICULTOR DA FRIGOBRRÁS ¹
a) Total recebido pelo lote de frango entregue em Dez/90	110.101,40	164.303,10
b) Participação dos custos variáveis por lote de frango	49.545,63	73.936,40
c) Salários consumidos pelo lote + encargos sociais ²	19.882,84	62.962,33
d) Remuneração do capital por lote entregue ³	42.000,00	72.000,00
e) Resultado final obtido por lote de frango entregue (b-c-d)	(1.327,07)	(b-c-d) (44.595,63)

FONTE: DAGRANJA, FRIGOBRRÁS, Ocepar

¹Essa estimativa de custos (45%) é o da Organização das Cooperativas do Paraná - Ocepar - e corresponde às despesas do integrado com energia elétrica, gás, cama do frango e eventuais

²A DAGRANJA estima do um custo de 1,5 salário mínimo por lote de 7.000 frangos; a FRIGOBRRÁS estima por lote de 25.000 frangos, 4,75 salários mínimos. O prazo médio do lote é de 40 dias

³A remuneração do capital é estimada em 6% de juros/ano, com base na taxa de juro anual pago pela caderneta de poupança. A DAGRANJA, estimava em dezembro de 1990, o custo de um aviário para 7.000 frangos em Cr\$ 3.500.000. A FRIGOBRRÁS estimava para o mesmo período um custo de Cr\$ 6.000.000,00 para abrigar 25.000 frangos. Os valores obtidos foram divididos por 5 lotes ano, sendo a média de entrega de lotes

Outro item remanejável pelo produtor é a parcela de remuneração pelo capital investido. Como a maioria dos avicultores tiveram financiamento com subsídio até 1984, esse custo acaba não pesando diretamente, apesar de o produtor integrado fazer menção a esses custos quando comenta os baixos rendimentos que recebe com a atividade avícola.

Inicialmente, tinha-se como pressuposto que a verticalização das empresas poderia ser a forma de remunerar adequadamente o produtor integrado, com vistas a reduzir o conflito entre eles e a empresa. Tal fato não ocorre, principalmente em relação à FRIGOBRRÁS, onde a verticalização não elevou a remuneração dos lotes entregues, ou seja, o custo médio do lote de frango remunerado pela empresa não se alterou no decorrer do tempo (tabela 18).

TABELA 18 - PERCENTUAL DO CUSTO MÉDIO
POR QUILO DE FRANGO NA FRI
GOBRÁS, NO PARANÁ - 1982-
1985-1986-1990

ANO	%
1982	5,21
1985	5,16
1986	6,20
1990	4,65

FONTE: FRIGOBRÁS

Retomando a análise da tabela 16, duas informações são fundamentais ao se comparar dois lotes de frangos: a conversão alimentar e o tempo de permanência no aviário. Assim, independentemente do número de frangos que compõe o lote, esses dois critérios de avaliação podem indicar - no caso dos quatro lotes de frangos analisados, dois lotes pertencentes à DAGRANJA e dois à FRIGOBRÁS -, que eles são praticamente iguais. Assim, não poderiam oferecer resultados finais tão diferentes quando comparados. Considerando que os critérios de avaliação são homogêneos para o padrão de lote de frango criado, estima-se que os resultados devem se apresentar proporcionalmente iguais.

O argumento dos produtores integrados à Sadia é de que a falta de concorrência na região é a responsável pela situação de exploração dos produtores, pela empresa. No caso da suinocultura, para cujos produtos existem vários compradores, a FRIGOBRÁS, para não perder seus integrados, fornece vantagens através de um preço base que pode crescer com uma avaliação positiva da carcaça.

Outra questão que tem dominado as discussões, entre os integrados, é a dificuldade de formação de uma associação de avicultores para defender os seus interesses. A FRIGOBRÁS ameaça os produtores que se envolvem com a associação,

primeiramente diminuindo seus lotes de frango e depois excluindo-os do sistema de integração. Entretanto, esses argumentos dos integrados da FRIGOBRÁS não apareceram como decisivos na determinação do preço pago pela DAGRANJA.

Pode-se afirmar que a questão central que envolve as duas empresas está na condição de especialização dos produtores interados, que acaba gerando uma situação melhor para os produtores vinculados à DAGRANJA. Com relação a FRIGOBRÁS, as duas ou mais fontes de renda monetária auferidas pelos produtores integrados fazem com que a empresa faça um rebaixamento dos preços pagos pelos frangos recebidos.

Assim, ainda que adquira um certo grau de importância, a questão da organização dos produtores em associações não constitui uma diferença entre as empresas, já que ambas negam qualquer organização dos integrados.

A concorrência entre as empresas pode ser considerada como um elemento secundário na determinação do preço, haja vista que os abatedouros se localizam em áreas onde dificilmente existe um concorrente. Desse modo, praticamente controlam a área de sua influência e através do fomento geram a matéria-prima via contratos de integração com os produtores rurais.

O presidente do sindicato patronal rural de Toledo é um integrado da FRIGOBRÁS e tem encabeçado movimento no sentido de formar uma associação de produtores integrados, mas não vem conseguindo um número suficiente de avicultores que queira participar, ainda que venham sendo expropriados diretamente pela empresa:

O pessoal está muito descontente. A situação está muito difícil. Chega-se à conclusão que o frango não dá lucro. A sobra que dá, às vezes, é resultado do esterco. Os nossos aviários estão ficando velhos, os meus estão com 11 anos, precisam de uma pequena reforma. Por diversas vezes queria parar, mas a conclusão que a gente chega é que se dispõe de um benefício, com o uso do esterco na lavoura, e por isso gasta-se menos adubo químico, em si. Se fosse só pelo resultado do

aviário a gente parava. Eu tentei, conversei com diversos avicultores para formar uma associação, colocando para eles não a questão de ser contra a Sadia (FRIGOBRÁS), mas uma série de coisas para orientação. A Sadia não gasta um cruzeiro na região, na orientação dos agricultores. Os técnicos que orientam tem linguagem, diferentes de uma região para outra. Chega lá, vai discutir com ele, o pessoal do fomento, a razão é do técnico. É igual juiz de futebol: o que diz é o certo e ninguém muda tal posição, errado ou certo, a razão é dele. A grande maioria dos avicultores tem medo da Sadia, como se fosse subordinado, achatado, precisando, com a crise do jeito que está, fica com medo da Sadia castigar ele. Cheguei num ponto que não adianta fazer nada. Nós da diretoria do Sindicato resolvemos abandonar a idéia de formação de associação, por enquanto.²²

Outro relato que ilustra o receio do produtor às represálias aos movimentos de organização é o do presidente do Sindicato Patronal, falando dos entendimentos que manteve com o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Discuti há pouco tempo com o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que filia o pequeno agricultor e tem muitos pequenos avicultores. "A gente é companheiro para tudo", dizia ele, "três ou quatro anos, também através do Sindicato dos Trabalhadores, foi feita uma reunião e discutido. Reuniu lá meia dúzia de avicultores, pouca gente, e houve divulgação e pediram para trazer as notas sobre os lotes de frangos para fazer as comparações. Não apareceu mais ninguém. O pessoal tem muito receio e isso requer muito tempo para resolver".²³

Além dos obstáculos impostos pela FRIGOBRÁS à organização dos produtores integrados, outros problemas chamam a atenção na relação da indústria com os produtores.

Na entrevista com o presidente do sindicato patronal, ele denuncia irregularidades quanto à qualidade da ração usada na integração e quanto à pesagem, tanto da ração recebida como do frango entregue, ambos não podendo ser pesados em outra balança que não seja a do abatedouro e fábrica de rações.

A qualidade da ração é sempre apontada pelos avicultores como a responsável pelo mau desempenho de um determinado lote de frango. Para o presidente do sindicato a questão é mais complexa do que parece:

Ontem, conversando com três avicultores chegamos, à conclusão de que a ração está fracassando muito. Eles, para terem mais lucro, baixam a qualidade da ração, ela se

²²Entrevista realizada com o Sr. Jacob Ivo Hoffman, presidente do Sindicato Rural de Toledo, em fevereiro de 1991.

²³Idem.

reflete no frango. Segundo a gente sabe, usavam um tipo de ração que os frangos chegavam com 40 dias num peso bom. Hoje não consegue chegar, mas é o mesmo sistema de criação. Eles dizem que o lote está bom, só que pesou pouco. Acharmos que tem manobra na própria ração. A gente sabe por informação que eles usam uma formulação diferente na ração e o frango pesa menos para nós, avicultores, que vamos entregar. Só que para eles a quebra técnica é menor, a carne é mais enxuta, e dá menos quebra na hora de abate do frango. Assim o lucro fica com eles.²⁴

Um produtor integrado relatou que resolveu instalar uma balança na entrada do estabelecimento agrícola para pesar as rações recebidas e os lotes entregues, pois além de integrado no frango é também integrado no suíno. Porém, antes de fazê-lo foi comunicar tal fato à Sadia e, imediatamente, recebeu a resposta que se assim procedesse estaria automaticamente desligado do quadro de integrados da empresa. Não é preciso dizer que ele não instalou, só que aumentou o seu grau de desconfiança na FRIGOBRÁS.

Sem dúvida, essa é uma questão extremamente polêmica e gera uma certa irritação aos avicultores mais atentos a resultados positivos na integração.

Será que vem o peso certo na ração que nos mandam? A gente não tem condições de pesar e tem que aceitar o peso deles. Nós temos o direito de acompanhar o peso na Sadia, mas não podemos pesar fora. Será que o frango deu aquele peso que nos mostram na nota? É um direito que nós temos, de desconfiar deles. Será que deu aquele peso mesmo?

A questão do peso, ainda que seja um problema levantado por alguns integrados, não está no nível de preocupação imediata, como o baixo rendimento obtido com o lote de frango entregue, que para a maioria dos avicultores é o centro de questionamento da empresa.

No sentido de mostrar os baixos níveis de rendimentos dos avicultores da FRIGOBRÁS, levantou-se um histórico de lotes entregues por um avicultor, comparando-se os preços recebidos por ele com aqueles pagos pela DAGRANJA aos seus integrados (tabela 19).

²⁴Entrevista realizada com o Presidente do Sindicato Rural de Toledo, em fevereiro de 1991.

TABELA 19 - RESULTADOS APURADOS POR UM AVICULTOR COM A CRIAÇÃO DE FRANGOS POR PRINCIPAIS ITENS, SEGUNDO DATAS DOS LOTES ENTREGUES À FRIGOBRAÁS, NO PARANÁ - 1989-90

DATA DO LOTE	TOTAL DE FRANGOS	TOTAL DE RAÇÃO (Em Kg)	ÍNDICE DE CONVERSÃO ALIMENTAR (Em Kg)	PESO NO ABATEDOURO (Em Kg)	TOTAL RECEBIDO PELO AVICULTOR (Em Cr\$)	PREÇO RECEBIDO POR QUILO DE FRANGO (Em Cr\$ Correntes)	
						FRIGOBRAÁS	DAGRANJA*
13.03.89	23.806	64.593	1,861	34.709	964,00	,02	...
28.04.89	20.961	54.054	1,842	29.345	845,00	,02	...
28.06.89	21.008	105.142	2,102	50.020	2.701,00	,05	,11
12.09.89	25.892	76.368	1,919	39.796	7.144,00	,18	,27
07.11.89	22.864	98.058	2,055	47.717	10.699,00	,22	,31
26.12.89	25.533	71.986	1,896	37.967	21.311,00	,56	1,02
20.02.90	20.508	83.771	2,106	39.744	28.878,00	,72	1,86
17.05.90	22.347	95.464	1,975	48.336	110.668,00	2,28	3,59
09.07.90	25.497	75.985	1,897	40.055	193.612,00	4,83	6,53
28.12.90	25.312	72.637	2,065	35.175	164.303,10	4,67	9,26

FONTE: Borderô de acerto do lote de frango - FRIGOBRAÁS

*Preço médio recebido pelos avicultores sem o nível do produtor

...Dado não-disponível

A partir das constatações observadas e com a negação de discussão desses resultados pela diretoria da FRIGOBRAÁS, levanta-se uma hipótese que pode explicar esses baixos resultados obtidos pelo produtor integrado no frango.

A unidade da FRIGOBRAÁS, em Toledo, além da estrutura industrial para frangos, possui também a estrutura industrial para suínos, que é maior que a do frango, representando 60% do valor gerado por ela.

Nos suínos, como nas aves, o processo de integração conduziu à modernização que retirou das mãos dos produtores a autonomia da produção. A partir de então, a indústria passou a orientar o tipo de animal que deveria ser produzido, visando um maior aproveitamento nas unidades de industrialização.

Nessa perspectiva, a indústria ampliou os investimentos em relação ao suíno, até chegar a crise do setor, a partir de 1979, com a peste suína, desarticulando o mercado interno e impedindo a exportação. A FRIGOBRAÁS, que tinha no suíno o principal produto, teve sua margem de lucratividade reduzida. A hipó-

tese aqui levantada é a de que, a partir de então, a indústria estaria repassando parte dos lucros obtidos com o frango para o setor de suínos, procurando ao mesmo tempo não diminuir o lucro médio obtido com o frango, o que levou a uma retenção de parte da remuneração que deveria ser paga aos produtores integrados de frangos. Essa situação parece ter sido amenizada temporariamente com o Plano Cruzado, em 1986, face à reação do mercado ao consumo de carnes e à escassez de carne bovina, quando cresceu o consumo de carne e derivados de suínos.

A análise da suinocultura na FRIGOBRÁS vai mostrar as implicações que existem entre essa atividade e a avicultura, e como isso vem afetando os rendimentos recebidos pelos integrados de frango.

O frango é um produto em expansão, com amplo crescimento do consumo e da produção, nos anos 80.²⁵ Esse dinamismo deixou de ser representado pelo frango inteiro, com o ingresso nos cortes e na industrialização dos subprodutos de frango, que passaram a representar parte significativa no faturamento da empresa, com a respectiva agregação de valor na produção.

A suinocultura, ao contrário do frango, tem convivido com uma crise permanente, a chamada "crise da suinocultura",²⁶ que tem início em 1979, com a peste suína, e atravessa os anos 80 com uma pequena recuperação, durante a vigência do Plano Cruzado.

²⁵Segundo informações da CEPA/SC e BRDE, o consumo per capita de frango no Brasil evoluiu de 9kg em 1984 para 11,6kg em 1988. E a produção avançou de 1.227.000 t em 1980 para 1.961.300 t em 1988.

²⁶Informações do Anuário Estatístico do Brasil - IBGE mostram que a produção de carne suína no Brasil era 864.000 t em 1982; 564.000 t em 1984; 640.000 t em 1986 e 585.000 t. em 1988. O consumo foi reduzido de 7,0 kg em 1984 per capita, para 6,0 kg em 1988. O Paraná, que possui o segundo rebanho do Brasil, segundo dados do IBGE de um total de 5.712.220 cabeças existentes em 1980, foi reduzido para 4.156.300 em 1988.

Na realidade, o que chama a atenção para essa associação entre suínos e aves na FRIGOBRÁS é o fato de o integrado no suíno não contestar os preços recebidos pelos lotes que entregam, refletindo ao contrário do produtor de frango.

A questão quase coloca é por que o setor de suínos, mesmo em crise, consegue remunerar satisfatoriamente o integrado, e o setor avícola que está em crescimento, oferece uma baixa remuneração aos integrados? O suíno é o produto pecuário com maior nível de industrialização, chegando a transformar em subprodutos 95,0% do que é abatido. Na FRIGOBRÁS, esse percentual é de 100,0%, proporcionando uma agregação de valor altamente rentável do ponto de vista do capital agroindustrial. Manter o setor de suínos sem alteração na estrutura industrial da empresa pode representar uma garantia de mercados futuros já conquistados nos anos 70, quando o mercado interno e externo respondia aos avanços na produção, principalmente de embutidos e defumados. Na possibilidade de uma retomada do setor a empresa estaria aparelhada para colocar no mercado seus produtos, criando barreiras, às outras empresas e não permitindo que outras concorrentes ocupem a sua posição de liderança no mercado.

Essas inferências sugerem estar havendo transferências de resultados do setor avícola para manter o setor suínos, e a espera de uma recuperação com a elevação do padrão de consumo da população e a volta da exportação.

Além da diferença na industrialização, a suinocultura vai diferenciar-se da avicultura através da manipulação da ração, que pode ser realizada pelo produtor rural, através da

mistura de outros produtos na alimentação dos suínos.²⁷ As recomendações técnicas para a alimentação de suínos indicavam uma composição alta em rações, no início. Entretanto, os produtores rurais foram fazendo substituições por produtos menos nobres sem afetar a qualidade/peso e tamanho do animal. Assim, os custos passaram a ser reduzidos. Além disso há disponibilidade alimentar nas várias regiões agrícolas, que varia entre produtos como: abóbora, mandioca, batata-doce, etc.

Essa complementação alimentar envolvendo outros produtos é feita à revelia da indústria, e os suinocultores imaginavam que poderiam ficar com o diferencial obtido, através do menor consumo de ração. Tal fato não ocorreu, pois a indústria passou a incorporar ao preço pago esse diferencial e a fiscalizar com maior rigor o controle do consumo da ração. Desse modo, a alteração na alimentação dos suínos é realizada pelas unidades rurais, que passam a ter um redutor de preço, inclusive ao nível do mercado, fora da indústria integradora.

Para a agroindústria abatedoura essa substituição feita pelo integrado é desfavorável, pois reduz bastante as possíveis manipulações na ração que ela realiza, sem afetar a qualidade. Caso a indústria realize uma substituição, na ração - reduzindo os farelos e conseqüentemente retirando proteínas - e o produtor faça uma substituição por produtos que não aumentem as proteínas, o lote de suínos pode ser prejudicado, ter a carcaça fora de padrão e ser recusado pela indústria.

Além disso, existem na área de atuação da FRIGOBRÁS outras empresas que compram suínos e oferecem um preço básico

²⁷IPARDES-FUNDAÇÃO ÉDISON VIEIRA. Complexo de produção de proteína animal: estratégias industriais para as cooperativas : documento síntese. Curitiba, 1989. p.19-20.

que passa a ser adotado na comercialização do suíno na região. A integradora tem que incorporar esse preço, contribuindo, assim, para uma redução nas margens de lucro na industrialização dos suínos, o que ocorre com o frango.

Uma outra dificuldade da agroindústria está em repassar os custos de maturação, ou seja, é o tempo que os produtos permanecem em todas as etapas de industrialização, desde a defumação até outros tipos de conservação - isso consome, semanas e até meses. Mesmo sendo custos de industrialização, ocorrem juntamente custos financeiros, que passam a refletir no preço final do produto. Contudo, esses produtos vão encontrar no mercado, principalmente no final dos anos 80 e início dos 90, uma queda nos níveis de renda da população, o que vai reduzir o consumo desses produtos e aumentar a crise da suinocultura e das agroindústrias.

O problema da suinocultura vai ser agravado pela paridade de preços com a carne bovina e a carne de frango. Mesmo apresentando um maior consumo de subprodutos, os preços tendem a um alinhamento com as outras proteínas de origem animal, restringindo, inclusive, possíveis aumentos de preços para compensar aqueles custos industriais elevados. Isto é, se os derivados de suínos ultrapassarem os preços médios vigentes das outras carnes, haverá uma queda no consumo e um acirramento da crise na suinocultura. Nesse cenário a carne suína e os subprodutos levam desvantagem por manterem a menor preferência de consumo.

Outra questão importante diz respeito à matriz tecnológica de suínos que, assim como a avicultura, tem no milho o maior custo. Na suinocultura o milho vai representar 50% do que

é gasto no período criatório. Como o milho apresenta níveis muito baixos de produtividade, vai representar custos elevados para um padrão criatório que tem como exigência uma menor participação dos insumos no preço final do produto. Existem, ainda, no mercado, carnes da pecuária bovina que não tem custos de alimentação com rações, agravando as dificuldades de mercado para o suíno.

Pode-se imaginar os dilemas de uma unidade industrial na qual a maior agregação de valor é realizada pela industrialização do suíno. Como unidade autônoma, a industrialização do suíno do grupo FRIGOBRAS deve apresentar resultados positivos. Caso contrário sofrerá um processo de readequação interna, o que pode atingir toda a estrutura organizacional da FRIGOBRAS. O que de certo modo pode explicar as transferências do setor de aves para o setor de suínos.

Os balanços, que poderiam dar uma confirmação ou negação da hipótese aqui levantada, não são divulgados pela unidade industrial. Esses resultados desagregados ficam no âmbito da diretoria, onde é realizada a consolidação e em que são divulgados como resultado dos vários segmentos do grupo.

3.6 ASPECTOS CONCLUSIVOS

A FRIGOBRAS não tem adotado nenhuma medida que vise melhorar as relações com os produtores integrados de frangos, principalmente, em relação aos preços baixos pagos a eles. Se compararmos com os preços praticados pela DAGRANJA, aqueles recebem menos da metade do preço pago por quilo de frango nessa empresa.

O reflexo mais imediato de tal procedimento observou-se na pesquisa de campo. Enquanto na FRIGOBRAS o aumento no número de aviários que estavam sendo oferecidos pela empresa juntamente com o Banco do Brasil não despertava qualquer interesse dos produtores nas entrevistas realizadas, na área da DAGRANJA, os produtores mostravam-se interessados em aumentar a sua participação na atividade, seja pela ampliação ou pela construção de novos aviários.

Enquanto os avicultores enfrentam problemas com o preço pago pela integradora, o mesmo não pode ser dito dos suinocultores vinculados à FRIGOBRAS, que não têm problemas de preço, apesar da crise da suinocultura. Assim, pôde-se deduzir que existe, através de mecanismos internos, uma transferência de renda do setor avícola para o setor de suínos, com o rebaixamento do preço pago aos integrados do frango.

A preocupação da empresa é obter um maior valor agregado na transformação industrial por unidade de produto com o menor custo. Dentro desta visão, a industrialização do suíno pode ser considerada muito mais rentável do que o abate do frango e a respectiva comercialização de frango inteiro, que oferece um valor agregado muito baixo.

Nesse sentido, vale lembrar que a indústria, no caso do suíno, pode compor produtos, como é o caso dos embutidos, que, além da carne suína, incorpora outros produtos nessa mistura, principalmente o amido, que vai ser manejado pela indústria e reduzir os custos de produção.

O problema atual da indústria está vinculado ao mercado, mais propriamente com o baixo nível de renda da população, que

reduz significativamente o consumo de proteínas. Com isso agrava-se a situação da empresa, com reflexos diretos sobre os produtores integrados.

3.7 ANÁLISE COMPARATIVA DA RECEITA E DESPESA DO PRODUTOR RURAL COM LAVOURAS DE SOJA/TRIGO E AVICULTURA INTEGRADA

Os avanços tecnológicos do frango e principalmente o ciclo criatório estão sendo viabilizados pela integração avícola, não havendo, assim, até o presente momento, possibilidade das empresas assumirem essa fase. Desse modo, deverão induzir os produtores rurais integrados a uma especialização na atividade. Todavia, para esse produtor modernizado coloca-se uma outra alternativa: a lavoura de soja e trigo, produtos mais dinâmicos da agricultura.²⁸ Quais seriam as vantagens, para o produtor integrado, de especialização na atividade avícola?

Para comparar os resultados de uma produção avícola com esses produtos agrícolas destacam-se três fatores de grande relevância: a área utilizada na produção e padrão tecnológico, financiamento para custeio da produção e, por último, as margens brutas auferidas pelos produtores num e noutro produto.

Em relação à área utilizada²⁹ para o cultivo dos produtos e à área ocupada pelo aviário é grande a diferença, exigindo-se muito mais área para a produção agrícola. Além disso, os produtores de soja e trigo são pressionados por uma renovação constante no padrão tecnológico, que deve ser bancado por eles,

²⁸Obviamente essa alternativa está sendo colocada para aqueles produtores integrados da FRIGOBRA, já que na área da DAGRANJA essa alternativa não pode ser colocada, como observamos pelas características da região.

²⁹A soja é uma lavoura de verão e o trigo é uma lavoura de inverno.

ao lado de uma deterioração das relações de troca (entre preços agrícola e preços dos insumos), criando a cada ano uma necessidade de maior área de plantio. Os integrados no frango, ao contrário, usam uma área pequena, variando segundo o tamanho do aviário, e a evolução no padrão tecnológico do frango tem beneficiado a integração, porque esses custos de intensificação do processo criatório são bancados pela indústria, ou seja, o frango está maior, com menor tempo de criação e apresenta maior resultado na conversão alimentar, representando resultados maiores.

Outro fator que diferencia essa produção é o financiamento do custeio. No caso das lavouras deve ser bancado pelo produtor ou ainda pode realizar um empréstimo via crédito agrícola, sem qualquer subsídio, o que aumenta o grau de incerteza do produtor. No caso da produção avícola, o integrado recebe da empresa os insumos e os pintos que serão criados, cabendo à integradora a decisão do tamanho e do número de lotes que o produtor recebe no ano. A importância em valor, que cada lote assume, se comparado aos investimentos que o produtor realiza no aviário e nos equipamentos, representa em torno de 50% dos investimentos feitos pelo integrado.

Nos cálculos econômicos que serão realizados na sequência, é interessante chamar atenção para a regularidade do rendimento, o qual, o avicultor pode prever, dado que o resultado do ciclo é garantido dentro das condições previstas num prazo de 40 dias.

No sentido de tornar efetiva tal comparação, foram levantadas estimativas de custos variáveis da produção de soja e de trigo (tabela 20), desprezando-se assim os custos fixos,

principalmente o custo da terra e da mão-de-obra do produtor e familiares. O mesmo ocorreu em relação aos custos da integração avícola, considerando-se não os custos reais mas aqueles que recebe da integradora. Assim, os parâmetros foram as receitas com soja e trigo no ano e receitas de lotes de frango/ano que definiram a comparação.

TABELA 20 - ESTIMATIVA DOS CUSTOS VARIÁVEIS DE PRODUÇÃO DE UM HECTARE DE SOJA E TRIGO, NO PARANÁ - DEZEMBRO/90
(Em Cr\$)

	SOJA	TRIGO
Despesas com máquinas e implementos	7.821,28	7.284,02
Mão-de-obra temporária	2.193,80	485,51
Insumos	20.936,20	32.374,07
Transporte externo	1.212,41	1.145,05
Assistência técnica	631,41	818,93
Recepção, secagem, limpeza	974,88	920,72
Despesas gerais	619,03	802,87
Proagro	1.584,77	1.135,88
Custos financeiros	6.102,32	7.583,35
TOTAL	42.076,10	52.550,40

FONTE: Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento do Paraná

A análise da receita bruta (tabela 21) mostra que os resultados apresentados pelo aviário de 7.000 frangos integrado à DAGRANJA, são maiores que a soma das lavouras de soja e trigo no ano de 1990. Para essa comparação adotou-se um estabelecimento com a área de lavoura com 50 hectares.

Nessa comparação, algumas questões podem deixar dúvidas. É o caso dos preços que poderiam estar defasados, refletindo na valorização dos lotes de frangos. Tal fato não ocorre, por serem os preços da soja e do trigo regulados pelo mercado internacional.

TABELA 21 - RECEITA BRUTA* ESTIMADA NO ANO DE 1990, PARA OS PRODUTORES DE SOJA E TRIGO E PARA AQUELES COM ATIVIDADE AVÍCOLA (Preços de Dezembro/90)

ÁREA DE PRODUÇÃO	QUANTIDADE PRODUZIDA/ PREÇO MÉDIO	TOTAL
50 ha de lavoura de soja (receita total)	96.000 kg x Cr\$25,96	2.492.161,00
Custo variável da lavoura de soja	(Cr\$ 42.076,10 x 50 ha)	2.103.805,00
Receita bruta do produtor		388.419,00
50 ha de lavouras de trigo	102.000 kg c Cr\$ 28,05	2.861.780,00
Custo variável da lavoura de trigo	(Cr\$ 52.550,40 x 50 ha)	2.627.520,00
Receita bruta do produtor		234.260,00
1 aviário para 7.000 frangos (Área 600m ²)	Valor aproximado de 5 lotes (tabela 8, produtor nível "bo")	7.357.500,00
Receita bruta do integrado (Integrado à DAGRANJA)		625.000,00
2 aviários para 24.000 frangos (2.400m ²)	Valor aproximado de 5 lotes (tabela 15, produtor integrado 1)	23.740.000,00
Receita bruta do integrado (Integrado à FRIGOBÉRAS)		850.000,00

FONTE DOS DADOS BRUTOS: Planilhas de acerto de contas das empresas com os integrados - DAGRANJA e FRIGOBÉRAS

Relatório de custo de produção 1990 - SEAB-PR

BASE DE CÁLCULOS: Rendimento médio das lavouras de soja é de 1920 kg/ha e no trigo é de 2.040 kg/ha

O frango pesa, em média, 1,50 kg e o preço em dezembro era de Cr\$ 135,00 por quilo no atacado

*Receita bruta é a renda obtida pelo produtor rural, descontados os custos de produção apresentados na tabela 18 (excluindo-se renda da terra, depreciação e salários de familiares)

*Os valores foram calculados pelos preços praticados no mercado em dezembro de 1990

Outra questão que se coloca diz respeito aos custos variáveis. Esses poderiam indicar alguma diferença significativa, isso não acontece porque a metodologia adotada pelo órgão responsável pelas informações reflete um custo ótimo para o Estado. O problema maior está no rendimento médio, que normalmente trabalham com as médias do Estado pode, entretanto, variar quando compara-se algumas regiões dinâmicas, mas isso não chega a comprometer os resultados apresentados.

O mesmo poderia ocorrer em relação à avicultura, onde os resultados apresentados são para um determinado nível de produtor integrado. É óbvio que existem resultados melhores e piores, indicando também uma variação nos valores apresentados.

Mesmo com essas restrições optou-se por realizar a comparação entre a receita bruta, obtida com as lavouras de soja e trigo e na integração do frango porque mostra resultados interessantes. À medida que se compara resultados de duas atividades de ponta na agricultura, soja/trigo e avicultura integrada, evidenciam vantagens econômicas para o produtor de frangos. Isso na realidade está associado às condições de produção que recebe da agroindústria, diminuindo a dependência da extensão de terras como suporte de valorização do trabalho, para obter uma renda monetária.

CONCLUSÃO

A modernização da agropecuária, através da incorporação de novas técnicas, reflete as relações de domínio da indústria sobre a agricultura, processo irreversível a partir do qual é inserida no complexo agroindustrial.

Essa inserção se dá através da reprodução de relações de subordinação, onde a produção não é mais uma decisão do agricultor mas uma determinação da indústria.

Através desse vínculo a empresa tem como finalidade a garantia do fornecimento de matérias-primas a custos previsíveis e conseqüentemente adequados ao sistema de processamento industrial - caso das agroindústrias de abate de frango.

O frango inteiro congelado é uma *commodity* que tem preço formado no mercado internacional. A participação nesse mercado é seletiva, pois exige qualidade na produção e padronização de peso dos produtos. Essa maior exigência na qualidade da produção significa ampliação de custos que, na maioria das vezes, não pode ser repassada integralmente aos preços. Para fugir à pressão dos custos crescentes, as empresas ingressam numa verticalização que implica em investimentos, o que somente é realizado pelas grandes empresas. Por outro lado, cresce também um mercado de frangos em pedaços e filés, através do qual o pequeno capital representado nos abatedouros retoma um espaço de produção.

O frango é o produto que incorporou o maior progresso técnico oferecido pela indústria à agricultura. É, entre os produtos agropecuários, o que conseguiu avançar mais em termos

de redução de tempo de trabalho e tempo de produção. Esperava-se, por isso, resultados acima da média da agricultura. No entanto, tal situação não ocorreu. O milho, principal matéria-prima da produção de frangos apresenta, no caso do Brasil, uma produtividade muito baixa e não acompanha os progressos conseguidos pela avicultura.

No Brasil, o complexo agroindustrial, apesar de ter sido formado recentemente, possui dois agentes principais que o identificam com a agricultura industrializada: a presença das grandes empresas e a participação do Estado, que desempenha um papel fundamental nos investimentos e financiamentos que resultam em subsídios, proporcionando uma taxa média de lucro que não é mais só resultado da atividade agropecuária.

O modelo de produção industrial já se encontra consolidado no caso do frango, isto é, foi absorvido tanto pelos produtores rurais como pela unidade industrial de abate.

O Paraná, apesar de ter desenvolvido essa atividade recentemente, nos anos 80, consegue uma expansão que o coloca em 3o lugar na produção nacional de frangos. A estrutura industrial avícola paranaense permite uma diferenciação de produtos com forte inserção no mercado nacional e internacional. Observa-se um significativo peso nos cortes especiais e na industrialização, permitindo uma geração de valor agregado, o que mostra que a concentração econômica da empresa está associada à concentração técnica ao nível das plantas.

O processo de concentração e centralização de capital está ocorrendo nas grandes empresas. A Sadia, o maior grupo privado nacional ligado ao setor de abate e industrialização pecuária, adquire uma outra empresa no Paraná, ampliando o seu

domínio regional e a capacidade de abate/hora, que passa a ser de 29.500 frangos/hora, representando quase a metade de toda a capacidade do Estado.

No que diz respeito à relação da empresa com o produtor rural integrado, houve uma especialização de uma parcela pequena de agricultores, que aceitou a nova atividade e tornou-se elemento importante nessa relação. A indústria espera do integrado uma produção padronizada e cada vez mais próxima dos índices de eficiência determinados por ela. Para isso, acena com ganhos acima da média, e espera que o integrado tenha dedicação exclusiva à atividade.

Essa indústria, que exige resultados ótimos por lotes de frangos entregues, programa, à revelia dos produtores, uma capacidade ociosa dos aviários que, se fossem aproveitados totalmente, chegariam a produzir 50% a mais em relação à atual produção.

O número de integrados em relação ao total de estabelecimentos agrícolas do Paraná, entretanto, é mínimo. Não chega a 1% do total e, como vimos, tem condições de produzir muito acima dos níveis atuais de produção.

Da perspectiva da indústria, é mais vantajoso entregar a tarefa criatória ao produtor rural, uma vez que este é quem assume o investimento inicial na terra e no aviário. A indústria, em troca, lhe garante o custeio (pintos, ração, assistência técnica) e uma renda monetária a cada 40 dias.

A maioria dos integrados é constituída por pequenos produtores e a integração é responsável pela maior parte da renda gerada no estabelecimento.

Essas tendências gerais do setor avícola não são carac-

terísticas de todas as empresas. As estratégias efetuadas pelas indústrias na relação que mantêm com o produtor integrado são diferentes. É o que se observa quando são comparadas as duas empresas - DAGRANJA e FRIGOBRÁS. Enquanto a primeira vem especializando os produtores integrados, tornando-os avicultores, a segunda, tendo em vista as características da região, não os especializa. Esse fato parece ser um dos responsáveis pela baixa remuneração dos integrados a esta segunda empresa.

O aumento do número de produtores interessados em se integrar à DAGRANJA tem forçado a empresa a realizar uma seleção. Este crescimento no número de interessados deve-se ao fato desta indústria oferecer maior remuneração aos produtores. O mesmo não ocorre em relação à FRIGOBRÁS, cuja proposta de instalação de novos aviários não criou nenhuma expectativa ou interesse por parte dos produtores rurais.

A questão dos resultados obtidos com a integração é polêmica. A indústria culpa o integrado por descuidos no ciclo criatório, enquanto o integrado culpa a indústria principalmente pela má qualidade da ração usada no processo de criação. Além desses problemas, existe uma diferença fundamental entre as duas empresas analisadas, no que diz respeito à fixação de um preço mínimo na integração. Enquanto a DAGRANJA oferece esse preço mínimo e informa o integrado do modo como é feito este cálculo, a FRIGOBRÁS não fornece qualquer referência sobre o modo de remuneração ao produtor integrado. Este, sem dúvida, é o ponto principal de conflito dos produtores, com relação à empresa.

Acrescenta-se, a essas diferenças, o fato de que a FRIGOBRÁS apresenta uma situação diferente da DAGRANJA na

própria estrutura industrial, pois além do setor de aves desenvolve o setor de suínos. A questão que se coloca aqui é: por que o setor de suínos, mesmo estando em crise, consegue remunerar seus integrados pela média da região e não remunera devidamente os integrados ao setor de aves, oferecendo-lhes um rendimento bem abaixo do que é oferecido pela empresa DAGRANJA?

O suíno é um produto que possibilita um maior grau de industrialização - quando comparado à pequena industrialização (subprodutos) realizada pelo setor de frango -, permitindo uma alta agregação de valor por produto. Esse poderia ser um dos motivos pelos quais os integrados à suinocultura estariam recebendo melhores preços pela matéria-prima do que os avicultores. Por outro lado, a crise da suinocultura impede uma melhor distribuição de resultados àqueles integrados, pois a crise de mercado, aliada aos custos financeiros da permanência do produto em determinados processos industriais, tornam as margens de lucro da empresa muito baixas.

A partir dessas considerações, pode-se deduzir que o setor de frangos estaria repassando lucros para a área de suínos, como forma de cobrir tanto a elevação dos custos industriais como a queda no consumo. Como unidade autônoma do grupo Sadia, a FRIGOBRAS certamente teria sofrido um processo de readaptação interna, sem as transferências de resultados do setor de frango para o setor de suíno.

As duas empresas - DAGRANJA e FRIGOBRAS -, entretanto, conseguem obter, no mercado, uma renda diferencial em relação a um custo médio de produção, estimado através do preço do milho no atacado. Assim, a primeira vai obter um custo menor de 16,75%, enquanto a outra consegue 21,20% em relação à média das

grandes empresas. Esse percentual se eleva, se forem comparadas em relação aos custos das pequenas empresas.

Os resultados satisfatórios obtidos pela indústria com relação à carne de frango são acompanhados por um salto no consumo interno, que passa a ocupar o 2º lugar, muito próximo do consumo de carne bovina.

Essa constatação aponta para uma perspectiva positiva da atividade avícola enquanto segmento modernizado no campo. A produção avícola em escala possibilita que, numa área de pequenas dimensões, se obtenha, em menor espaço de tempo, uma renda superior àquela obtida com outras lavouras de soja e trigo, praticadas em pequenas parcelas.

ANEXO 1

A pesquisa sobre o "Complexo de produção de proteína animal" realizada pelo IPARDES* em 1988, fundamenta-se num exaustivo levantamento de campo através de formulários, tendo como unidade básica de análise as indústrias abatedouras e processadoras de bovinos, suínos e aves. O universo atingido está dimensionado aproximadamente em 90% das indústrias, que controlam 95% da capacidade e estão vinculadas ao Serviço de Inspeção Federal - SIF, considerado o setor formal. Foram aplicados 34 formulários, no total.

Essas indústrias estão distribuídas no complexo com as seguintes características:

Nº de empresas	Capacidade instalada de abate
2	bovinos, suínos e aves
6	bovinos e suínos
2	somente suínos
11	somente aves
13	somente bovinos
34 Total	

Além das empresas, foram entrevistados 15 produtores rurais (via formulário), com questões específicas para cada uma das atividades, sendo oito deles integrados à agroindústria do frango, dois à pecuária bovina e cinco produtores integrados de suínos.

*IPARDES-FUNDAÇÃO EDISON VIEIRA. Complexo de produção de proteína animal: documento síntese. Curitiba, 1989. 47p.

O formulário aplicado à agroindústria está subdividido em blocos com as seguintes questões:

Bloco 1 - Características gerais da empresa:

- . identificação da empresa
- . histórico da empresa
- . origem do capital e investimento
- . estratégia financeira da empresa
- . política empresarial
- . planejamento, assessoria e assistência técnica
- . recursos humanos

Bloco 2 - Setor de produção:

- . equipamentos
- . aproveitamento
- . controle de qualidade

Bloco 3 - Mercados:

- . mercados de matérias-primas e insumos
- . comercialização

Bloco 4 - Sistema de produção

- . integrados - suínos e aves
- . não-integrados - bovinos

As principais questões do formulário aplicadas aos produtores rurais foram:

- . Área e condição de posse do estabelecimento
- . Valor das vendas
- . Tempo na atividade pecuária
- . Capacidade instalada dos aviários e pocilgas
- . Produção anual em número de lotes
- . Fases predominantes desenvolvidas pelo estabeleci-

cimento com relação à pecuária bovina (cria, recria, engorda, outros)

- . Área com pastagem natural e pastagem plantada no estabelecimento
- . Número de cabeças de bovinos
- . Condições técnicas criatórias - bovinos, suínos e aves raças, alimentação e mão-de-obra
- . Aquisição de insumos (principalmente rações e medicamentos)
- . Crédito rural e demais financiamentos, seu valor e onde foram obtidos
- . Destino da produção não-integrada
- . Observações do entrevistado

ANEXO 2

A - Memória de cálculo do potencial de produção dos abatedouros/ano no Paraná em 1987:

1) Grandes Plantas : total de integrados - 2.154

produtores

total de aviários - 2.460

	INTEGRADOS		
	Pequeno	Médio	Grande
Número	250	1.930	280
Produção média (por lote de frango)	5.000	12.000	35.000
Produção média/ano (5 lotes de frangos)	6.250.000	115.800.000	49.000.000
TOTAL	171.050.000	x 1,5 kg/frango = 256.575 t de frango	

2) Médias Plantas: total de integrados - 485

total de aviários - 582

	INTEGRADOS		
	Pequeno	Médio	Grande
Número	55	480	47
Produção média (por lote de frango)	4.000	12.000	30.000
Produção média/ano (5 lotes de frangos)	1.100.000	28.800.000	7.050.000
TOTAL	36.950.000	x 1,5 kg/frango = 55.425 t de frango	

3) Pequenas Plantas: total de integrados - 108

total de aviários - 126

	INTEGRADOS		
	Pequeno	Médio	Grande
Número	32	53	23
Produção média (por lote de frango)	3.000	12.000	30.000
Produção média/ano (5 lotes de frangos)	480.000	3.180.000	3.450.000
TOTAL	7.110.000 x 1,5 kg/frango = 10.665 t de frango		

B - Memória de cálculo do potencial de produção para 6
lotes/ano no Paraná - 1987

Produção média/ano - 258.132 x 1,5 kg/frango = 387.198 t
(6 lotes de frangos)

ANEXO 3

A pesquisa de campo foi realizada em duas empresas, DAGRANJA e FRIGOBRÁS, e com doze produtores agrícolas integrados, seis de cada uma das empresas.

Essas duas empresas foram selecionadas a partir das informações obtidas junto à pesquisa do IPARDES, de 1988, segundo quatro critérios. As empresas deveriam ter:

- . inserção no mercado nacional e externo de carne de frango
- . diversificação em subprodutos de frango (inclusive industrialização)
- . integração de um número significativo de produtores rurais

Um outro critério foi a escolha de duas grandes indústrias

- uma delas voltadas exclusivamente à industrialização do frango e a outra com diversificação de produtos - que permitisse uma comparação desses diferentes modos de atuação.

O roteiro de entrevistas nas empresas consistiu das seguintes questões.

1 - A empresa e sua trajetória econômica:

- . Razão social da empresa
- . Capacidade operacional de abate/hora
- . Industrialização - capacidade por hora/dia

- . Tipo de estabelecimento: único
 - matriz
 - filial
 - . Principais produtos do estabelecimento: percentual do faturamento
 - . Histórico da empresa - data de fundação e operação na produção de aves
 - . Modo de surgimento da empresa
 - . Principais momentos ocorridos na planta, desde o início do seu funcionamento, nos seguintes aspectos:
 - a) evolução das linhas de produtos
 - b) expansões e desativações
 - . Forma jurídica do estabelecimento
 - . Origem do capital da empresa
 - . Outros investimentos relevantes, além dos descritos (em termos de rentabilidade, mercado, integração com outras atividades)
 - . Vantagens da empresa na exportação de produtos (com especificação desses produtos)
 - . Tendências e perspectivas para o setor de frango a partir do avanço da pesquisa: biotecnologia, engenharia de alimentos e embalagens
- 2 - O mercado de matérias-primas e insumos:
- . Principais fornecedores de frango: produtores individuais; produtores integrados; produção própria. Fornecedores de milho: produtores individuais; produtores integrados; comerciantes; es-

toques reguladores do governo; produção própria; outros.

- . Origem e distância média dos produtores que fornecem o frango
- . Comercialização: mercado estadual, nacional e externo
- . Dificuldades da empresa na comercialização do frango resfriado, congelado e dos subprodutos industrializados

3 - Sistema de integração:

- . Início da integração e vantagens obtidas pela empresa com esse sistema
- . Funcionamento como do sistema de integração em linhas gerais (condições e exigências da empresa)
- . Critérios da empresa na seleção dos produtores a serem integrados
- . Cálculo do preço pago aos produtores integrados
- . Forma de pagamento efetuada aos produtores
- . Condições em que pode ocorrer perda total ou parcial da produção e modo como a empresa responde pelos prejuízos
- . Vantagens que o sistema de integração oferece aos produtores, segundo a visão da empresa
- . Número de produtores que a empresa mantém na produção de frangos, nos últimos dez anos
- . Alterações ocorridas na relação de integração, em comparação com o início da década de 80 (breve relato sobre as condições anteriores e as atuais)
- . Capacidade instalada de produção de pintos/ano

- . Capacidade instalada de produção de rações para frango
- . Destino da produção de rações e pintos
- . Dificuldades da empresa em assumir o processo criatório
- . Relacionamento da empresa com a associação dos produtores integrados

O roteiro de entrevistas aos produtores integrados segue a seguinte ordem de questões:

- . Condição de posse do estabelecimento (proprietário, arrendatário, outro)
- . Número de aves produzidas anualmente para o abate:
 - Número de lotes
 - Número de aves
- . Valor de vendas total do estabelecimento no ano de 1990 e quantidade desse valor com origem na integração do frango
- . Tamanho do aviário e o número médio de frangos que são alojados
- . Custo aproximado do aviário novo (edificado em alvenaria ou madeira)
- . Modo de aquisição do(s) aviário(s) - recursos próprios, financiamento e a data em que a aquisição se deu
- . Tipos de insumos recebidos da empresa integradora, e despesas assumidas pelo próprio integrado, por lote de frango
- . Tipo de mão-de-obra utilizada (familiar ou contratada)

- . Tempo em que o produtor está integrado
- . Mudanças ocorridas na relação de integração com a empresa, em comparação com o início dos anos 80
- . Custos do produtor integrado e sua renda bruta por lote de frango (planilhas de acerto de conta em mãos do produtor)
- . Mudanças atuais significativas em relação aos aspectos criatórios (taxa de conversão, redução no tempo de criação, novos controles fitossanitários, tamanho do lote etc.)
- . Vinculação do produtor integrado às associações da categoria, tempo de filiação e benefícios conseguidos em comum.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 AVICULTURA INDUSTRIAL, n.63, p.27.
- 2 ACOMPANHAMENTO DA SITUAÇÃO AGROPECUÁRIA DO PARANÁ.
Curitiba : SEAB, v.16, n.12, dez. 1990.
- 3 ALMEIDA, Ana Luzia Ozório (Coord.). Biotecnologia e agricultura : perspectivas para o caso brasileiro.
Petrópolis : Vozes, 1984.
- 4 AMIN, Samir; VERGOPOULOS, Kostas. A questão agrária e o capitalismo. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1977. 179p.
- 5 BANCO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL.
Departamento de Estudos. Mudanças estruturais nas atividades agrárias : uma análise das relações intersetoriais no complexo agroindustrial brasileiro.
s.l. : BNDES, 1988. 126p. (Estudos BNDES,9).
- 6 BANCO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL.
Avicultura no Paraná. Curitiba, 1987. (Relatório n.12/87).
- 7 BANCO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL. Produtos pecuários. Curitiba, 1988. (Relatório n.15/86).
- 8 BESKOV, Paulo Roberto. Agricultura e capitalismo no Brasil. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1980.
(Encontros com a Civilização Brasileira, 19).
- 9 DELGADO, Guilherme Costa. Capital financeiro e agricultura no desenvolvimento recente da economia brasileira.
Campinas, 1984. 319p. Tese (Doutorado), UNICAMP.
- 10 FLEISCHFRESSER, Vanessa. O capitalismo revela sua face mais perversa na crise : análise dos dados do Censo Agropecuário 1985. Análise Conjuntural : IPARDES, v.9, n.12, p.7-12, dez. 1987.
- 11 _____. Modernização tecnológica da agricultura : contrastes regionais e diferenciação social no Paraná da década de 70. Curitiba : Liv. do Chaim : CONCITEC : IPARDES, 1988. 154p.
- 12 FOLHA DE SÃO PAULO, 14 jan.1991. Economia, p.4.
- 13 FUNDAÇÃO IBGE. Censo agropecuário : Paraná 1970. Rio de Janeiro, 1975. 629p.
- 14 _____. Censo agropecuário : Paraná 1980. Rio de Janeiro, 1983. 2v.

- 15 _____. Censo agropecuário : Paraná 1985. Rio de Janeiro, 1991.
- 16 FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. Programa Nacional de Pecuária. Belo Horizonte, 1979. v.5 : Avicultura de corte e postura.
- 17 GIANNOTTI, José Arthur. Formas da sociabilidade capitalista. Estudos CEBRAP, n.24, p.41-126, abr./jun.1978.
- 18 GOODMAN, David et al. Da lavoura às biotecnologias. São Paulo : Campus, 1990. 192p.
- 19 GORZ, André. Crítica da divisão do trabalho. São Paulo: M. Fontes, 1980. 248p.
- 20 GUIA RURAL. São Paulo : Abril, n.6, jun.1990.
- 21 GUIMARÃES, Alberto Passos. A crise agrária. 2.ed. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1982. 362p.
- 22 GUIMARÃES, Eduardo Augusto. Acumulação e crescimento da firma : um estudo de organização industrial. Rio de Janeiro : Guanabara, 1987. 196p.
- 23 IGNÁCIO, Sérgio Aparecido. Análise das relações estruturais de oferta de milho no Estado do Paraná, 1968/1988. Viçosa, 1991. 99p. Dissertação (Mestrado), UFV.
- 24 IPARDES-FUNDAÇÃO ÉDISON VIEIRA. Agroindústria e cooperativas no Paraná. Curitiba, 1985. 54p. Trabalho de campo 16. Convênio PNUD, FAO/BRA/82/017.
- 25 _____. Caracterização da indústria agroalimentar no Paraná. Curitiba, 1985. 50p. Convênio PNUD, FAO/BRA/82/017, CODESUL.
- 26 _____. Complexo de produção de proteína animal : documento síntese. Curitiba, 1989. 47p. Convênio OCEPAR, SENACOOOP.
- 27 _____. Complexo de produção de proteína animal : estratégias industriais para as cooperativas : documento síntese. Curitiba, 1989. 56p. Convênio OCEPAR, SENACOOOP.
- 28 _____. Cooperativas no Paraná : gestão e participação do quadro social. Curitiba, 1985. 55p. Trabalho de campo 17. Convênio PNUD, FAO/BRA/82/017.
- 29 _____. Estratégias técnico-econômicas à indústria de processamento de oleaginosas no Estado do Paraná. Curitiba, 1986. 277p. Trabalho de campo 23. Convênio SENACOOOP, NUAGRO, PNUD, FAO/BRA/82/017.

- 30 KAUTSKY, Karl. A questão agrária. São Paulo : Abril Cultural, 1986. 401p.
- 31 LIBARDI, Diócles. As condições de produção na pecuária de corte brasileira e suas implicações. Curitiba : IPARDES, 1990. Texto preliminar para discussão.
- 32 MARX, Karl. O capital : crítica da economia política. São Paulo : Civilização Brasileira, 1974. Livro 3, v.4.
- 33 MOREIRA, Roberto José. O capital agroindustrial e a pequena produção familiar. Rio de Janeiro : Escolas Interamericana de Administração Pública, Centro de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agrícola, 1981. 120p.
- 34 MÜLLER, Geraldo. Agricultura e industrialização do campo no Brasil. Caderno PUC, n.12, p.15-60, mar.1982.
- 35 _____. O complexo agroindustrial brasileiro. São Paulo : Fundação Getúlio Vargas, 1981. 114p.
- 36 MUNHOZ, Dercio Garcia. Economia agrícola : agricultura - uma defesa dos subsídios. Petrópolis : Vozes, 1982. 107p.
- 37 ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO ESTADO DO PARANÁ. Custo de produção : bovinos, suínos e aves Curitiba, 1988. 75p.
- 38 _____. Custo de produção de frangos. Curitiba, 1991.
- 39 PARANÁ. Governo do Estado. Programa de Desenvolvimento Rural do Paraná. Curitiba, 1987. 15v.
- 40 PARANÁ. Secretaria de Estado da Agricultura. Prognóstico da produção agrícola do Estado do Paraná - 1985. Curitiba, 1985.
- 41 PARANÁ. Secretaria de Estado da Agricultura e do Abastecimento. Custo de produção da avicultura no Paraná. Curitiba, 1990.
- 42 RELATÓRIO ANUAL. s.L. : SADIA, 1989.
- 43 RIZZI, Aldair Tarciso. O capital industrial e a subordinação da pequena produção agrícola : o complexo avícola no Sudoeste paranaense. Curitiba, 1984. 200p. Dissertação, (Mestrado), UFMG.
- 44 ROY, Ewell Paul. Contract farming and economic integration. Danville, The Interstate Printers e Publischers, 1982.
- 45 SANDRONI, Paulo. Questão agrária e campesinato. São Paulo : Polis. 1980. 104p.
- 46 SANTA Catarina busca novo planejamento. Jornal do Sitiente, n.12, dez.90/jan.91.

- 47 SILVA, José Graziano da; STOLCKE, Verena (Org.). A questão agrária. São Paulo : Brasiliense, 1981. 185p.
- 48 SORJ, Bernardo. Estado e classes sociais na agricultura brasileira. Rio de Janeiro : Zahar, 1980. 152p.
- 49 SORJ, Bernardo, POMPERMAYER, Marlon J.; CORADINI, Odacir Luiz. Camponeses e agroindústria : transformação social e representação política na avicultura brasileira. Rio de Janeiro : Zahar, 1982. 119p.
- 50 TAVARES, Maria da Conceição et al. Estrutura industrial e empresas líderes. s.l. : FINEP, s.d. 2v.
- 51 TOPALOV, Cristian. Estruturas agrárias brasileiras. Rio de Janeiro : F. Alves, 1978. 88p.
- 52 TRAGTENBERG, Maurício. Administração, poder e ideologia. São Paulo : Moraes, 1980. 198p.
- 53 TURRA, Flavio Enir. Análise de diferentes métodos de cálculos de custos de produção na agricultura brasileira. Curitiba : OCEPAR, 1990. 96p.
- 54 UNGER, Thomas. Princípios de gestão econômica da empresa. São Paulo : McGraw-Hill do Brasil, 1978.
- 55 WILKINSON, John. O Estado, a agroindústria e a pequena produção. São Paulo : HUCITEC, 1986. 219p.